FEBRE BOLSONARO

No deserto de homens e ideias da política brasileira, até ele arrasta multidões

Abril

veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2518 - ano 50 - nº 8
22 de fevereiro de 2017

ELES NÃO ESTÃO NEM AÍ

Por que os políticos resistem tanto às demandas éticas da sociedade

A cegueira moral de Alexandre de Moraes

A surdez oportuna de Michel Temer

O silêncio cúmplice de Eliseu Padilha

PARA VENCER NA VIDA

O mais moderno, elegante e completo da categoria.

A partir de

NEW ELANTRA 2.0 FLEX 167 CV R$ 79.900

Na cidade somos todos pedestres.

www.caoa.com.br/hyundai

1. Preço a partir de R$ 79.900,00 (faturamento venda direta), referente ao veículo New Elantra 2.0 Flex, catálogo GARR, ano de fabricação/modelo 2016/2017, (branco, preto e prata), não aplicável para demais modelos, cores e versões. 2. Preço à vista de R$ 179.400,00 válido para o veículo Santa Fe, 7 lugares, catálogo GA38, ano de fabricação/modelo 2015/2016, nas cores sólidas (branco e preto), não aplicável para demais modelos, cores e versões. Não cumulativo com outras promoções. Não aplicável na modalidade Troca com Troco. Garantia Hyundai 5 anos: uso particular, sem limite de quilometragem. Uso comercial: garantia de 5 anos ou 100.000 km, o que ocorrer primeiro. Termos e condições da Garantia Hyundai estão estabelecidos no Manual de Garantia do veículo, assim como no Manual do Proprietário, consulte condições. Promoção válida até 28/2/2017 ou enquanto durarem os estoques. Imagens meramente ilustrativas.

GARANTIA HYUNDAI 5 ANOS SEM LIMITE DE QUILOMETRAGEM

CONSULTE CONDIÇÕES NO SITE

PARA APROVEITAR A VIDA

Potência, tecnologia, sofisticação e segurança para toda a família.

SANTA FE 7 LUGARES 3.3 270 CV R$ 179.400

HYUNDAI

CAOA MONTADORA

CAOA MONTADORA. 100% BRASILEIRA.

NO CAPRICHO
É COM O PRESUNTO SEARA.
ELE É ROSADINHO, FRESQUINHO
E TEM SÓ 12 CALORIAS POR FATIA.

Imagens ilustrativas.

A QUALIDADE
VAI TE SURPREENDER.

Seara

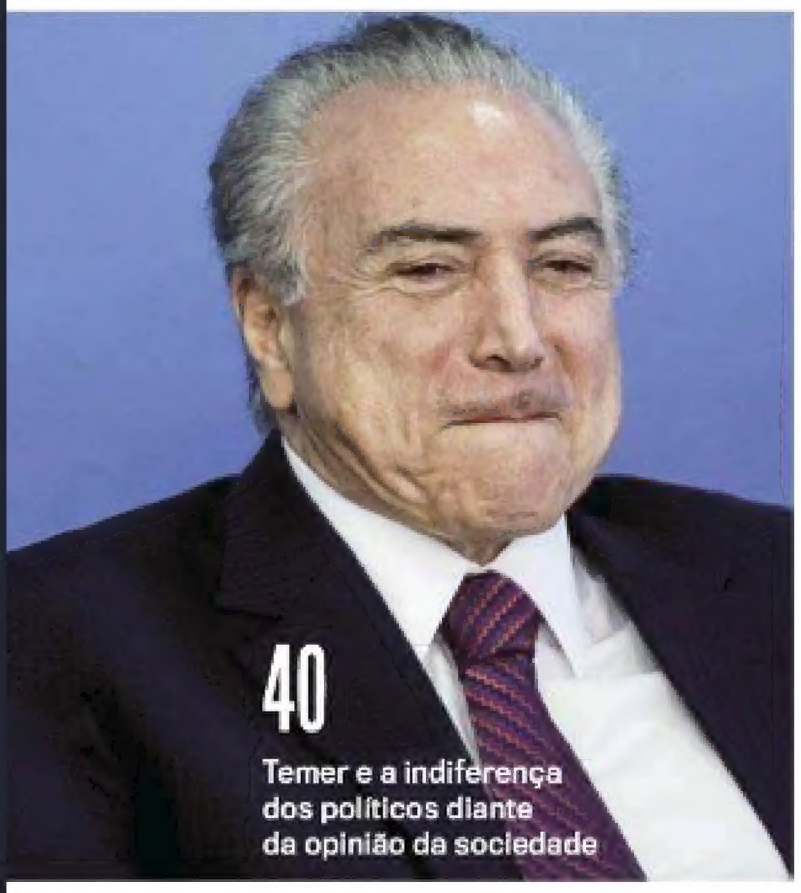
CONTINUA COM MENOS SÓDIO
E MENOS GORDURA.*

*Quando comparado à antiga formulação do presunto cozido Seara, em atendimento à RDC nº 54 de 2012.

ÍNDICE

veja

EDIÇÃO 2518 | ANO 50 | Nº 8



40

Temer e a indiferença dos políticos diante da opinião da sociedade

54

A popularidade de Jair Bolsonaro pelo Brasil

10 Carta ao Leitor
13 Entrevista Humberto Costa
20 Leitor
24 Imagem da Semana
28 Datas
30 SobeDesce
30 A Lista
32 Radar
35 Sensacionalista
36 Veja Essa

40 Poder Os políticos estão dando de ombros às demandas éticas da sociedade
47 Dora Kramer
48 Justiça O futuro ministro do STF participou de reunião cujos anfitriões eram investigados na Lava-Jato
50 Artigo Norman Gall
52 Espírito Santo O governador Hartung fala sobre a crise
54 Eleições Bolsonaro arrasta multidões
60 A resiliência de Lula
62 Estados Unidos Relações suspeitas com a Rússia afetam o governo
64 Coreia do Norte O irmão assassinado do ditador
65 Romênia O povo pressiona por punição total aos corruptos
66 Economia O número de pobres volta a aumentar no Brasil
69 Câmbio O dólar cai e se aproxima dos 3 reais
70 Empresas A Heineken no encalço da AmBev
71 Sérgio Lazzarini
72 Finanças Uma segunda oportunidade para a repatriação
74 Primeira Pessoa Gleison Silva
76 Gente
78 Estilo Donald Trump não sabe usar gravata
80 Página Aberta Carlos A. Nobre e Ana Paula Dutra de Aguiar
82 Ciência Um novo programa de computador promete detectar erros e fraudes em artigos acadêmicos
84 Vida Digital Os benefícios e os perigos dos *lives*, os vídeos exibidos ao vivo em redes sociais
88 Livros *Uma História do Samba – As Origens*, de Lira Neto
92 *Quelé, a Voz da Cor: Biografia de Clementina de Jesus*, de Felipe Castro, Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz
94 Cinema *John Wick – Um Novo Dia para Matar*, com Keanu Reeves
95 José F. Botelho
96 VEJA Recomenda
97 Os livros mais vendidos
98 Roberto Pompeu de Toledo

88 Cartola: um dos personagens no primeiro volume da trilogia sobre a história do samba de Lira Neto

JORGE WILLIAM/AG. O GLOBO; JONNE ROBIZ; ACERVO ICONOGRAPHIA

Tiragem 974 649 exemplares

Sabe o que as 14 melhores companhias aéreas do mundo têm em comum?

São parceiras da Smiles.

É MAIS FÁCIL

Só na Smiles, o melhor programa de benefícios do Brasil, você acumula milhares de milhas e troca por passagens das 14 melhores companhias aéreas do mundo. É muito mais fácil do que você imagina: todas estão integradas num único site e num único aplicativo, a poucos cliques da sua viagem. Simples e rápido! Está esperando o quê? Escolha já seu próximo destino e viaje pelo Brasil e pelo mundo com a Smiles.

SUAS MILHAS VALEM POR ATÉ 6 ANOS MAIOR VALIDADE DO MERCADO

Cadastre-se grátis em

SMILES.COM.BR/EMAISFACIL | BAIXE O APP

Smiles

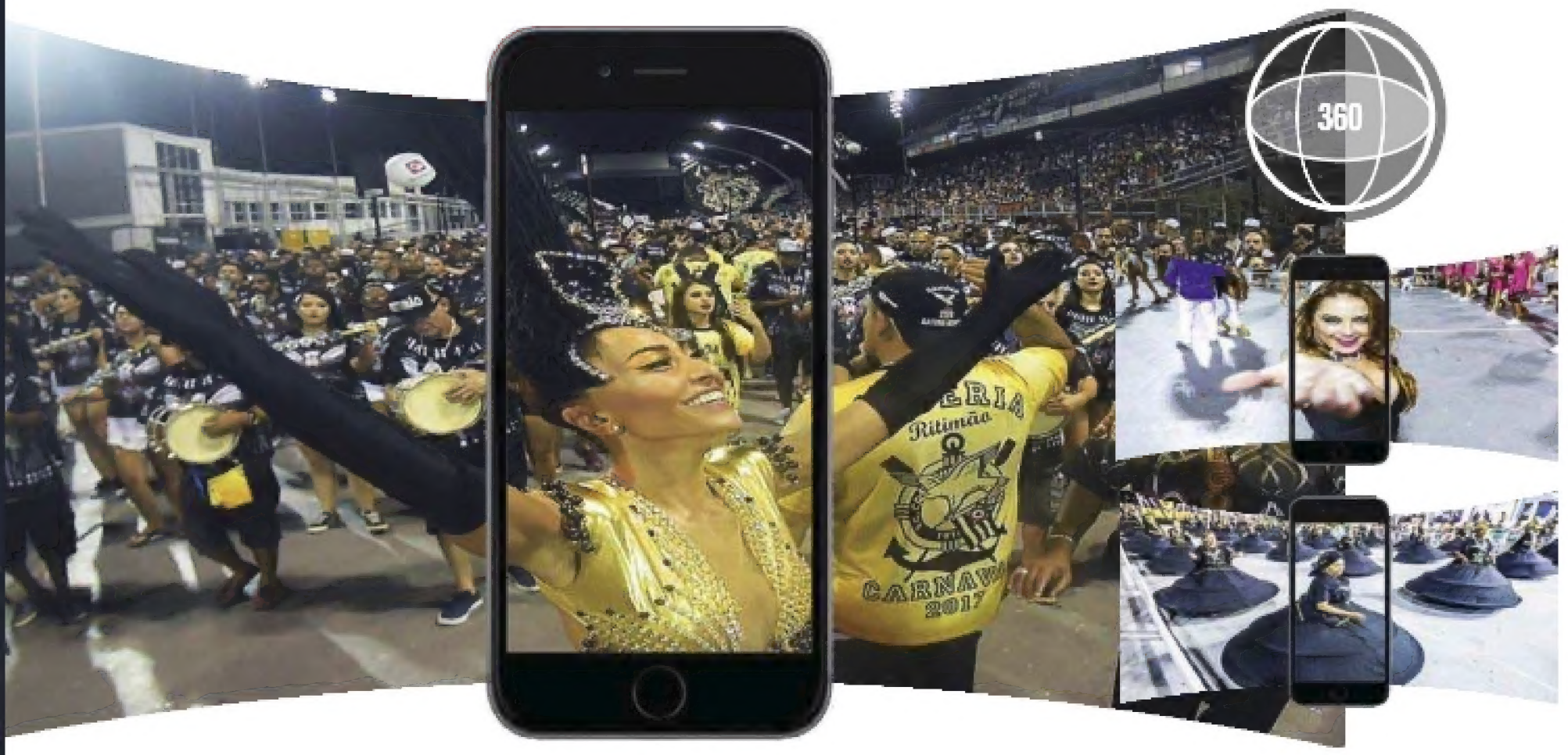
É mais fácil viajar com a Smiles

Nossas parceiras aéreas:

GOL DELTA AIRFRANCE KLM QATAR Aerolíneas Argentinas ETIHAD TAP Alitalia CopaAirlines KOREAN AIR AIR CANADA AEROMEXICO Emirates

FOSBRASIL

Consulte mais informações em www.smiles.com.br



ENSAIO GERAL 360 GRAUS

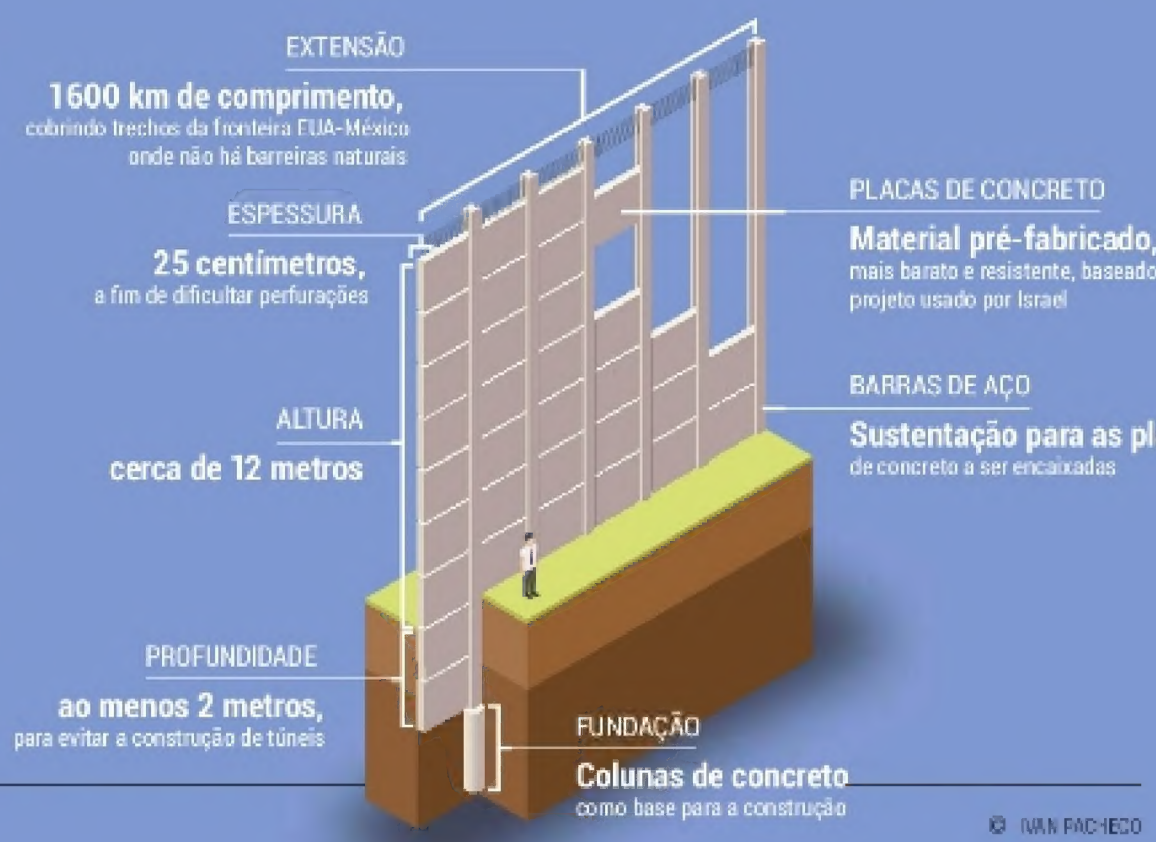
Qual é a sensação de participar de um desfile de Carnaval entre ritmistas, musas como Sabrina Sato e personagens como mestre-sala e porta-bandeira? O site de VEJA preparou uma imersão na folia, com um vídeo de 360 graus feito em ensaio da escola Gaviões da Fiel no Sambódromo do Anhembi. abr.ai/carnaval360

AS ÁGUAS VÃO ROLAR

Em entrevista a TVEJA, a hepatologista do Hospital do Coração de São Paulo Edna Strauss alerta para os riscos do consumo excessivo de álcool e fala dos cuidados para não se "afogar" na folia. abr.ai/alcool

MURALHA AMERICANA

Para conter o fluxo de imigrantes ilegais, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, garante desde a campanha eleitoral que vai erguer uma barreira "linda e impenetrável" na fronteira que separa o México do território americano. Reportagem de VEJA.com mostra quanto custaria o muro de Trump, as fragilidades da proposta, as dificuldades para tirá-la do papel e as dimensões mais prováveis, de acordo com declarações do presidente. abr.ai/muro



© IVAN PACHECO

JAGUAR F-PACE

O MELHOR SUV PREMIUM DO ANO TEM MUITO A OFERECER.

JAGUAR

JAGUAR F-PACE
MELHOR SUV
PREMIUM DO ANO

Impossível não se impressionar com o design e a sofisticação do nosso primeiro SUV. Na versão Jaguar F-PACE Prestige, ele apresenta motor 2.0 Turbocharged Diesel, faróis de Xênon com luzes de circulação diurna "J-Blade" em LED, assentos em couro Taurus e teto solar panorâmico. Um veículo que combina potência com muita tecnologia e versatilidade para o seu dia a dia. A alta performance com condições exclusivas para você.

Aproveite para conhecer também os produtos e acessórios diferenciados da Jaguar Collection.

Visite uma concessionária e faça um test drive.

TAXA DE 0,69%
COM 60% DE ENTRADA
E SALDO EM 24x
+ BÔNUS NO SEU SEMINOVO

- Gerenciamento de tração
  All Surface Progress Control
- Sistema de vetorização de torque
- Navegação InControl Touch (SD)
- Rodas de liga leve de 18"

jaguarbrasil.com.br

/JaguarBrasilOficial /JaguarBrasil /JaguarBrasilOficial

THE ART OF PERFORMANCE

Na cidade somos todos pedestres.

Condição promocional de financiamento válida para o modelo F-PACE 2.0 Prestige a diesel, 180 cv, 0 km, ano/modelo 2016/2016, com preço à vista a partir de R$ 309.700,00, sem pacote de opcionais. Ou através de plano promocional de financiamento com taxa de 0,69% a.m., entrada de R$ 185.820,00 e 24 prestações mensais fixas de R$ 5.823,71. Valor total a prazo de R$ 325.589,40. IOF e TC inclusos no CET. CET de 12,56% a.a. Base da tarifa de registro SP. Financiamento na modalidade CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através da Financeira Alfa S.A. - CFI. Sujeito a análise e aprovação de crédito. Bônus de troca (trade-in) na avaliação do seu veículo seminovo a critério e avaliação de concessionária. Consulte outras versões com taxas promocionais na Rede de Concessionárias. Os serviços financeiros da Jaguar Land Rover são operacionalizados pela Financeira Alfa S.A. - CFI. Jaguar Serviços Financeiros é uma marca registrada de Jaguar Land Rover Ltda. licenciada para a Financeira Alfa S.A. - CFI e suas empresas associadas. Condições válidas de 01/02/2017 a 28/02/2017 ou enquanto durar o estoque de 10 (dez) unidades do referido modelo. SAC 0800-344-2532 (Financeira Alfa especialmente para clientes Jaguar). Ouvidoria: 0800-722-0110 - e-mail: ouvidoria@alfanet.br Exclusivo para deficientes auditivos: SAC 0800-770-5244. Ouvidoria: 0800-770-5740. Para mais informações, consulte a Rede de Concessionárias.

AÇÃO E REAÇÃO
Uma manifestação contra a censura às artes sob a ditadura e o monstro que saiu em VEJA, com legenda em que se pedia que "este senhor desapareça"

DIREITO DO LEITOR

A LIBERDADE DE IMPRENSA é frequentemente confundida com a liberdade de jornais e revistas publicarem aquilo que consideram relevantes. O valor essencial da liberdade de imprensa não é esse: é o direito do povo à informação. Por isso, pela necessidade fundamental de que a sociedade esteja bem informada, a liberdade de imprensa é um direito consagrado em todas as democracias modernas.

Foi o direito do leitor à informação que se violou na semana passada, quando o Palácio do Planalto, num movimento esdrúxulo, recorreu à Justiça para impedir que os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo* publicassem notícias sobre o conteúdo do celular de Marcela Temer que fora hackeado por um criminoso. O juiz Hilmar Raposo Filho, da 21ª Vara Cível de Brasília, atendeu ao pedido do governo. Os dois jornais deixaram de publicar as informações que haviam colhido junto a uma fonte idônea e pública: os arquivos da própria Justiça. Felizmente, o desembargador Arnoldo Camanho de Assis, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, cancelou a decisão.

O presidente Michel Temer, na ação judicial, alegava que a divulgação implicava invasão de privacidade de sua família. O desembargador, ao discordar do argumento, tocou na questão fulcral. Escreveu: "Não há como consentir com a possibilidade de algum órgão estatal — o Poder Judiciário, por exemplo — estabelecer, aprioristicamente, o que deva e o que não deva ser publicado na imprensa". Com isso, restabeleceu-se a ordem democrática, os jornais ficaram liberados para publicar a notícia e, o mais importante, o público pode ter acesso à informação que antes lhe fora sonegada. E tudo sem violar a intimidade de ninguém.

Com esse episódio lamentável, Temer tornou-se o primeiro presidente a tentar censurar a imprensa desde o fim da ditadura militar, em 1985. VEJA conhece essa lança venenosa. Sob a ditadura, teve 119 edições mutiladas pelos censores e, nos espaços em branco das páginas, chegou a usar a imagem de um ser exótico, com asas de morcego e seis pernas, sobre a provocativa legenda: "Espera-se que este senhor desapareça". VEJA perdeu muito com a censura, obviamente, mas o leitor perdeu muito mais. ■

© CLAUDIO/CPDOC JB

DÊ BOAS-VINDAS

ao Emirates A380

Voe no mais moderno e confortável avião do mundo saindo de Sao Paulo para Dubai, a partir de 26 de março. Aproveite o nosso bar a bordo*, o melhor da culinária gourmet em todas as classes e refresque-se em nosso shower spa**. Reserve a sua passagem em emirates.com/br

Hello Tomorrow

Emirates

*Disponível na Classe Executiva e na Primeira Classe. **Apenas para passageiros viajando na Primeira Classe.

Coleção Folha

Histórias de Reis, Príncipes e Princesas

Uma coleção que aumenta o vocabulário do seu filho. Começando pela palavra imaginação.

Chegou a coleção que reúne 25 dos principais contos de fadas para você e seu filho viverem momentos únicos. Leve reis, príncipes e princesas para casa e faça a imaginação do seu filho ir mais longe.

Assinante Folha:
Na compra da coleção completa, ganhe 5 livros e o frete*.
Ligue (11) 3224 3090 (Grande São Paulo) ou 0800 775 8080 (outras localidades).
folha.com.br/principeseprincesas

FOLHA
NÃO SE VIVE PARA BAIXO

*Preço e frete válidos para os Estados de SP, RJ, MG e PR. Para outras localidades, consulte www.folha.com.br/principeseprincesas

HORA DE VIRAR A PÁGINA

O senador de Pernambuco é o primeiro petista do núcleo duro do partido a vir a público dizer que chegou o momento de o PT admitir a corrupção e pedir desculpas à sociedade

MARCELA MATTOS E THIAGO BRONZATTO

O SENADOR Humberto Costa (PT-PE) foi ministro da Saúde do governo Lula, esteve no olho do furacão durante a prisão de Delcídio do Amaral, o ex-petista preso tentando obstruir a Lava-Jato, e durante o traumático processo de impeachment da correligionária Dilma Rousseff. Atuou na linha de frente para amparar o que restou do PT e era o líder do partido no Senado até duas semanas atrás. É, portanto, um petista do núcleo duro da legenda — e, também, a primeira voz autorizada a dizer publicamente, como faz nesta entrevista a VEJA, que chegou a hora de o PT admitir que se envolveu em corrupção, pedir desculpas à sociedade pelos erros que cometeu, abandonar o discurso de "denúncia do golpe" e apresentar propostas econômicas para tirar o país do atoleiro. "A autocrítica é necessária, essencial, mas não é suficiente", afirma.

Seis meses depois de perder o poder, que lição o PT tirou de tudo isso? Saímos da condição de governo para virar oposição repentinamente. Uma coisa é quando se perde a eleição e se tem tempo para uma autocrítica. Nós saímos com o carro andando. Temos de nos adaptar. Não adianta mais ficar apenas no discurso de denúncia do golpe.

Isso quer dizer o quê? O PT foi fragorosamente derrotado. O resultado das

REFORMAR A PREVIDÊNCIA HOJE É PENSAR NO AMANHÃ.

Saiba mais em **reformadaprevidencia.gov.br**

A Previdência Social, nos moldes em que foi criada há quase 100 anos, é considerada um dos seguros sociais mais completos do mundo.

Graças à Previdência, o trabalhador e sua família têm direito aos mais diversos benefícios durante a vida toda: salário-maternidade, salário-família, auxílio-acidente, auxílio-doença, pensão e aposentadoria.

Mas essa grande conquista está prestes a entrar em colapso.
A Previdência pode acabar, assim como já está acontecendo em vários estados brasileiros.

Nesses quase 100 anos em que a Previdência existe, o Brasil e o mundo passaram por mudanças profundas. Duas delas se destacaram das demais: as pessoas estão envelhecendo com mais saúde, vivendo mais tempo, e com os avanços da tecnologia, o estilo de vida de todos está mudando e as famílias estão tendo menos filhos.

Com isso, tem menos gente contribuindo com a Previdência, além do que, tem mais gente desempregada. O nosso sistema previdenciário é baseado num acordo entre gerações: quem está trabalhando hoje paga a Previdência de quem já se aposentou, assim como a geração que virá vai pagar a de quem está trabalhando hoje. Se o número dos que estão pagando a Previdência diminui e o número dos que recebem a Previdência aumenta, as contas não fecham. E aí, em poucos anos, vai faltar dinheiro para as nossas aposentadorias, dos nossos filhos e netos.

A verdade é que essa reforma já deveria ter sido feita há muitos anos, mas não foi. O resultado é que o rombo aumenta a cada ano que passa. A reforma da Previdência precisa ser feita agora para mudar essa realidade, para igualar as regras de aposentadoria, manter os direitos daqueles que realmente têm direito e acabar com os privilégios.

PREVIDÊNCIA.
REFORMAR HOJE PARA
GARANTIR O AMANHÃ.

BRASIL
GOVERNO FEDERAL

eleições municipais obriga a gente a virar essa página. Não dá para ficar só no discurso do golpe, que era verdadeiro, real. A população não quer isso que está aí, mas também não queria o que estava lá com Dilma. O PT tem de fazer uma profunda autocrítica, refazer-se e apresentar um novo projeto. Nós sofremos um tiroteio muito grande. O período que antecedeu o impeachment, com as ações do governo Dilma, que realmente não era bem avaliado, e a Lava-Jato indo para cima do PT, de Dilma, Lula e todos nós, estigmatizou pesadamente o partido.

O senhor fala como se o problema fosse erro político ou a investida da Lava-Jato. Não houve corrupção? Houve. Houve pessoas que podem ter se beneficiado pessoalmente? Claro. No nosso caso, as coisas que até agora têm sido identificadas foram feitas dentro de uma linha de fortalecer a política do partido. Foram feitas com o propósito de manter o poder e de fortalecer o PT. Nesse processo, perdemos as referências. Por isso, o mais importante é o que o PT vai propor daqui para a frente, os valores que pretende adotar.

O senhor é favorável a que o PT admita publicamente ter se envolvido em corrupção, uma atitude que o partido não tomou até hoje? Sim, a autocrítica é necessária, essencial, mas não é suficiente. Serão necessárias algumas ações mais amplas. O partido precisa recuperar a credibilidade diante da população. Fomos eleitos com um discurso e adotamos uma política econômica distante desse discurso, sem sequer explicar isso à população. Muita gente se sentiu enganada.

O PT deve pedir perdão? Eu não elimino essa possibilidade. O próximo congresso do partido, em junho, pode ser um marco importante para o PT. E entre as coisas que ele pode consagrar está uma visão autocrítica que chegue a ponto de dizer ao povo que nós erramos, que nós pedimos desculpas pelos erros que cometemos e que nossos acertos foram maiores. Devemos dizer também que queremos voltar ao poder não para repetir os erros, mas para multiplicar os acertos. Acho que o futuro do PT vai depender muito de como o próprio Lula vai colocar isso. É visível que há gente dizendo que ele está acabado, deixou de fazer isso e aquilo. Então vai ter de chegar a hora em que ele vai ter de dizer, da boca dele: "Olha, isso foi errado, foi feito errado etc.".

"O PT foi fragorosamente derrotado. O resultado das eleições obriga a gente a virar essa página. A população não quer isso que está aí, mas também não queria o que estava lá com Dilma"

Mas o ex-presidente Lula corre o risco de acabar preso pela Lava-Jato. Se um fato como esse acontecesse, seria uma violência institucional e política sem precedentes. Uma coisa como essa talvez até ampliasse a força política de Lula. Como não existem provas, argumentos que justifiquem a prisão dele, acredito que ele não só vai estar livre como será candidato.

O senhor acha que o PT sobrevive sem Lula? Não acho que o PT vai acabar se o Lula sair da cena política. O PT tem uma história, conquistas importantes que dão uma base sólida para sobreviver. Tem vida própria. Muitas vezes até o ex-presidente foi voto vencido em assuntos relevantes dentro do partido. É lógico que, a exemplo da escolha de Dilma, o prestígio dele foi importante. Mas o partido construiu muitas lideranças ao longo do tempo. É verdade que muitas delas foram engolidas no processo do mensalão e da Lava-Jato. Mas o PT conta com uma base social importante.

Por que o senhor desistiu de liderar o PT no Senado? Ser líder é uma responsabilidade enorme, um peso muito grande. Os anos de 2015 e 2016 foram muito difíceis. Além da prisão do Delcídio e de outros, houve a posição do PT sobre determinados assuntos. Em certos momentos, eu, como líder, fiquei como um general sem tropa. Com a saída de Dilma, aconteceram muitos conflitos, muitas divergências dentro da bancada. Há dois grupos bem distintos. O meu, que defende uma posição mais aberta, mais negociadora. E o da senadora Gleisi Hoffmann, que assumiu a liderança no meu lugar e quer o enfrentamento permanente. Na minha visão, não é possível ter uma orientação de enfrentamento permanente.

Essa cisão ficou clara na eleição do senador Eunício Oliveira para a presidência do Congresso. Nesse processo, um grupo tomou a posição de-

liberada de pegar um tema interno, de interesse única e exclusivamente do PT, e criar uma cruzada contra outro grupo. Quem se interessou pelo debate sobre se o PT votaria ou não no Eunicio Oliveira? Só o PT. E aí o que eles, Lindbergh Farias e Gleisi Hoffmann, fizeram foi jogar uma parte da militância contra o grupo dos parlamentares que defendiam o entendimento. Depois da eleição, ainda redigiram um documento em que declaravam não ter votado no Eunício. Fomos escrachados, nos expuseram ainda mais. E ficou assim: todos nós fizemos acordo com os golpistas, mas só alguns votaram.

Não é incoerente o PT fazer uma aliança com aqueles que os próprios petistas classificam como golpistas? Um dos pilares da posição deles é que, uma vez que ocorreu o impeachment, vivemos um período de exceção e não cabe haver entendimento. Ou seja: tudo tem de ser governo e oposição. Eu diria que se trata de um pretexto. Mudaria alguma coisa no Brasil se a gente se posicionasse contra? Não, claro.

Que postura o senhor acha que o PT deve assumir em relação ao governo Temer? Nós temos de responder, como oposição, ao desmonte que eles estão fazendo, com a reforma da Previdência, a reforma trabalhista, a questão do congelamento dos gastos públicos e a política de juros. Mas precisamos mostrar à sociedade como sair da crise. Não basta criticar. Temos de apresentar um programa, um projeto, alguma coisa. É nisso que eu acho que vai residir o papel de Lula. Assumindo ou não a ideia de ser candidato, ele e o PT precisam começar a falar a outros setores da sociedade. Inclusive setores que foram para as ruas iludidos, achando que o problema era o PT e que quando tirassem o PT do poder tudo estaria resolvido.

O senhor apoia o movimento no Congresso para anistiar o crime de caixa dois? Sou contra a anistia. Mas é bom que se faça uma ressalva. O caixa dois não é um crime com a mesma gravidade que receber doações como propina. Às vezes, o próprio doador exige fazer a doação sem registro. Muitas vezes, as empresas faziam doações por meio de caixa dois porque tinham um limite para doação legal. Todo mundo sabe que isso existe, existiu. Mas não é a mesma coisa que receber propinas para votar projetos no Congresso. Há movimentações no Congresso para anistiar o caixa dois porque houve muito exagero do Ministério Público no trato dessa questão. Querem cassar o PT, o PMDB, o PSDB... Não é assim. É preciso estabelecer uma diferença, uma gradação entre o que é crime de caixa dois e o que é propina em formato de doações.

"Querem cassar o PT, o PMDB, o PSDB... Não é assim. É preciso estabelecer uma diferença, uma gradação entre o que é crime de caixa dois e o que é propina em formato de doações"

Que linha econômica o partido deve defender: a mais ortodoxa, adotada por Antonio Palocci, ou a mais intervencionista, adotada por Guido Mantega? A ideia de promover ajustes e mais ajustes está perdendo força dentro do FMI, da Comunidade Europeia e nos Estados Unidos. A saída de diminuir o tamanho do Estado e acreditar que o investimento privado vai fazer com que a economia seja retomada é uma ideia superada. Precisamos continuar apostando na construção de incentivos que partam do Estado. Incentivos de acesso ao crédito, que movimenta a economia. Com isso, pode-se criar um clima de confiança e, ao mesmo tempo, recuperar a arrecadação, o que permite realizar novos investimentos e fazer com que a economia se realimente.

Mas isso não seria repetir os erros que afundaram a economia brasileira no governo de Dilma? O que afundou a economia foi o fato de que demos incentivos demais em momentos que não eram ideais. Se você vai fazer uma política de desoneração fiscal, precisa atrelar isso a um objetivo: estimular a empresa a não parar de produzir e a manter os empregos. Então há que direcionar isso para quem faz uso intensivo de mão de obra e tem condições de faturar mais alto. Tudo o que o governo mandou para cá o Congresso multiplicou por dez. Logo estávamos dando estímulo a comerciantes que importam coisas. Qual a repercussão disso no emprego do país? Nenhuma. Sou favorável a que se possam desonerar temporariamente setores que geram postos de trabalho. ■

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

Ligue grátis: 0800-7752145
Grande São Paulo: (11) 3347-2145

De segunda a sexta, das 8h
às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas,
Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC)
(Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com
Ligue grátis: 0800-7752112
Grande São Paulo: (11) 5087-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital, acesse www.assineabril.com.br/passoapassodigital

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

ligue (11) 3990-1329
(11) 3990-2059
e-mails:
atendimentoconteudoabril@abril.com.br
abrilcontent@abril.com.br
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse: www.abrilconteudo.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-4610
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli, Giancarlo Civita e José Roberto Guzzo

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora da Casa Cor: Lívia Pedreira
Diretor da GoBox: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor de Redação: André Petry

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Mauricio Lima, Policarpo Junior e Thais Oyama

Editor Executivo: Diogo Xavier Scheip **Editor Especial:** Daniel Bergamasco **Editores Seniores:** Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Pedro Dias Leite, Rinaldo Gama **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Eduardo Gracioli Teixeira, Filipe Vilicic, Juliana Linhares, Leonardo Coutinho, Marcelo Marthe **Repórteres:** Alexandre Senechal Duarte, Bruno Meier, Bianca Leite Alvarenga, Fernanda Allegretti, Giulia Vidale, Jennifer Ann Thomas, Marcelo Salcate, Mariana Barros, Natalia Cuminale, Natália Luz, Nathalia Watkins Freire, Pieter Altema Zalis, Renato Onofre de Souza, Sérgio Martins, Talissa de Angelis Azevedo Monteiro, Thaís Botelho, Ulisses Campbell **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais:** ***Brasília*** **- Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Rodrigo Rangel **Editor Sênior:** Daniel Pereira **Repórteres:** Gabriel de Andrade Mascarenhas, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin, Thiago Bronzatto ***Rio de Janeiro*** **- Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Thiago Prado **Repórteres:** Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Leslie Leitão, Maria Clara Vieira **Checadores - Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Amanda dos Santos Bolzani, Andressa Tobita, Gabriel Carna, Leticia Antunes Barreira **Diretor de Arte:** Rafael Costa **Fotografia - Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenador:** Alexandre Reche **Pesquisa:** Ana Paula Galisteu **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Rodrigues **Designers:** André Luis Chagas, Douglas Bresson, Isabel Gontijo Hamdan, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Adriano Pidone, Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** Clara Baldrati, Jô de Melo, Shirley Souza Sodré **Secretários de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Fabiana Pino, Júlio Yamamoto, Maurício Bevilacqua, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Revisão:** André Luís Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Denise da Silva Rocha da Costa, Eduardo Peixoto, Elvira Gago, Helnisa Brady Arraes, Lygia Roncel de Rodrigues Ferreira, Otacílio Nunes, Rosana Tamis, Sergio Campanella, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo de Morais Motta, Lincoln Franzi Messias, Luiz Henrique Silva de Azevedo, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Albuquerque, Roberta de Dorno **Atendimento ao Leitor: Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Marilsen da Nóbrega, Reinaldo Azevedo, Roberto Pompeu de Toledo e Vilma Gryzinski **VEJA.COM - Editores:** Daniel Jelin e Katia Perin (chefes), Fabiana Futema, Isaac Aguiar, Ivan Marcelo Pacheco, Jose Benedito da Silva, Marcos Rogério Lopes, Maria Carolina Maia, Silvio Nascimento, Silvio Navarro **Editores Assistentes:** Alexandre Lopes de Oliveira, Bruna Fasano, Diego Braga Norte, Ricardo Vasques Helcias, Rita de Cassia de Loiola **Repórteres:** Daniela Bruno Flor, Daniela Macedo dos Santos, Edgar da Costa Maciel, Eduardo Gonçalves, Felipe Cotrim, Felipe Frazão de Queiroz, Felipe Machado de Souza, Heitor Feitosa dos Santos, Isabella Infantine, João Pedroso de Campos, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Marina Rappa Neves, Meire Akemi Kusumoto, Nicole Fusco, Raquel Angelo Caniceiro **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Webdesigners:** Andre Fuentes, Sidclei Sobral **Sucursais:** ***Brasília*** **Repórteres:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Checadora:** Luisa Costa de Oliveira e Sousa **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Colletes **Serviços Internacionais:** Alcir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

PUBLICIDADE Andrea Veiga (RJ), Ana Paula Marcou (Moda, Decoração e Construção), Cristiano Teixeira (Financeiro, Mobiliário, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, Telefonia, Saúde, Educação, Agro e Serviços), Marcos Vinicius Ferreira e Renato Mascarenhas (Bens de Consumo, Turismo, Entretenimento e Mídia), William Hagopian (Regionais) **ABRIL BRANDED CONTENT** Edward Pimenta **ASSINATURAS** Adailton Granado (Processos e Produção), Daniela Vada (SAC), Icaro Freitas (Circulação Avulsas), Luci Silva (Marketing Direto, Relacionamento e Retenção), Marco Tulio Arabe (Estúdio de Criação), Mary Veras (Vendas Corporativas), Rodrigo Chinaglia (e-business), Wilson Paschoal (Vendas de Rede) **MARKETING DE MARCAS** Camila Verde (Casa e Decoração), Carolina Berlelli (Femininas), Carolina Floresi (Eventos), Cinthia Utrecht (Estilo de Vida), Edson Ferrão (Digital), Keila Ancprete (Veja), Leander Moreira (Exame) **MARKETING CORPORATIVO** Mauricio Pandin (Pesquisa de Mercado), Diego Macedo (Abril Big Data), Gloria Porteiro (Licenças), Thais Rocha (Relação com o Mercado) **DEDOC E ABRILPRESS** Valter Sabino **ESTRATÉGIAS E OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE** Renata Guimarães **SEO** Isabela Sperandio **PARCERIAS E TENDÊNCIAS** Adrian Lopes **PRODUTO DIGITAL** Renata Gomes **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES** Adriana Flavilla, Adriana Kazan, Emilene Domingues, Renata Antunes **RECURSOS HUMANOS** Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Serviços de RH), Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000.
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA 2 518 (ISSN 0100-7122), ano 50, nº 8. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC | FIPP | ANER | SIP

GRUPO Abril

Presidente da AbrilPar: Giancarlo Civita
Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia
Diretor Corporativo de Marketing: Tiago Afonso
Diretora Corporativa de Recursos Humanos: Claudia Ribeiro
Diretora de Relações Corporativas: Meire Fidelis

www.grupoabril.com.br

PROVE QUE VOCÊ É

#itambest

Se você é

LOUCO POR ITAMBÉ,

MOSTRE EM UMA FOTO OU EM UM VÍDEO

E CONCORRA A PRÊMIOS

SURPREENDENTES.

CONCORRA A EXPERIÊNCIAS ÚNICAS
+ 1 COMBO POR SEMANA DE PARTICIPAÇÃO
DESCUBRA COMO: WWW.ITAMBEST.COM

LAVA-JATO

Na reportagem "O bote está armado" (15 de fevereiro), VEJA relacionou diversos fatos recentes que, embora aparentemente desconexos, têm como principal objetivo limitar os avanços da maior operação de combate à corrupção no Brasil. Do PT ao PSDB. É condizente com seu slogan de ser "os olhos do Brasil".

André Felipe da Silva Corrêa
Macapá, AP

No Senado, Alexandre de Moraes será sabatinado pelos peemedebistas. No Supremo, os peemedebistas serão julgados por Moraes. Essa conta não fecha. Cuidado, presidente. O senhor está indo longe demais.

Alice Arruda Câmara de Paula
São Paulo, SP

Existe uma diferença abissal entre silêncio e alienação. A aprovação do impeachment nas ruas não é salvo-conduto para o novo governo. Atos que se desviem dos bons procedimentos esperados põem os dois governos, o novo e o velho, no mesmo nível.

Antonio Carlos Ferreira dos Santos
Sorocaba, SP

Na alça de mira entra qualquer um que critique os excessos da força-tarefa encabeçada pelo juiz Sergio Moro ou qualquer um de quem se tenha desconfiança, ainda que sem evidências concretas. O senhor Alexandre de Moraes acaba de entrar nessa categoria. Divirjo frontalmente de algumas de suas opiniões, mas não tenho como afirmar que, ao tomar posse como ministro do Supremo, ele agirá parcialmente. O certo é que o debate anda muito ideologizado e tendencioso, o que não é bom, mormente porque entre os pilares do Estado de direito se insere o

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS

Os movimentos para sabotar a Lava-Jato (capa)

Roberto Kalil Filho (Entrevista)

A violenta relação de Lirio Parisotto com Luiza Brunet

Estreia do humor do Sensacionalista em VEJA

Artigo de Dora Kramer

da presunção de inocência. Quem sair da linha que responda por isso. Até lá, ninguém pode ser presumido culpado. Parece simples, não?

Gustavo Henrique de Brito A. Freire
Recife (PE), via smartphone

A assessoria de comunicação do Tribunal Superior Eleitoral esclarece que os fatos referentes ao ministro Gilmar Mendes noticiados na matéria "O bote está armado" são completamente inverídicos. É, no mínimo, fantasioso afirmar que um ministro do Supremo Tribunal Federal faz qualquer tipo de sondagem a respeito de temas de atribuição do presidente da República.

Assessoria de Comunicação do TSE
Brasília, DF

RADAR

O Trench Rossi Watanabe reitera que o processo no qual o colaborador Dalton Miranda foi arrolado diz respeito a fatos ocorridos em 2010, período anterior ao seu ingresso neste escritório ("Façam o que eu digo...", Radar, 15 de fevereiro). Respeitando o princípio da presunção de inocência, o escritório aguardará o esclarecimento dos fatos e a conclusão das investigações. De modo a preservar a transparência no relacionamento com nossos clientes, Dalton Miranda se manterá afastado de suas atividades externas de representação de clientes, até que haja uma conclusão sobre o assunto.

Paulo Sehn
Sócio do escritório Trench Rossi Watanabe
São Paulo, SP

ROBERTO KALIL FILHO

Na magnífica entrevista a VEJA ("'Sinto-me como Bruce Wayne'", 15 de fevereiro), o doutor Roberto Kalil Filho demonstra um amadurecimento intelectual impressionante, grandeza e humildade, ao mesmo tempo. Doutor Roberto Kalil, o senhor é um iluminado. Continue o seu meritório trabalho de salvar vidas e formar médicos sérios, competentes, honestos e humanos, como é a sua trajetória.

Sizino Ferreira Lima Neto
Recife, PE

LUIZA BRUNET

Li a reportagem "O capítulo final de uma paixão violenta" (15 de fevereiro), sobre o ex-casal Luiza Brunet e o bilionário Lirio Parisotto, e concluí: tudo o que começa errado dificilmente acaba certo. A senhora Luiza desde o começo do relacionamento viveu momentos de

RANGE ROVER EVOQUE SE

ACOMPANHA VOCÊ EM TODAS AS TRAJETÓRIAS DE SUA VIDA.

LAND ROVER

ABOVE & BEYOND

O Range Rover Evoque SE, produzido no Brasil, é preparado para tudo. Com motor 2.0L Turbo a gasolina de 240 cv, ele é perfeito para encarar todo tipo de desafio na cidade e fora dela:

- Transmissão automática de 9 velocidades
- Sistema multimídia InControl Touch
- Rodas de 18"
- Faróis de Xênon com LED exclusivo e nivelamento automático
- Iluminação interior ambiente Mood Lighting

Visite a concessionária mais próxima e faça um test drive.

landrover.com.br

A PARTIR DE R$ 203.900,00 À VISTA E TAXA DE 0%
COM 60% DE ENTRADA + 12x

/ landroverbr

Na cidade somos todos pedestres.

Condição promocional de financiamento válida para o modelo Range Rover Evoque 2.0 SI4 SE a gasolina, 240 cv, 0 km, ano/modelo 2016/2016, com preço à vista a partir de R$ 203.900,00 sem parcela de [illegible]. Os através do plano promocional de financiamento [illegible] entrada de R$ 122.340,00 e 12 prestações mensais fixas de R$ 7.030,00. Valor total a prazo de R$ 206.706,00. IOF e TC incluídos no CET. CET de 6,46 % a.a. Base da tarifa de registro SF Financiamento na modalidade CDC (Crédito Direto ao Consumidor), através da Financeira Alfa S.A. - CFI. Sujeito a análise e aprovação de crédito. Consulte outras versões com taxas promocionais na Rede de Concessionárias. Os serviços financeiros da Jaguar Land Rover são operacionalizados pela Financeira Alfa S.A. - CFI. Land Rover Serviços Financeiros é uma marca registrada da Jaguar Land Rover Ltda. licenciada para a Financeira Alfa S.A. - CFI e suas empresas associadas. Condições válidas de 01/02/2017 a 28/02/2017 ou enquanto durar o estoque de 10 (dez) unidades do referido modelo. SAC 0800-345-2532 (Financeira Alfa especialmente para clientes Land Rover). Ouvidoria: 0800-772-0140 - e-mail: [illegible]. Exclusivo para deficientes auditivos: SAC 0800-770-5244. Ouvidoria: 0800-770-5140. Para mais informações, consulte a Rede de Concessionárias.

SÁBIO Diz o cardiologista Roberto Kalil Filho: "Meu prazer está na medicina"

"Somente as pessoas de bom coração para cuidar de outros corações! O doutor Kalil Filho merece toda a felicidade do mundo. Parabéns por ser bondoso e carismático."

Maria De Fátima Gonçalves Lopes
Barueri, SP

violência com esse homem. Por que não acabou no início com essa baixaria que foi mostrada somente agora?
Alice Rodrigues Fernandes
Por e-mail

Toda a indignação que sinto ao ver fotos de hematomas e fraturas acaba ao saber que, mesmo tendo opções, mulheres escolhem permanecer ao lado de homens violentos. Luiza Brunet não é a primeira nem será a última, infelizmente.
Maria do Rocio de Pinho Teixeira
Curitiba, PR

SENSACIONALISTA EM VEJA

A ideia da revista VEJA de voltar a dar espaço ao humor é muito bem-vinda, nestes tempos em que as notícias ruins superam com vantagem as boas, mas pode gerar certa confusão: no caso de algumas histórias, de tão hilariantes, o leitor poderá pensar que a revista errou o local em que as publicou. ("O humor do Sensacionalista agora em VEJA", Carta ao Leitor, 15 de fevereiro)
Abel Pires Rodrigues
Rio de Janeiro, RJ

Com satisfação, parabenizo a revista VEJA pela feliz iniciativa de estrear a coluna Sensacionalista, trazendo-nos um pouco mais de humor no sempre conturbado noticiário semanal do Brasil. Sejam muito bem-vindos!
Daniel Vilela Ribeiro
Pindamonhangaba, SP

ANDRÉ LAHÓZ MENDONÇA DE BARROS

André Lahóz como colunista de VEJA é um grande presente para nós, leitores! Já no seu artigo de estreia ("Economia e felicidade", 15 de fevereiro), Lahóz resume em uma frase o pesadelo que se abate nos Estados Unidos e no mundo: "Trump está aí para provar o que pode fazer um povo que se sente abandonado".
Claudio Ferreira
São Paulo (SP), via tablet

À luz dos 12,5 milhões de desempregados e de forma concisa e objetiva, André Lahóz Mendonça de Barros alertou o Brasil sobre o risco de termos uma nova onda de populismo a partir das eleições de 2018 ao dizer: "Trump está aí para provar o que pode fazer um povo que se sente abandonado". Não podia ser mais claro.
José Pastore
São Paulo, SP

DORA KRAMER

Concordo com o artigo "Muita sorte ao azar" (15 de fevereiro). Michel Temer está agindo nos mesmos moldes de Dilma Rousseff.
Elizabete Duque
Recife (PE), via tablet

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA

As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação**, VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP; **Fax**: (11) 3037-5638; e-mail **veja@abril.com.br**.

Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.
Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

© LAILSON SANTOS

Ofertas em supermercados perto de você.
Onde?

Guiato
Seu app de ofertas

Baixar na App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

Baixe agora

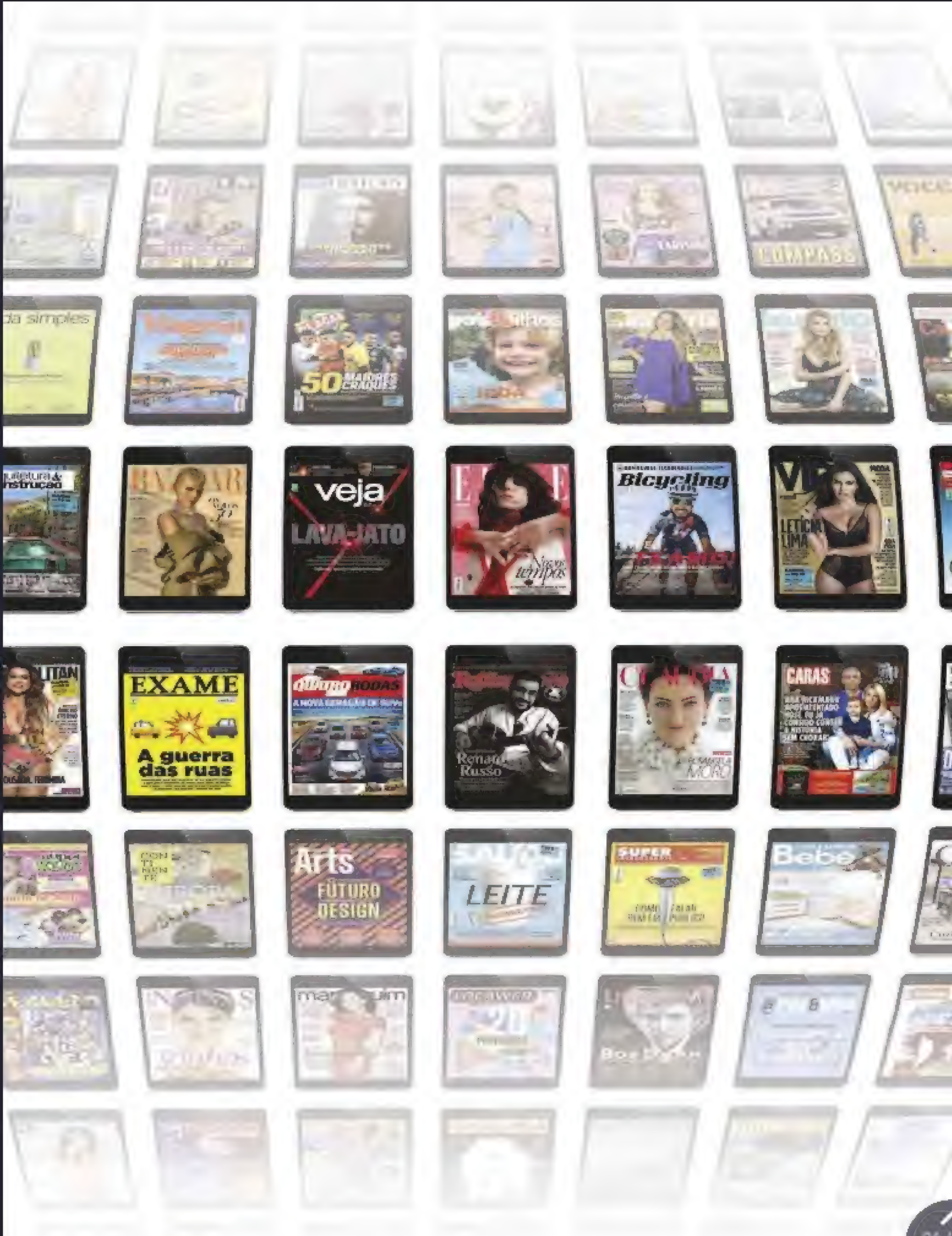
IMAGEM DA SEMANA

© SERGIO MORAES/REUTERS; **CAPA:** ANTONIO MILENA, SERGIO DUTTI, DIDA SAMPAIO/ESTADÃO; CONTEÚDO: CRISTIANO MARIZ

SÓ EM ÚLTIMO CASO

AS FORÇAS ARMADAS só deveriam ser convocadas para atuar na segurança pública nos estados como recurso derradeiro. Se esse princípio estiver sendo seguido à risca, então o Brasil passou boa parte dos últimos dez anos enfrentando situações extremas. Nesse período, as Forças Armadas foram chamadas dezessete vezes para reforçar a segurança e pacificar favelas, sem contar as participações em eventos (cúpulas internacionais e Olimpíada, por exemplo), em eleições e na eliminação do mosquito da dengue. Ao contrário dos policiais que formam a Força Nacional de Segurança, os soldados não têm treinamento específico para o combate e a prevenção de crimes, tampouco têm experiência em lidar com a população civil em situações de tensão. Ainda assim, como medida preventiva, o governo federal colocou 9 000 homens do Exército e da Marinha nas ruas do Rio de Janeiro na semana passada, a pedido do governador Luiz Fernando Pezão, que temia que o motim na polícia do Espírito Santo contaminasse a PM do seu estado. Na quarta-feira 15, houve a primeira morte na Operação Carioca, que vai até o dia 22, podendo ser estendida para contemplar o período do Carnaval. Quem morreu foi um bandido que, depois de assaltar um ônibus, dois motoqueiros e um motorista de Uber, deu de cara com os fuzileiros navais. Por sorte, no tiroteio que se seguiu, apesar da aglomeração de civis na área, só o assaltante morreu. Quanto mais tempo durar, menos a operação se parecerá com o que mostra a foto ao lado: um passeio descontraído, apimentado por uma troca de sorrisos, no calçadão de Copacabana. ■

Diogo Schelp


COMPASS
da simples
50 MAIORES CRAQUES
veja
LAVA-JATO
Bicycling
LETÍCIA LIMA
EXAME
A guerra das ruas
Renato Russo
CARAS
Arts
FUTURO DESIGN
LEITE
SUPER
Bebe

Chegou GoRead.

Acesso ilimitado a mais de 150 revistas em um só lugar.

Com GoRead você tem acesso a revistas digitais de diversas editoras para ler quando e onde quiser.

Apenas R$ 22,90/mês

Acesse **goread.com.br** e assine já!

GoRead

uma empresa Abril

AL JARREAU O cantor americano começou a carreira tardiamente – perto dos 30 anos –, mas ganhou sete Grammys, em três gêneros: jazz, rhythm and blues e pop **EDSON BUENO** Fundador da operadora Amil, era considerado o 18º homem mais rico do país **TIBÉRIO GASPAR** Compositor de *Sá Marina*, sucesso de Wilson Simonal regravado por Stevie Wonder

MORRERAM

Al Jarreau, cantor americano de jazz, rhythm and blues (R&B) e pop. Arrematou prêmios Grammy em todas essas categorias: o talento correspondia ao seu ecletismo. Filho de um ministro de igreja que era também um excelente cantor, e tendo a mãe o costume de tocar piano nos cultos religiosos, Alwin Lopez Jarreau cresceu num ambiente musical. Começou a cantar aos 4 anos. Mas, apesar da precocidade, sua carreira só decolou quando ele estava perto dos 30, e os malabarismos com a voz tornaram-se respeitados mundialmente. Antes de se dedicar à carreira artística, Jarreau formou-se em psicologia e trabalhou auxiliando pessoas com deficiência. Ficou conhecido a partir de seu segundo álbum, *We Got By* (1975) — dez anos antes, havia lançado *1965*, com pouca repercussão. No início do mês, ele tinha sido hospitalizado, com exaustão, o que o obrigara a cancelar vários shows. Dia 12, aos 76 anos, de causa não especificada, em Los Angeles.

Edson de Godoy Bueno, empresário paulista, fundador da operadora de plano de saúde Amil. Em 2012, ao vender 90% do capital da Amil Participações ao grupo americano United-Health, Bueno passou a integrar a lista de bilionários brasileiros — em 2016, ocupava a 18ª posição, segundo a revista *Forbes*. A transação foi consolidada por 10 bilhões de reais. Depois de trabalhar como engraxate e vendedor de frutas, Bueno, que era de Guaratinguetá, mudou-se para o Rio a fim de cursar medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Empreendedor, ainda era estudante quando se tornou sócio da Casa de Saúde São José. Em 1976, criou a Empresa de Serviços Hospitalares (Esho) e, dois anos mais tarde, a Amil. Em 2014, assumiu, em parceria com sua ex-mulher, Dulce Pugliese, o controle da Dasa, a maior companhia de medicina diagnóstica da América Latina. Em 2016, a Amil foi citada na Lava-Jato. O empresário sofreu um infarto fulminante enquanto jogava tênis. Dia 14, aos 73 anos, em Búzios.

Tibério Gaspar, compositor carioca notabilizado por canções como *Sá Marina*, *Teletema* e *BR-3*, sucessos na voz de Wilson Simonal, Evinha e Tony Tornado, respectivamente. As três músicas foram criadas com o pianista Antonio Adolfo, seu parceiro musical desde a era dos festivais, na década de 60. Naquele tempo, Gaspar também trabalhava como professor de matemática. Violonista autodidata, ele compôs canções de novelas da Rede Globo e da TV Manchete, foi produtor de discos e shows e fez jingles publicitários. Interpretaram suas músicas nomes como Elis Regina, Tim Maia e Stevie Wonder. Dia 15, aos 73 anos, de septicemia, no Rio de Janeiro.

Fabrício Paulino de Melo, ex-jogador mineiro de basquete que atuou na NBA, conhecido como Fab Melo. Com 2,13 metros, mudou-se para os Estados Unidos aos 17 anos e, em 2011, passou a jogar pela Universidade de Syracuse, em Nova York. Seu bom desempenho levou-o a ser contratado pelo Boston Celtics, na NBA. Na liga americana, no entanto, Fab Melo não obteve bons resultados. Atuou também no Memphis Grizzlies e no Dallas Mavericks, mas acabou retornando ao Brasil, em 2014. Ultimamente, jogava no Brasília. Fab Melo foi encontrado morto em seu quarto. Dia 11, aos 26 anos, de morte natural com causa indeterminada, em Juiz de Fora. ■

APONTE A CÂMERA PARA ESTA PÁGINA E OUÇA SUCESSOS DE AL JARREAU E TIBÉRIO GASPAR

© TERRY O'NEILL/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES; GERMANO LIDERS; DIVULGAÇÃO

FAIXA AZUL

MAIS DE 70 ANOS DE HISTÓRIA E TRADIÇÃO.

Ano de 1940. Vito Antonio D'april chega ao Brasil vindo da Itália, trazendo a receita de seu queijo artesanal. Com 12 meses de maturação e finalizados com uma faixa azul pintada à mão, os queijos logo conquistaram o paladar dos brasileiros.

Hoje, mais de 70 anos depois, além do melhor parmesão, Faixa Azul também é a marca dos melhores queijos especiais: brie, camembert, emmental, gruyère, blue cheese e gouda. Uma linha com a qualidade, sabor e tradição que só Faixa Azul pode oferecer. Experimente.

FAIXA AZUL

A MARCA DOS MELHORES QUEIJOS.

SOBEDESCE

SOBE

FGTS
Depois da liberação das contas inativas, o limite de valor do imóvel novo para compra com recursos do fundo passará de 950 000 para 1,5 milhão de reais

NOTÍCIAS VERDADEIRAS
Escolas americanas estão oferecendo aulas para ensinar alunos a separar as notícias falsas das verdadeiras – um projeto de lei na Califórnia quer tornar essa uma disciplina obrigatória

BANGU NO ALALAUÊ
O uniforme usado por presidiários como Sérgio Cabral, sua mulher, Adriana Ancelmo, e Eike Batista virou hit no Carnaval carioca – em uma semana, foram vendidas quase 200 fantasias

DESCE

SUPERLOTAÇÃO NOS PRESÍDIOS
O STF decidiu que presos alojados em cadeias superlotadas têm direito a indenização do governo. Hoje, há mais de 620 000 detentos para 370 000 vagas

SAMSUNG
O herdeiro e vice-presidente da empresa, Lee Jae-yong, foi preso, acusado de pagar à presidente da Coreia do Sul, Park Geun-hye, 36 milhões de dólares em troca de favores

SALMÃO
Devido a um parasita chamado "piolho-do-mar" e outros problemas, que derrubaram a produção chilena e norueguesa em 10%, o preço do peixe subiu 50% no atacado

A LISTA

OS 5 MELHORES "SINCERICÍDIOS" DE POLÍTICOS BRASILEIROS

1. O NOTÁVEL
Na semana passada, o ministro Eliseu Padilha, sem saber que era gravado, afirmou em uma palestra que o governo queria um "notável" na Saúde mas, no fim, decidiu fazer o de sempre: trocar o cargo pelos votos do PP no Congresso. Ficou por isso mesmo

2. CHEIRO DE POBRE
Numa sabatina em 2016, Rafael Greca, candidato a prefeito de Curitiba, disse o que pensava sobre mendigos e o que eventualmente emana deles: "A primeira vez que tentei carregar um pobre no meu carro, vomitei por causa do cheiro". Foi eleito

3. UMA CHACINA POR SEMANA
No auge da crise carcerária, o secretário nacional da Juventude, Bruno Júlio, disse em entrevista: "Sou filho de polícia, né? Tinha era que matar mais, fazer uma chacina por semana". Pediu demissão

4. DESVIO É NATURAL
Em 2014, o então governador do Ceará, Cid Gomes, defendeu em entrevista a candidatura do aliado Camilo Santana, que era alvo de denúncias de corrupção: "Desvio de dinheiro é natural e intrínseco ao serviço público". Santana foi eleito

5. O RUIM A GENTE ESCONDE
Em 1994, o então ministro da Fazenda, Rubens Ricupero, disse, sem saber que estava no ar na TV: "Não tenho escrúpulos. O que é bom a gente fatura; o que é ruim a gente esconde". Caiu e pediu desculpa

© STOCK: UESLEI MARCELINO/REUTERS; RODOLFO BUHRER/ESTADÃO
CONTEÚDO: ELIZA FIÚZA/AGÊNCIA BRASIL; ANA PAULA PAIVA/VALOR

Banho com óleos Florais

é com Francis

Agora na versão líquida

O aroma, a névoa perfumada, aquele momento só seu. Assim é um banho floral com a nova linha de sabonetes Francis. Feita com óleos florais extraídos das melhores flores do mundo, com uma perfumação excepcional, e fragrâncias únicas e inusitadas. Pele macia e perfumada por mais tempo*. Francis agora também na versão líquida, três fragrâncias que vão surpreendê-la, experimente.

Banho com óleos florais é com Francis.

EIKE Ação nos EUA diz que ele escondeu dinheiro de investidores

TAL PAI, TAL FILHO

Além da Lava-Jato, **Eike Batista** responde a uma ação na Justiça americana por ter desviado 572 milhões de dólares do grupo X para uso pessoal. No processo, obtido pelo Radar, seu filho Thor aparece como cúmplice. O jovem movimentou 100 milhões de dólares.

HOMEM DE FAMÍLIA

Eike é acusado ainda de esconder patrimônio em nome de parentes. De acordo com a ação, ele deu dois prédios de 20 milhões de dólares ao filho Olin, 7 milhões de dólares e um apartamento à mulher, Flávia Sampaio, e 60 milhões a Thor.

O RH DE CURITIBA

Marcelo Odebrecht tem recebido executivos na cadeia para falar sobre os pacotes de demissão de funcionários da empresa. Na hora da rescisão, muitos reclamam que Marcelo tinha prometido mais benesses no passado.

QUEM É O CHEFE?

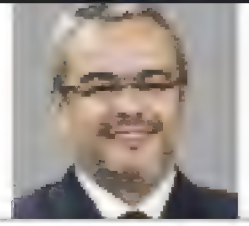
Deprimido com a vida no xilindró, Sérgio Cabral decidiu fazer delação premiada. Mas as primeiras conversas foram desanimadoras. Os procuradores lembraram que ele precisa entregar alguém maior para conseguir o acordo.

FOGO AMIGO

Quem trabalha contra a indicação de José Beltrame para a Secretaria de Segurança Pública em Brasília é Moreira Franco. Os argumentos são duros: ele não resolveu o problema no Rio e ainda gosta de grampear os chefes.

NÃO AOS POLÍTICOS

Na viagem ao Oriente Médio, **João Doria** fez um périplo pelos fundos soberanos. Num deles, o Adia, foi recebido pelo príncipe Hamed Bin Zayed Al Nahyan, irmão do presidente de Abu Dhabi. Nunca nenhuma autoridade brasileira havia estado com o tal príncipe. Dono de um fundo de 900 bilhões de dólares, ele ficou cerca de uma hora com Doria. Ao final, surpreso em saber do ineditismo do encontro, o prefeito perguntou por que ele o havia recebido. "Não gosto de políticos. O senhor é um gestor. Por isso, eu o recebi." Doria saiu exultante.



MAURICIO LIMA

PLANO FRUSTRADO

Alvo da Operação Leviatã, o filho de Edison Lobão, Márcio, almejava a presidência do poderoso Instituto de Resseguros do Brasil. O sonho acabou.

LULA NA CADEIA?

Um levantamento do Instituto Paraná Pesquisas, feito depois da morte de Marisa Letícia, perguntou a 2 020 entrevistados se Lula deveria ser preso. Foi apertado. A maioria, 49,4%, disse que não. Outros 45,3% responderam que sim. O resto não sabe.

ATÉ O FIM

A pesquisa perguntou ainda se Michel Temer terminaria seu mandato como presidente. Quase 61% acham que sim.

QUE ASSIM SEJA

Henrique Meirelles prometeu a Temer que o PIB crescerá 2,8% em dezembro, comparado ao mesmo mês do ano passado.

O TURISMO AGRADECE

Depois de muita discussão, a Embratur vai mesmo virar agência. Com isso, deve receber 10% do endinheirado sistema S, cerca de 400 milhões de reais por ano.

EM MÃOS ESTRANGEIRAS

A brasileira GP Investimentos fez oferta pelo Galeão, mas tomou um não da Odebrecht. Estão no páreo a chinesa CRCC, a francesa Vinci, a espanhola Acna e a singapurana Changi.

RETA FINAL

A venda das Casas Bahia e do Ponto Frio deve ser sacramentada depois da Páscoa. Quatro grupos estão firmes: Lojas Americanas, rede Falabella (Chile) e os fundos Advent e Carlyle.

VOLTA ÀS ORIGENS

Depois de passar o aniversário de 80 anos em Portugal, Abilio Diniz comprou uma cobertura em Cascais, próximo a Lisboa. Sua família veio daquele país.

MELHOR FICAR

Prudente, Marco Polo Del Nero fez uma consulta formal ao FBI para saber se poderia viajar aos EUA. Sem resposta nenhuma, o presidente da CBF tem evitado deixar o país.

DERROTA FORA DE CAMPO

O **São Paulo** está com a receita de patrocínios em queda. A Prevent Senior não vai mesmo renovar o contrato de 25 milhões de reais com o time, e a Under Armour quer um desconto de 10 milhões de reais ao ano no seu acordo. ■

SÃO PAULO Problemas com dois patrocinadores vão reduzir a receita

NOTAS DIÁRIAS EM WWW.VEJA.COM
Gabriel Mascarenhas e Thiago Prado

© ANTONIO SCORZA/AG. O GLOBO; JOÃO OLIVEIRA/AGÊNCIA ESTADO; ALEX SILVA/ESTADÃO CONTEÚDO

DANUBIO

Prove agora.

Novos cremes de queijo e cottage Danubio, tão gostosos que você vai querer os três no seu café da manhã.

DANUBIO
QUEIJO TIPO *Cottage*
QUEIJO TIPO COTTAGE
200g

DANUBIO
CREME DE *Queijo Frescal*
ULTRAFILTRADO
CREME DE QUEIJO FRESCAL ULTRAFILTRADO
200g

DANUBIO
CREME DE *Ricota*
CREME DE RICOTA
200g

Lançamentos

DANUBIO.COM.BR

Prove com

HUMOR

ANO I • XVIII

Sensacionalista

isento de verdade

22 FEV 2017

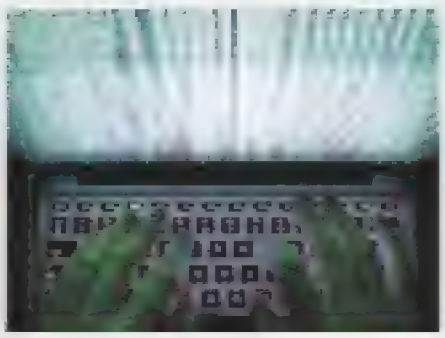
Lula processa Moreira por apropriação cultural do foro privilegiado

Confirmado no cargo de ministro pelo STF, Moreira Franco não vai deixar de ganhar alguns cabelos brancos (se é que sobra espaço para mais algum). O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva entrou com um processo contra ele por apropriação cultural do uso do foro privilegiado.

"A ideia foi minha e da companheira Dilma. Agora ele quer roubar? Tchau, querido", disse Lula, em gravação divulgada pelo juiz Sergio Moro Privilegiado.

Satisfeito com o resultado, o presidente Michel Temer já se prepara para uma reforma ministerial. Ele vai fundir todas as pastas e criar uma só: o Ministério do Foro Privilegiado.

Capixaba tenta hackear celular de Marcela para Temer mandar policiais ao estado



O cerco ao hacker que chantageou Marcela Temer, envolvendo 33 policiais, deixou o capixaba enciumado. Um morador de Serra que foi assaltado duas vezes desde o início da paralisação está há três dias tentando entrar no celular da primeira-dama. Sua esperança é que Temer envie um efetivo policial equivalente para sua rua.

"Até o sobrinho da vizinha, que entende mais de informática, está ajudando", disse.

O desespero só aumenta: um grupo de professores pensou em protestar por melhores salários para ver se a PM aparecia na rua, nem que fosse para bater neles e prendê-los. Já um grupo de ativistas pró-aborto e liberação da maconha recebeu apelos até de setores conservadores da sociedade para sair às ruas: "Sabem que, se a gente pisar no asfalto, já aparecem as balas de borracha e os cassetetes", disse o líder.

† MORREU † A liberdade de imprensa, depois que o presidente Temer proibiu jornais brasileiros de noticiar fato ligado a sua mulher.

SOBE

O MEDO
da classe média de Lula voltar em 2018

DESCE

A CERTEZA
de que Bolsonaro era só uma piada

Frases

"O absurdo é o novo normal."

Clarice Lispector

NOTA DE DESAPARECIMENTO

Procura-se o senador Aécio Neves no noticiário político e nas investigações da Lava-Jato. Caso seja encontrado, favor entrar em contato com a redação.

Dilma diz que o Brasil vive um retrocesso: "Até o dólar voltou a custar R$ 3,00"

Desaparecida desde que deixou a Presidência para dirigir Uber, Dilma Rousseff voltou com carga total. Ela criticou duramente o governo Temer. Segundo Dilma, a inflação está descontrolada: "As ações da Petrobras, por exemplo, triplicaram de preço. E eles estão dizendo que a inflação caiu".

Para a ex-presidente, Temer representa um retrocesso tão grande que até a Sessão da Tarde agora só exibe *A Lagoa Azul*. "O dólar está aí custando R$ 3,00 e já custou R$ 4,20 comigo. Ele está destruindo até a economia dos EUA." Dilma fez um apelo ao povo: "As coisas vão ficar muito piores. Tempos difíceis vêm por aí: estoquem vento". ■

© SERGIO DUTTI, KACPER PEMPEL/REUTERS, ERALDO PERES/AP PHOTO, CRISTIANO MARIZ, ARQUIVO O GLOBO, PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

VEJA ESSA

"Não faz sentido um gasto público enorme para oferecer leite a adolescentes."

JOÃO DORIA, prefeito da capital paulista, justificando, na *Folha de S.Paulo*, por que, a partir de março, o programa de entrega de leite a alunos da rede municipal só beneficiará crianças mais pobres de até 6 anos (223 000). Em 2016, foram atendidos 916 000 alunos, de até 14 anos

"A presença *(das Forças Armadas nas ruas)* é uma segurança para as pessoas. Mas isso, na prática, se usar com exclusividade, é dar férias a bandido. O bandido vai se retrair e depois voltar."

RAUL JUNGMANN, ministro da Defesa, no *Valor Econômico*

"Se nós somos machistas, então o mundo inteiro é."

MARCELO CAETANO, secretário da Previdência, ao defender, em visita à Câmara dos Deputados, regras de aposentadoria iguais para homens e mulheres

"Não estou impressionado o bastante pelo sucesso de nossa civilização para pensar que somos o único lugar neste imenso universo que contém criaturas vivas e pensantes."

WINSTON CHURCHILL, estadista inglês (1874-1965), deixando claro — em um ensaio escrito na década de 30 e divulgado na semana passada pela revista britânica *Nature* – que, para ele, os ETs eram tão reais quanto os seus famosos charutos

"O mundo não está se tornando protecionista; sempre foi."

AXEL KICILLOF, ex-ministro da Economia da Argentina, no *Valor Econômico*

© JORDANO KEVORK/JANSEZIAN/AFP

"Ser imortal é tudo."

USAIN BOLT, velocista jamaicano, que recebeu em Mônaco o Prêmio Laureus de melhor atleta masculino de 2016, em *O Globo*

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA AO DISCURSO DE ADELE

"Eu não posso aceitar esse prêmio. O álbum *Lemonade* foi tão monumental, Beyoncé. Foi tão bem pensado e lindo e honesto. Nós somos gratos por isso."

ADELE, cantora inglesa, ao receber o Grammy de álbum do ano, um dos cinco que conquistou. Depois do discurso, ela mostrou seu troféu partido em dois – o que gerou uma avalanche de posts que diziam que a artista britânica o teria quebrado para dar uma metade a Beyoncé. No entanto, mais tarde, Adele foi vista trocando o Grammy em pedaços por um inteiro

"A ideia do casamento é muito romântica, muito bonita, e sua prática pode ser uma coisa muito bela. Mas não acredito que seja natural uma pessoa ser monogâmica."

SCARLETT JOHANSSON, atriz americana, na *Playboy* de março/abril (EUA). A notícia de seu divórcio do jornalista francês Roman Dauriac veio à tona em janeiro. Na entrevista, ela o chama ainda de marido

saint andrews
GRAMADO-RS

CARNAVAL NO CASTELO
ÚLTIMOS LUGARES
(3 e 4 noites)

O cenário perfeito para quem quer fugir do agito das grandes cidades. A programação inclui happy hour, almoço ao ar livre nos jardins, jantar degustação inspirado nas "Ilhas do Caribe", visita ao tradicional Parque Gaúcho, churrasco no cantinho gaúcho do hotel, música ao vivo e muitas outras surpresas inesquecíveis.

VERÃO ROMÂNTICO NO CASTELO, APROVEITE!
(2, 4 e 7 noites)

Até 20 de março teremos a tradicional programação romântica de verão, além do exclusivo Festival Detox (03 a 05 de março) e um jantar inesquecível no Dia da Mulher (08 de março). A partir do dia 21 de março iniciaremos a programação especial "Outono no Castelo", com muitas novidades para os casais enamorados celebrarem a estação com luxo e requinte.

FESTIVAL CATENA ZAPATA
(17 a 19 de março)

Um evento para aficionados por vinhos. Inclui jantar especialmente elaborado pelo chef André Soares e harmonizado com produtos da conceituada vinícola e bodega de Mendonza, Argentina.

RESERVAS
(54) 3295-7700
saintandrews.com.br

PRÓXIMAS PROGRAMAÇÕES ESPECIAIS
- PÁSCOA MÁGICA (13 a 16 de abril)
- FERIADO TIRADENTES (20 a 23 de abril)
- FESTIVAL DOM PÉRIGNON & CAVIAR (28 de abril a 01 de maio)

Foto: Aurélie Marrier d'Unienville. As imagens podem conter material não especificamente autorizado por terceiros. Usares de direito.
Caso você não tenha interesse que a sua imagem seja veiculada, entrar em contato com doemais@cruzvermelha.org.br

PRESENTE

SEJA + DOE +
www.doecruzvermelha.org

25 MIL VOLUNTÁRIOS NO BRASIL TRABALHANDO PARA OS BRASILEIROS, CUIDANDO DAQUELES QUE PRECISAM DE APOIO.

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

ELES ESTÃO

Com atitudes que ignoram as exigências éticas da sociedade, os políticos ampliam o fosso que os separa da opinião pública e levantam uma questão: até onde eles vão?

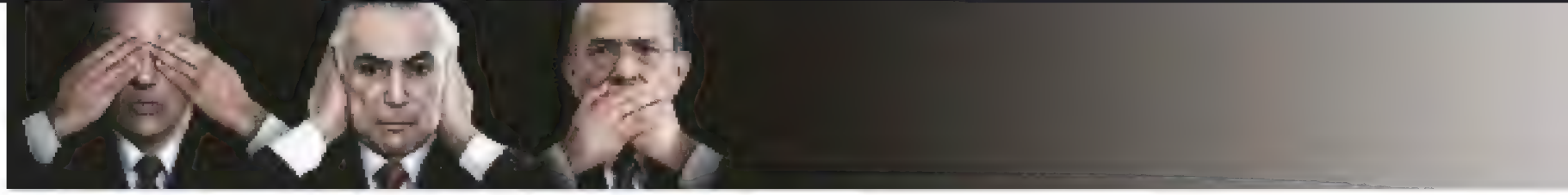
DANIEL PEREIRA E THIAGO BRONZATTO

© ANTONIO MILENA; ALAN MARQUES/FOLHAPRESS; CRISTIANO MARIZ

CONTRAMÃO
Alexandre de Moraes, Michel Temer e Eliseu Padilha: ações e inações que vão de encontro ao que a população demanda

SE LIXANDO

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM



Na quinta-feira passada, agentes federais bateram à porta da casa de Márcio Lobão, presidente da Brasilcap, uma subsidiária do Banco do Brasil, em busca de provas de que ele recebera propina em nome de seu pai, o senador Edison Lobão. Uma batida policial é sempre um constrangimento, mas o senador saiu-se do episódio com aquela indiferença olímpica tão própria de certos políticos. Fez-se de morto, enquanto seu partido, o PMDB, lançava uma nota em que dizia que "apoia todas as investigações" e saúda tudo o que possa "tornar célere a conclusão dos processos".

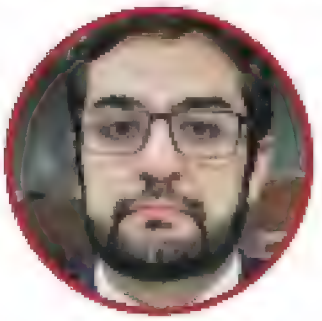
Em democracias mais maduras, um fato dessa grandeza teria implicações dramáticas. Em Brasília, não aconteceu nada. Edison Lobão, apesar das suspeitas de que se envolvera em pagamentos e cobranças de suborno, foi premiado com um silêncio generalizado e cúmplice. Continua no comando da Comissão de Constituição e Justiça do Senado, posto de alta relevância, no qual terá a honra de presidir, nesta semana, a sabatina do indicado a ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes. O suspeito vai questionar as intenções do seu futuro juiz. É macunaímico.

Dotados de um dom natural para captar os humores do eleitorado, os políticos — qualquer político — intuem a hora de avançar e a hora de recuar. Na vertigem da política brasileira, tem-se a impressão de que eles foram subtraídos dessa intuição natural. Parece que deixaram de enxergar e de ouvir as exigências de uma opinião pública que, desde 2013, dá sinais de exaustão com a roubalheira dos cofres públicos e os comportamentos abertamente imorais. Como as aparências quase sempre enganam, aqui também há um equívoco: os políticos não estão propriamente mudos, cegos ou surdos — estão, sim, em luta disfarçada para sobreviver aos próprios delitos.

"Agora não se trata mais só de preservar a fortuna que eles ou alguns deles eventualmente tenham feito", diz o cientista político Paulo Kramer. "Trata-se de preservar a liberdade." Na segunda-feira passada, o presidente Michel Temer deu uma larga contribuição à liberdade de seus auxiliares. Pressionado pelas denúncias de que seu governo vem manobrando para sabotar a Lava-Jato, Temer fez um pronunciamento no qual garantiu seus bons propósitos. Ele anunciou que, de agora em diante, qualquer auxiliar denunciado pelo

O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS

ANTONIO LAVAREDA
CIENTISTA POLÍTICO
"O Brasil vive desde 2013 uma crise de representação, um afastamento entre políticos e a sociedade. Em alguns momentos, como o que atravessamos, a capacidade da sociedade de mudar sua agenda ganha, à luz de novos fatos, inusual velocidade. E isso não é acompanhado pelos políticos, cuja lógica de atuação é obcecada pela manutenção de seus mandatos e privilégios."



RAFAEL CORTEZ
CIENTISTA POLÍTICO
"O descaso com a opinião da sociedade traz uma desconfiança sistêmica em relação aos políticos, mas não necessariamente causa punições individuais. Quando chega a eleição, seja em razão da memória curta das pessoas, seja porque os eleitores avaliam os benefícios diretos que receberam, muitos se reelegem. Daí a crença de que esse tipo de conduta não é punido nas urnas."

ROGÉRIO SCHMITT
CONSULTOR POLÍTICO
"Os políticos reagem basicamente a um tipo de incentivo: o eleitoral. Talvez possamos relativizar essa premissa de que os políticos são indiferentes aos anseios da população. É uma questão de percepção. Para o político, mais importante que a manifestação de rua ou as redes sociais é a mensagem das urnas. Quantos eleitores vão escolher o deputado a partir do caso Moreira Franco?"

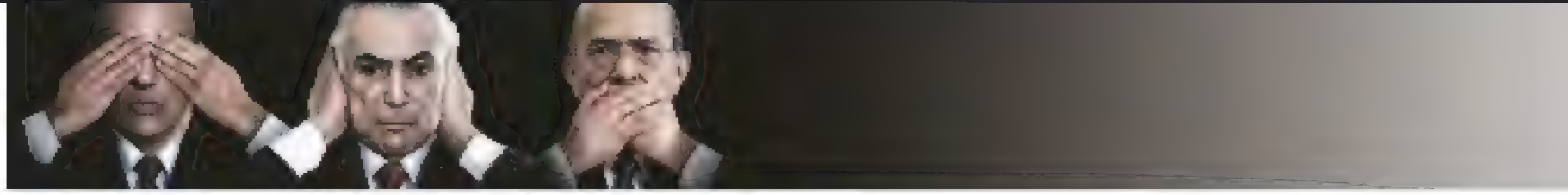
© CRISTIANO MARIZ, VALTER CAMPANATO/ABR, BRASIL, FERNANDO CAVALCANTI, FELIPE COTRIM, ERNESTO RODRIGUES/AE, GILTO MONTEIRO, O GLOBO

DANÇA DE LOBOS Os senadores Edison Lobão e Romero Jucá comportam-se como se nada estivesse acontecendo

PAULO KRAMER
CIENTISTA POLÍTICO
"Agora não se trata mais só de preservar a fortuna que eles ou alguns deles eventualmente tenham feito. Trata-se de preservar a liberdade. A prioridade é não ser preso. Se não há como recuar, a saída que eles enxergam é seguir adiante. Estão desesperados. Fazem um cálculo imperfeito e inexato: se a rua parou de roncar com a intensidade do período anterior, vamos em frente."

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA
PÓS-DOUTOR EM CIÊNCIA POLÍTICA
"As manobras se repetem porque eles se sentem legitimados pelo voto. Se você olhar historicamente, esses personagens continuam a ser eleitos. E, no poder, tomam atitudes para a manutenção do *status quo*. Achar que a sociedade está indo numa direção e os políticos em outra talvez não seja a percepção correta. A classe política, para o bem ou para o mal, é de alguma maneira o reflexo da sociedade."

JAIRO NICOLAU
CIENTISTA POLÍTICO
"Há um completo descolamento entre os representantes políticos e a sociedade. O que se vê da parte deles é uma tentativa de sobrevivência a qualquer custo. Desde a redemocratização, nunca os políticos tiveram tanta incerteza sobre o seu futuro. E essa incerteza é um combustível muito forte para que eles continuem a tomar atitudes com o único objetivo de perpetuar-se no poder."



CHANTAGEADA
Marcela Temer: hacker ameaçou jogar o nome do presidente "na lama"

A CONVERSA QUE NÃO SE PODE OUVIR

Incomodado com uma reportagem sobre uma tentativa de extorsão contra sua mulher, o presidente Michel Temer acionou a Justiça na semana passada e conseguiu proibir que os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo* publicassem notícias referentes ao assunto. Na quarta-feira, um desembargador do Distrito Federal suspendeu a proibição – na prática, uma censura –, e o governo desistiu de recorrer *(leia a Carta ao Leitor sobre a questão, na pág. 10)*.

A reportagem que motivou a ação do presidente trazia uma troca de mensagens entre Marcela Temer e o hacker Silvonei José de Jesus. Nela, o hacker dizia que uma gravação encontrada no telefone de Marcela poderia jogar o nome de Temer "na lama". A defesa do presidente argumentou que o conteúdo do celular de Marcela é pessoal e, portanto, não poderia ser divulgado – ainda mais porque fora usado em uma tentativa de extorsão. Já a *Folha* sustentou que o fato de Marcela Temer ser mulher do presidente e as conversas fazerem alusão a ele torna os diálogos tema de interesse público. Afirma a advogada do jornal, Taís Gasparian: "Os fatos divulgados não dizem respeito à intimidade da primeira-dama. A informação trazida à tona, e que motivou a publicação, é a de que o conteúdo hackeado poderia potencialmente atingir o presidente da República".

A troca de mensagens entre Marcela e o hacker estava na parte pública do processo, mas o áudio (a conversa que jogaria o nome de Temer "na lama") não foi divulgado. Como era justamente um dos conteúdos que motivavam a tentativa de extorsão, está sob sigilo desde o início. É uma conversa, em 2015, entre Marcela e seu irmão Karlo, que queria ser vereador em Paulínia (SP). Segundo pessoas que tiveram acesso às mensagens de voz, Marcela dava dicas ao irmão, com base na experiência do marido, de como usar assessores para lidar com os diversos pedidos que candidatos costumam receber em campanha. Sem que a íntegra da conversa venha à tona, é impossível saber se é inócua ou se compromete Temer. Como o governo certamente está convicto de que nada o compromete, bem faria se brigasse pela divulgação, e não pela censura.

Ullisses Campbell

© ANDRÉ DUSEK/ESTADÃO CONTEÚDO

Ministério Público será afastado do cargo temporariamente e qualquer auxiliar tornado réu será sumariamente demitido. No jogo de aparências, é uma medida rigorosa. Na prática, uma bênção para os suspeitos. Com uma nota de corte tão baixa, até Romero Jucá, o ministro caído do Planejamento, e Henrique Eduardo Alves, apeado do Turismo, poderiam permanecer fagueiros em seu cargo.

Os analistas logo perceberam o truque presidencial. Afinal, a regra anunciada praticamente elimina a possibilidade de demissão dos atuais ministros citados na megadelação da Odebrecht. São eles: Eliseu Padilha, Moreira Franco, José Serra e Gilberto Kassab. A regra lhes proporciona uma serena sobrevida porque, mantido o atual ritmo de tramitação de casos semelhantes no Supremo, não existe nem a mais remota possibilidade de que algum desses ministros seja denunciado antes do fim do mandato do presidente Temer, em dezembro de 2018. Um levantamento da Fundação Getulio Vargas (FGV Direito Rio) mostra que se gastam em média 600 dias entre a instauração de um inquérito e a apresentação de uma denúncia no STF. Ou seja, a turma Padilha, Moreira, Serra e Kassab está com tudo azul até 2019.

À luz da mensagem presidencial, os ministros sentem-se livres para se movimentar. Nenhum deles age com mais desenvoltura do que Alexandre de Moraes, licenciado da Justiça. Para cabalar votos à sua indicação para o Supremo, Moraes confraterniza abertamente com investigados — e nem tão abertamente, como na noite em que se submeteu a uma sabatina informal na chalana *Champagne* sobre as águas do Lago Paranoá, em Brasília *(veja a reportagem na pág. 48)*. O ministro Eliseu Padilha, o "Primo" nas planilhas da Odebrecht, foi flagrado durante uma palestra admitindo abertamente que a escolha do ministro da Saúde foi apenas um toma lá dá cá. O governo, disse ele sem saber que estava sendo gravado, queria nomear um "notável" para o posto, mas preferiu cortejar os votos do PP. E, assim, uma das mais relevantes pastas do governo do Brasil caiu nas mãos do ex-deputado Ricardo Barros. Padilha não foi nem admoestado pela confissão incômoda. É macunaímico.

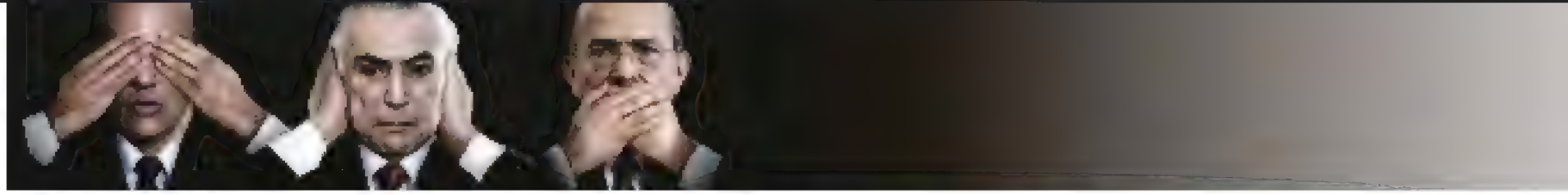
No Congresso, os movimentos que têm incomodado a opinião pública também continuam. Na semana passada, o senador Romero Jucá, o "Caju", que há muito busca "estancar a sangria", teve a ousadia de propor uma blindagem dos presidentes da Câmara e do Senado. Pela sua proposta, os ocupantes desses postos só poderiam ser responsabilizados por crimes cometidos durante o mandato. Se aprovada sua ideia, Rodrigo Maia, o "Botafogo", estaria livre de responder às denúncias contidas na delação da Odebrecht. Jucá recuou com a grita.

A insistência dos políticos em driblar as demandas éticas da opinião pública é permanente. Como diz o cientista político Antonio Lavareda, "a lógica de atuação é obcecada pela manutenção de seus mandatos e privilégios". Até agora, pelo menos, a vigilância da opinião pública tem conseguido neutralizar essa atuação. Há pouco, os parlamentares tentaram aprovar um projeto retirando da Justiça Eleitoral o poder de impor sanções a partidos que descumprem a lei e cujas contas são reprovadas. Não conseguiram. Há meses tentam emplacar uma anistia do crime de caixa dois eleitoral, algo que atinge a esmagadora maioria de deputados e senadores. Também não conseguiram — nem desistiram. Se a opinião pública piscar, eles voltam a atacar.

Uma boa parte do comportamento dos políticos explica-se pela impunidade na Justiça e nas urnas. Nisso, o foro privilegiado joga um papel decisivo. Na semana passada, Moreira Franco, o "Angorá", foi autorizado a continuar no seu posto com foro privilegiado. O decano do Supremo, ministro Celso de Mello, manteve a nomeação e ainda rechaçou com veemência a acusação recorrente de que o foro privilegiado é um convite à impunidade. Disse o decano: "Falar em blindagem em virtude do foro privilegiado, como usualmente se fala em parte da doutrina, é depreciar a dignidade do STF, que não tem a sua atuação pautada pela vontade da Presidência da República".

O decano pode estar certo na defesa da "dignidade do STF", mas os números sobre o desempenho do tribunal mostram que a blindagem é um fato. Segundo a FGV, só 0,74% das ações penais na corte envolvendo pessoas com prerrogativa de foro

Os políticos envolvidos em escândalos de corrupção apostam na impunidade, na falta de memória dos eleitores e na passividade da opinião pública



PROMOVIDOS Moreira Franco, o ministro, e Gleisi Hoffmann, a líder do PT: corrupção e lavagem de dinheiro

resulta em condenação. "A carga de trabalho e o volume de processos são uma desculpa. Quando os ministros querem, decidem de forma célere", disse Ivar Hartmann, professor da FGV e coordenador do projeto Supremo em Números. Para ele, o problema é que falta vontade ou, em suas palavras, "eficiência". Hartmann conta que, no ano passado, os ministros do Supremo demoraram mais de um mês, em média, para dar um mero despacho numa ação penal. Num inquérito em que o atual ministro do Transporte, Maurício Quintella, é acusado de ter participado de um esquema de desvio de dinheiro público quando era secretário de Educação de Alagoas, entre 2003 e 2005, foram necessários 986 dias — ou seja, mais de dois anos — para que a ministra Cármen Lúcia, relatora do caso e atual presidente do STF, desse um despacho incluindo a denúncia do Ministério Público na pauta de julgamento. Até hoje, não foi decidido se Quintella se sentará no banco dos réus ou se as suspeitas serão arquivadas.

Com o senador Renan Calheiros, ex-presidente do Congresso, não foi diferente. Em agosto de 2007, instaurou-se inquérito para apurar se o peemedebista, conforme revelara VEJA, havia usado os préstimos e o bolso de um lobista da empreiteira Mendes Junior para bancar despesas pessoais da jornalista Mônica Veloso, com quem tem uma filha. Só no ano passado, depois de nove anos e quase quatro meses, 8 844 folhas e 45 volumes, Renan virou réu. A depender da data do julgamento e da pena, o senador pode se safar graças à prescrição.

O próprio desempenho do Supremo na Lava-Jato é ilustrativo das engrenagens emperradas. Desde a deflagração da operação, foram apresentadas vinte denúncias ao Supremo envolvendo 68 políticos. Até agora, não houve uma única condenação. Em Curitiba, para mostrar o contraste, houve 57 acusações contra 260 suspeitos. O juiz Sergio Moro, sozinho, já condenou 87 pessoas por crimes como corrupção, tráfico de influência e lavagem de dinheiro. O Supremo claudica até em investigações em que há fartas evidências, como acontece no caso do senador Fernando Collor, acusado de receber 29 milhões de reais em propinas. Apesar das provas, faz um ano e meio que o STF está analisando se aceita ou não a denúncia.

Ciente do histórico do Supremo no julgamento de políticos, o ministro Luís Barroso quer restringir o alcance do foro privilegiado. Ele propôs aos

SERGIO LUTTI; CRISTIANO MARIZ; WEBERSON SANTIAGO

DORA KRAMER

HONRA AO DEMÉRITO

Mais que demitir, é preciso não admitir

colegas que o Tribunal só julgue acusações por crimes cometidos durante e em razão do exercício do cargo. Por essa regra, a denúncia de cobrança de propina por parte de Moreira Franco, quando era ministro da Secretaria de Aviação Civil, ficaria a cargo da primeira instância. "O sistema é feito para não funcionar", diz Barroso. Tanto não funciona que os políticos não se sentem ameaçados nem constrangidos. Vale para Romero Jucá, do PMDB, vale para Gleisi Hoffmann, do PT, agora alçada à condição de líder do partido, apesar de ré em processo de corrupção e lavagem de dinheiro.

Enquanto a Justiça tropeça na punição, a opinião pública, ainda que exausta com denúncias e roubalheiras, tropeça na hora de aplicar a punição à sua disposição — o voto. "O descaso com a opinião da sociedade traz uma desconfiança sistêmica em relação aos políticos, mas não necessariamente causa punições individuais", afirma o cientista político Rafael Cortez. Um caso exemplar remonta a 2009, quando a Câmara absolveu um deputado do baixo clero que fora acusado de uso irregular da verba de gabinete. Artífice da absolvição, o deputado Sérgio Moraes (PTB-RS) afirmou, na época, o seguinte: "Estou me lixando para a opinião pública". Desde então, o petebista gaúcho conquistou mais dois mandatos de deputado federal. Tudo sugere que a "lei" Sérgio Moraes, essa que prescreve se lixar para a opinião pública, é uma daquelas legislações que pegaram em Brasília. ■

Com reportagem de Bruna Narcizo e Renato Onofre

MOREIRA FRANCO é ministro. Alexandre de Moraes está praticamente assegurado no Supremo Tribunal Federal, Antonio Cláudio Mariz, crítico da Lava-Jato, foi por isso preterido na lista dos preferidos ao Ministério da Justiça. Em boa hora, diga-se. Nessa toada, o presidente Michel Temer assegurou que denunciados serão afastados e os réus demitidos do governo.

Com isso, pela ótica do Palácio do Planalto os flancos abertos por passos em falso na política foram fechados e a situação administrada. Na visão do público, cuja opinião é crucial, contudo, nada está resolvido. Disso dão notícia quaisquer conversas entre pessoas comuns sobre os inúmeros inquéritos, citações e processos envolvendo o grupo do presidente. Turma, diga-se, da pesada.

É com ela e em nome dela que Michel Temer tem transitado da posição de preferido para dar um jeito no país à condição de preterido na lista dos políticos mais bem aceitos pela sociedade.

Seus índices de popularidade caem na proporção inversa dos sinais de reorganização da economia. Dado irrelevante, caso essa queda não se relacionasse aos erros do governo no campo dos bons costumes e sim aos acertos decorrentes de medidas rigorosas tomadas no intuito de recolocar o Brasil no rumo certo.

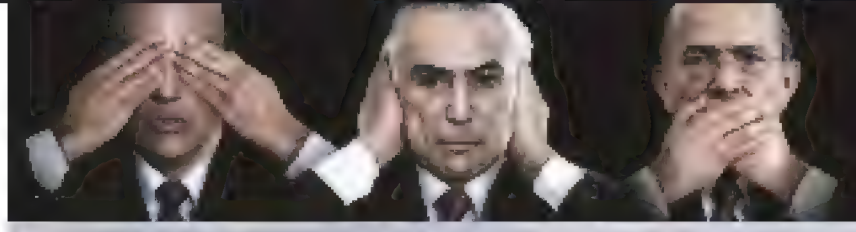
Temer não é candidato em 2018, mas seu partido (PMDB) é candidatíssimo a sentar no banco do carona do PSDB. Não irão a lugar algum sem levar em conta o julgamento moral do público, no qual se inclui a irritabilidade com a mentira e com o abuso do discernimento alheio. Instrumentos dos quais Planalto e adjacências têm feito uso — se me permitem a repetição — abusivo.

O anúncio da decisão presidencial de impor critério à permanência (ou não) de ministros nos respectivos cargos encerra lição mais eloquente que a aula de fisiologismo explícito dada pelo ministro Eliseu Padilha sobre a utilidade do balcão de votos como método para a escolha de ministros.

"Normal", diz Padilha para espanto de quem esperava do governo outro tipo de eficiência — aquele firmado no preceito de honra ao mérito —, uma vez que os atuais inquilinos no poder substituíram seus antecessores alegando, entre outros motivos, a prática sistemática da concessão de honra ao demérito. Já Temer em seu pronunciamento foi além: consignou a licença para transgredir.

Sem denúncia ou pronúncia de sentença, agentes públicos são imunes ao julgamento moral daqueles a quem devem servir. O presidente inverte conceitos, usando a presunção da inocência em prol da suposição de livre indecência. Por essa régua, os nomeados podem tudo, menos ser pegos, quando o correto seria não os admitir a fim de que não fosse necessário demiti-los.

Com essa e várias outras, Temer contratou um volta às ruas marcado para depois de o Carnaval chegar. ■



SOBRE AS ÁGUAS A chalana *Champagne*, das festas animadas, e o ministro

NO EMBALO DA CHALANA

Futuro ministro do STF, Alexandre de Moraes confraternizou com senadores lava-jatistas em reunião cujo anfitrião foi um empresário também enrolado **RODRIGO RANGEL**

PARA SER CONFIRMADO no cargo, o candidato a uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF) precisa ser aprovado pelo Senado. É natural, portanto, que se apresente aos parlamentares e exponha suas ideias antes da sabatina de praxe. Assim procedeu Alexandre de Moraes. Um dia depois de ser indicado para o STF, ele foi convidado para um encontro com um grupo de senadores em Brasília. Situação perfeitamente normal — mas, daí em diante, a coisa tomou contornos heterodoxos.

O jantar, que, imaginava o ministro, ocorreria na casa de um dos senadores e em terra firme, deu-se no interior de uma chalana, sobre as águas do Lago Paranoá. Batizada de *Champagne*, a embarcação é como se fosse um apartamento flutuante de dois andares. Tem uma ampla sala no 1º piso e uma suíte no 2º. Seu dono, o senador Wilder Morais (PP-GO), é um empresário milionário e extravagante, que

CRISTIANO MARIZ

caiu de paraquedas na política. Ele costuma emprestar a chalana a colegas para encontros bastante animados. Durante mais de uma hora, o ministro, oito senadores e um assessor especial do governo Temer navegaram na embarcação — ouviram música, jantaram, beberam algumas taças de vinho e conversaram.

Um pouco menos convencional ainda que a excursão no lago foi o ponto de partida do jantar. Moraes, conforme combinado com os senadores, dirigiu-se inicialmente a uma casa no Lago Sul. Ao chegar ao endereço indicado, foi recebido por um empresário simpático que não conhecia. Era um tal Geovani Meireles. O anfitrião deu-lhe as boas-vindas, mostrou-lhe o casarão e indicou o lugar da reunião — a chalana, atracada no píer da propriedade, bem ao lado de um heliponto. Moraes não sabia, mas estava em companhia bem pouco recomendada. Conhecido como Jarrão, o empresário Geovani Meireles é parceiro de negócios de um doleiro que comandava a filial do banco clandestino de Alberto Youssef em Brasília. É investigado em dois inquéritos que ligam políticos a propinas e financiamento de campanhas com dinheiro sujo. Jarrão também é amigo do senador Ciro Nogueira, presidente do PP, investigado como um dos grandes beneficiários do esquema de corrupção na Petrobras. Uma empresa de táxi aéreo da qual ele é sócio conseguiu fechar contratos para o transporte de funcionários de plataformas da Petrobras, onde Nogueira e companhia mandavam e desmandavam, até a descoberta do petrolão.

A reunião com os parlamentares foi organizada pelo ex-deputado Sandro Mabel, conterrâneo de Wilder e assessor do presidente Temer. Um dos senadores presentes contou que o grupo tinha duas curiosidades: entender o que o ministro pensava sobre prisões após a condenação em segunda instância e descobrir se teriam acesso ao seu gabinete. "Vocês, quando chegam lá, viram deuses e não querem mais saber de nós", queixou-se Benedito de Lira, do PP de Alagoas, alvo de inquérito da Lava-Jato em curso no mesmo Supremo que Moraes deverá integrar.

ARAPUCA A casa onde a embarcação estava atracada pertence ao empresário Geovani Meireles, amigo do senador Ciro Nogueira *(foto)*, ambos investigados pela PF

No jantar a bordo da chalana *Champagne*, entre garfadas no fettuccine finalizado dentro de uma peça gigante de queijo grana padano, o tom inicial das perguntas dos senadores foi de cobrança. Quiseram saber sobre os serviços advocatícios prestados por Moraes ao ex-deputado Eduardo Cunha e a uma empresa acusada de ligação com o Primeiro Comando da Capital (PCC). Aos poucos, o ambiente foi se desanuviando. Quando o inexperiente senador Cidinho Santos (PR-MT) ensaiou uma selfie com Moraes e outros presentes, foi logo advertido por Lira: "Sem fotos, porque podem entender mal esse nosso encontro aqui". Que pensamento! Da reunião participaram outros políticos controversos, como o senador Ivo Cassol (PP-RO), condenado à prisão pelo Supremo por fraudar licitações.

É provável que Alexandre de Moraes, no embalo da chalana, nem desconfiasse que caíra numa arapuca própria dos perigos de Brasília. O futuro ministro entendeu que o jantar seria na casa de Wilder. "Compareci e fui surpreendido ao saber que a reunião ocorreria em um barco atracado na residência", afirmou, em nota. Um assessor completou que Moraes também não tinha ideia da fama da embarcação, notória por suas festas do balacobaco. Além disso, a chalana estava irregular e poderia ter sido interceptada pelos agentes da Marinha que fiscalizam a navegação nas águas do Paranoá. Para o futuro ministro da mais alta corte de Justiça do país, é saudável saber onde pisa. ■

REPÚBLICA DOS AMIGÕES

Com a morte de Teori e a possibilidade de acusados saírem ilesos da Lava-Jato, é bom observar as consequências na Rússia e na China do casamento da política com a corrupção endêmica

"A FRAQUEZA DAS instituições do Estado é uma isca para empresários inescrupulosos e uma razão para que eles chantageiem e pressionem as autoridades na busca de seus interesses egoístas", dizia Vladimir Putin na sua apresentação ao Parlamento russo em 1999, como candidato à Presidência. "O resultado disso é a proliferação do crime em nossa economia." Em seu grande livro *Putin's Kleptocracy* (A Cleptocracia de Putin), de 2014, Karen Dawisha, da Universidade Miami, em Ohio, observa que Putin e seus amigões "estabeleceram um sistema que sabota, burla e imita a democracia mas serve à finalidade de criar um Estado autoritário, unificado e estável que permite à turma de Putin beneficiar-se do roubo dos recursos naturais russos".

O Brasil é diferente da Rússia, na vocação para a democracia e nas liberdades conquistadas, mas padece de fraquezas institucionais e do entrincheiramento no poder de grupos restritos que retardam o desenvolvimento. Até a morte do ministro Teori Zavascki, relator da Lava-Jato no Supremo Tribunal Federal, o Brasil parecia encaminhado para tirar proveito do atual escândalo, fortalecendo as suas instituições. No entanto, daquela morte súbita surgiram oportunidades para os acusados criminalmente saírem ilesos e até para reforçarem seus privilégios. Por isso, vale a pena observar as consequências, tanto na Rússia como na China, do casamento da política com a corrupção endêmica.

Ex-agente da KGB, o serviço secreto russo, Putin foi escolhido pela família do presidente Boris Ieltsin, alcoólatra e portador de doença cardíaca, e também por empresários influentes para blindá-los contra a ameaça de represálias nos anos turbulentos após a queda da União Soviética. Duas décadas se passaram, e Putin permanece no poder, fortalecido nos velhos métodos de terror e rodeado por sua turma própria de empresários influentes, colhendo as benesses da corrupção endêmica.

No recente livro *China's Crony Capitalism* (O Capitalismo dos Amigos na China), Minxin Pei, do Claremont McKenna College, na Califórnia, descreve "um regime leninista numa fase avançada de declínio". O secretário-geral do Partido Comunista da China, Xi Jinping, falou em 2014 de "redes de corrupção em regiões e setores econômicos, com conluios crescendo entre autoridades e empresários, e entre chefes e subordinados. Os métodos para transferir benefícios entre eles são sorrateiros e variados". Xi mobilizou uma grande campanha contra a corrupção, com a prisão de milhares de funcionários em todos os níveis do partido e do governo, eliminando rivais. No entanto, não ficou claro se a limpeza geral foi bem-sucedida.

Minxin Pei define o capitalismo dos amigões como uma "união instrumental entre empresários e políticos para permitir aos capitalistas amealhar riqueza, indiferente aos meios legais, e para propiciar aos políticos a preservação do poder". E acrescenta: "Enfrentar as patologias do capitalismo dos amigos fica impensável sem cortar sua ligação íntima com os bens públicos que podem ser saqueados com facilidade pelas elites". É o desafio do Brasil, com as revelações da Lava-Jato. Ficamos pasmos ao saber como Lula e o Partido dos Trabalhadores, ainda no meio do escândalo do mensalão, em 2005, tiveram a audácia de multiplicar várias vezes a escala de seu esquema de corrupção, após a descoberta pela Petrobras de grandes jazidas de petróleo em águas profundas.

Ficamos pasmos ao saber como Lula e o PT, em pleno escândalo do mensalão, em 2005, tiveram a audácia de multiplicar a escala de corrupção na Petrobras

NO PODER Putin: capitalismo cleptocrata. Teori: morte abrupta e reviravolta no STF. Temer: reequilíbrio de forças

Depois da morte do ministro Teori ocorreram mudanças na correlação de forças tanto no STF como no Congresso, enquanto o novo governo do presidente Michel Temer começa a mostrar progresso na queda da inflação e no saneamento das finanças. Os motins recentes nos presídios de Amazonas, Roraima e Rio Grande do Norte e a violência provocada pela greve dos policiais do Espírito Santo são indícios das turbulências que poderiam vir com mais confusão na economia e na política.

Diante do perigo de ficar implicado nas delações da Lava-Jato, o presidente Temer indicou para a vaga de Teori Zavascki no STF um jurista próximo a ele, Alexandre de Moraes, com desempenho errático e controvertido como secretário de Segurança Pública em São Paulo e como ministro da Justiça. A nova composição da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado incorpora uma galeria de amigões, com dez senadores investigados na Lava-Jato. Essa é a CCJ que vai sabatinar Moraes. É ela que julgará a indicação do novo procurador-geral da República, eventuais pedidos de cassação de senadores, propostas de restrição às investigações da Lava-Jato e, obviamente, qualquer emenda constitucional.

No que diz respeito a matérias constitucionais destinadas a reestruturar o Estado, foram inúteis, até aqui, as tentativas de furar o bloqueio dos amigões. No entanto, há quem continue tentando. Num artigo no jornal *O Estado de S. Paulo*, o veterano jurista Modesto Carvalhosa propõe a "convocação de uma Constituinte independente" para "uma profunda reforma política que nos livre dessa gangue que domina o Congresso". Carvalhosa detalha: "Deve ser restaurado o voto proporcional ao eleitorado de cada estado, a não cumulação de votos de legenda e instituído o voto distrital. É preciso eliminar os odiosos privilégios da casta burocrática ante o regime celetista da população, que transformou a burocracia num obstáculo perverso ao exercício da cidadania e à prestação dos serviços públicos".

Em trinta anos de seminários e debates, ouvi muitos diagnósticos, muitas denúncias, muitas lamúrias, mas poucas propostas específicas para resolver os problemas institucionais. O tempo vai passando, enquanto o Brasil fica pendurado entre o imobilismo e a baderna. As crises apresentam oportunidades, que não devem ser desperdiçadas. ■

*** Norman Gall dirige o Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, em São Paulo**

ALTA ANTECIPADA
Hartung em casa: repouso pós-cirurgia interrompido pela crise da segurança pública

"SÃO IRRESPONSÁVEIS"

O governador do Espírito Santo, ainda lidando com o desastre na segurança pública em seu estado, lamenta o socorro do governo Temer a quem não fez a lição de casa **THIAGO PRADO**

É NA RESIDÊNCIA oficial, em Vila Velha, no Espírito Santo, e não no Palácio Anchieta, sede do poder, em Vitória, que o governador Paulo Hartung (PMDB) acompanha a crise de segurança pública capixaba. Ela não está de todo estancada — parte da polícia ainda está fora das ruas. Ficar em casa faz parte do acordo com seus médicos para ter alta antes do previsto, após uma cirurgia para a retirada de um câncer na bexiga, em São Paulo. "Saí da sedação e aí soube o que estava acontecendo em meu estado", conta, visivelmente debilitado. Aos 56 anos, o economista Hartung, no terceiro mandato à frente do Espírito Santo, afirma que vai punir os responsáveis pelo tumulto, dispara contra o governo Temer — por sua disposição de socorrer estados à beira da falência no lugar de premiar os que tosaram os gastos — e voltou a mencionar sua intenção de

© GABRIEL LORDELLO/AGÊNCIA IMAGEM

filiar-se a uma sigla mais afinada com sua visão de mundo. Abaixo, os principais trechos da entrevista que concedeu a VEJA.

QUESTÃO NACIONAL "A reivindicação salarial dos policiais vai além das fronteiras do Espírito Santo e tem reflexos, principalmente, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e no Pará, estados onde já se vê há tempos uma clara insatisfação. Mas, seja onde for, em qualquer circunstância, a polícia não pode parar de trabalhar. É um ato ilegal, inconstitucional e de grave irresponsabilidade. Esta é a pior crise da história do Brasil, e a nossa grande chaga é o desemprego. Vamos olhar para quem tem estabilidade ou para quem está sem trabalho? Aliás, sou contra a estabilidade no serviço público. É preciso ter espaço para empregar e dispensar em momento de dificuldade. E temos de ter ferramentas para premiar bons resultados. Não faz sentido pagar o mesmo a funcionários de produtividade diferente. Ninguém faz isso no mundo moderno."

SALÁRIO POSSÍVEL "A remuneração dos PMs do Espírito Santo é compatível com a economia do estado. A renda do capixaba gira em torno de 1900 reais, enquanto o salário inicial de um policial, incluindo as escalas, é de cerca de 3000 — 40% maior que a média. A comparação tem de ser essa. Não dá para equiparar o salário da polícia daqui ao da de São Paulo ou de Nova York. Precisamos entender ainda que, além da crise econômica nacional, que atingiu a todos, enfrentamos o baque da queda dos preços do petróleo e da arrecadação de royalties, tão relevante para o estado. Neste momento, não existe a menor folga para conceder aumento."

PRÊMIO AOS MAUS ALUNOS "Eu me sinto injustiçado ao ver que o Brasil não valoriza aqueles que cumprem rigorosamente a Lei de Responsabilidade Fiscal. Vigora no país a pedagogia reversa. Quem mete o pé na jaca e não se ajusta vai bater à porta da União sabendo que será socorrido. É inacreditável que o mesmo país que noutro dia afastou a presidente Dilma Rousseff justamente por irresponsabilidade fiscal agora seja tolerante com a farra de gastos de certos estados. Temos muito que avançar aí. Apoio a criação de uma política de bônus para quem faz o dever de casa."

GOVERNO TEMER "O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, montou uma equipe extraordinária. Finalmente a racionalidade econômica começou a prevalecer sobre a marcha de insensatez que antes predominava. Falta agora dialogar melhor com a sociedade. Estamos à beira de um precipício, com um déficit anual de 150 bilhões de reais, e isso precisa ser enfatizado junto à população. É claro que este não é o governo dos nossos sonhos, mas precisamos ser pragmáticos. Passamos por um impeachment traumático, e já é mais do que hora de seguir em frente; do contrário, veremos a ascensão do populismo em 2018. Basta olharmos para os nossos vizinhos latino-americanos para saber que as coisas podem piorar ainda mais se não dermos os passos certos."

"É inacreditável que o país que afastou uma presidente por irresponsabilidade fiscal agora seja tolerante com a farra de gastos de certos estados"

INFLUÊNCIAS EXTERNAS "Não tenho dúvida de que a paralisação no Espírito Santo teve conotações políticas, mas evito dar grande peso a esse fator e citar nomes. Até o momento escolhido para o movimento eclodir foi premeditado. Nosso radar mostrava que algo aconteceria durante o Carnaval. Mas bastou eu me internar em São Paulo, na sexta 3, para o movimento começar. Foi covardia. Agora, é bom que as lideranças saibam que a reação do governo é e continuará sendo de tolerância zero. Estamos investigando se uma parcela da tropa aproveitou para acertar contas com bandidos. Quem estiver envolvido com essa explosão de homicídios — seja policial, seja miliciano, seja grupo de extermínio — vai ser punido."

MUDANÇA DE PARTIDO "O quadro partidário brasileiro está destruído e os políticos vivem completamente desconectados da realidade. Um país que tem mais de trinta partidos, na verdade, não tem nenhum. Gostaria de estar em uma sigla que expressasse a minha visão de mundo. Mas não acho justo ficar falando mal só do PMDB, quando o sistema inteiro entrou em colapso. A Lava-Jato está dando uma grande contribuição ao país, mas prefiro parar por aqui. Afinal, um entrevistado que se recupera de uma cirurgia não pode sair comprando briga com todo mundo, certo?" ■

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM

CARTUCHO 762
No Paraíba: o deputado imita um fuzil com as mãos, gesto copiado nas ruas e nas redes sociais pelos bolsonaristas

A FEBRE BOLSONARO

O deserto político é tão devastador que até o deputado Jair Bolsonaro, antes mero peão da direita baixo clero, agora é estrela da internet e saudado como "mito" pelas multidões de jovens que reúne por onde passa

THAÍS OYAMA

EM CAMPO O deputado em Campina Grande: a uma mulher que o xingou na rua, bolsonaristas gritaram: "Maconheira!"

"Mito, mito, mito!", gritam em coro cerca de 1 000 pessoas assim que o deputado Jair Bolsonaro desponta no saguão do aeroporto de Campina Grande, na Paraíba. Ele ergue os braços. As palmas aumentam: "Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos Bolsonaro presidente do Brasil!". Abraçado, apalpado, fotografado, beijado e empurrado, o capitão da reserva do Exército, já sem conseguir pôr os pés no chão, vai sendo arrastado pela multidão até o estacionamento do aeroporto. Lá, erguido e carregado nos ombros, termina em cima de um carro de som, microfone na mão. Camisetas visíveis na plateia indicam a presença de alguns grupos: Direita Paraíba, Direita Ceará, Ordem dos Conservadores, Academia de Krav Magá de Campina Grande. Jovens compõem a maioria do público. Muitos são estudantes universitários. Acenam para o visitante e levantam cartazes com os dizeres "Bolsonaro 2018". Alguns batem continência para o deputado-capitão.

De pé no capô do carro, Jair Bolsonaro (PSC-RJ) lança seus gritos de guerra. Abre com refrões patrióticos: "Este é um brasileiro com o coração verde e amarelo. Se estou aqui é porque acredito no Brasil!". Ovações. Critica o Estatuto do Desarmamento: "Nós vamos devolver o fuzil para o produtor rural. Cartão de visita para o MST é cartucho 762!". Mais aplausos. A plateia reproduz o gesto do deputado, que imita um fuzil com as mãos. Bolsonaro prossegue elogiando os militares: "Acabou o discurso da esquerda querendo extinguir a PM. E é bom irem se acostumando com um capitão no Planalto". "Presidente! Presidente!", responde a multidão. Encerra a fala com seu bordão: "Brasil acima de tudo! Deus acima de todos". Palmas, gritos, pedidos de selfie (ele atende a todos). Enquanto isso, assume o microfone Eduardo Bolsonaro, também deputado pelo PSC e o terceiro dos cinco filhos de Jair Bolsonaro (motivo pelo qual é chamado pelo pai de "Zero Três"). Aplausos efusivos para ele também.

Cenas como a do aeroporto se repetirão ao longo de todo o dia. Na caminhada que Bolsonaro faz pelo centro de Campina Grande e na porta das emissoras de rádio e TV em que dá entrevistas, dezenas de fãs o aguardam, celular em punho, prontos para as fotos. Numa praça, diante de uma passante que chama o deputado de fascista, bolsonaristas aglomerados em torno dela gritam: "Maconheira, maconheira!". Da mesma forma, o homem que levanta o punho para o grupo dizendo "Não passarão!" ouve de

© JOANE ROSA

"BOLSOMITO" Vídeos postados por apoiadores do deputado na internet: só um post do deputado teve 8,2 milhões de acessos

volta: "Comunista, comunista!". Assessores tentam controlar o assédio ao chefe, que chamam de "JB".

A popularidade de JB é um fenômeno novo até para ele. Em 2010, Jair Messias Bolsonaro era um mero peão do baixo clero na Câmara. O termo define os parlamentares esnobados pelos colegas mais famosos, esquecidos pela imprensa, excluídos das comissões mais importantes da Casa e com nenhum ou quase nenhum projeto aprovado — precisamente o caso de Bolsonaro. Em seu sétimo mandato como deputado federal, ele pôs sua assinatura em pelo menos 180 projetos, mas apenas três viraram lei. Recentemente, conseguiu aprovar sua primeira Emenda Constitucional — a que torna obrigatório o recibo impresso do voto digital (Bolsonaro nunca confiou em urnas eletrônicas). A única marca extraordinária que obteve ao longo de seus mandatos foi a de representações contra ele no Conselho de Ética da Câmara: quatro, um recorde no órgão. Bolsonaro, até há pouco tempo, era apenas um tipo folclórico no Congresso, um excelentíssimo zé-ninguém.

As coisas começaram a mudar no fim de 2010. Naquele último ano do governo Lula, o Ministério da Educação propôs distribuir nas escolas públicas um conjunto de panfletos e DVDs destinado a combater a homofobia. Críticos apelidaram o material de "kit gay". Diziam que "estimulava o homossexualismo e a promiscuidade". Bolsonaro assumiu a frente do ataque. Com sua fala peculiar — quanto mais exaltado fica, mais pontua os discursos com impropérios de arquibancada de futebol —, afirmou no Congresso que os autores da ideia eram "mil vezes canalhas", deveriam deixar as crianças em paz e "queimar suas rosquinhas onde bem entendessem".

É o deputado quem situa o episódio como ponto de virada na sua carreira política. "A partir daí começou a juntar gente no aeroporto para me ver." Em poucos anos, ele se tornou um fenômeno da internet. Hoje tem 3,8 milhões de seguidores no Facebook. É um dos políticos mais populares na rede. No ano passado, um único post seu, acompanhado de um vídeo em que ataca o PT, teve 8,2 milhões de acessos e 963 503 comentários e compartilhamentos. A título de comparação, o vídeo mais visto do ex-presidente Lula teve a metade desses acessos e 124 060 compartilhamentos. Outras dezenas de gravações sobre o deputado, essas postadas por seus seguidores, trazem títulos como "Bolsonaro enfrenta sete comunistas e oprime cada um deles", "Bolsonaro esculacha

ASSISTA A JAIR BOLSONARO COMENTANDO AS PRÓPRIAS DECLARAÇÕES POLÊMICAS

SOMOS TÃO JOVENS Plateia da palestra dada pelo deputado em João Pessoa (PB) no dia 9: faltaram ingressos

defensores dos direitos humanos" ou "Os top 10 momentos do Mito" (Bolsonaro diz que o termo com que apoiadores se referem a ele vem de um apelido seu de infância — por ser comprido e ter canelas brancas, diz, era chamado de "Palmito", ou "parmito", no sotaque do Vale do Ribeira). Algumas das gravações que circulam na rede mostram discursos, entrevistas e batebocas do deputado com colegas. De Jean Wyllys (PSOL-RJ), por exemplo, levou uma cusparada durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff na qual elogiou o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandante do DOI-Codi na época da ditadura e torturador catalogado. De Maria do Rosário (PT-RS), tomou um processo no STF pela frase "não te estupro porque você não merece". No ano passado, como saldo do seu rosário de provocações, tornou-se réu no Supremo por injúria e incitação ao crime.

Na palestra que fez em João Pessoa no último dia 9, os 900 ingressos disponíveis esgotaram-se meia hora antes da sua chegada. Como em Campina Grande, os jovens dominaram a plateia. A eles, Bolsonaro apresentou seu discurso que mistura fantasias nostálgicas ("no meu tempo, o professor tinha autoridade, as pessoas podiam andar na rua sem ser assaltadas e a família era respeitada") com opiniões conservadoras banhadas no verniz populista: para toda questão complexa, o deputado tem na ponta da língua uma solução simplista. Situação carcerária? Ele resolve o problema com uma cacetada só: "A cadeia está cheia, mas pior que quem está lá dentro é quem está debaixo da terra. Direito do preso é não ter direito". Crise econômica? Fácil. "O Brasil é cheio de riquezas naturais! Basta explorá-las direito". As reservas de nióbio e o suposto olho grande dos chineses em cima delas é, ultimamente, um dos temas preferidos do deputado. Outro, perene, é a defesa da ditadura militar. "Não teve ditadura no regime militar. Ditadura teve só para quem era criminoso, sequestrador, assaltante de banco e terrorista." Exclui, convenientemente, quem apenas cometeu o crime de pensar diferente.

Ironicamente, foi uma acusação de terrorismo, em 1987, que catapultou à política o então jovem e desconhecido capitão do Exército Jair Bolsonaro. Em outubro daquele ano, VEJA publicou um relato feito por ele em que confirmava a preparação de um plano batizado de "Beco sem Saída", cujo objetivo era protestar contra os baixos soldos militares por meio da explosão de bombas de baixa potência em banheiros de quartéis. Depois da divulgação da reportagem, Bolsonaro negou a existência do plano, mas um croqui com o planejamento de um dos atentados, feito de próprio punho por ele,

© JOANE ROSE

QUANTOS ABSURDOS ELE FALOU?

Bolsonaro comenta cinco afirmações atribuídas a ele

"A PM DEVERIA TER MATADO 1000, E NÃO 111 PRESOS" ***(sobre o massacre de 1992 no Carandiru, em outubro de 1997)***
"Primeiro, não considero aquilo um massacre, para mim foi legítima defesa. No meu entender, preso só tem um direito: o de não ter direito. Proferi isso, sim, da tribuna da Câmara. Não tenho nenhuma piedade de quem está encarcerado e cometeu todo tipo de abuso e atrocidade contra um cidadão de bem. Não desejo que eles morram. Mas, se morreram 111 ou se viessem a morrer 1000, para mim é a mesma coisa."

"DEVERIAM SER FUZILADOS UNS 30 000 CORRUPTOS, A COMEÇAR PELO PRESIDENTE FHC" ***(na TV Bandeirantes, em maio de 1999)***
"Foi num momento em que ele – não 'privatizou', porque eu sou favorável à privatização – entregou a Vale do Rio Doce. Falei que isso foi um crime de lesa-pátria. Falei isso, sim. Mas quantas vezes até uma mãe fala *pro* filho: 'Eu vou te matar'. Força de expressão."

"NÃO VOU COMBATER NEM DISCRIMINAR, MAS, SE EU VIR DOIS HOMENS SE BEIJANDO NA RUA, VOU BATER" ***(comentando a aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo, em maio de 2002)***
"Isso não existe. Logicamente, há um constrangimento se você vai a um restaurante e acontece um fato semelhante a esse. É inadmissível num restaurante que um casal de namorados, mesmo heterossexual, pratique certo tipo de intimidade. Agora, falar que eu vou dar pancada, vou dar porrada, eu duvido que alguém apresente um áudio meu falando isso."

"NÃO TE ESTUPRO PORQUE VOCÊ NÃO MERECE" ***(para a deputada Maria do Rosário, do PT, em novembro de 2003)***
"Estava debatendo o caso Champinha. Eu defendia a redução da maioridade penal e a Maria do Rosário defendia o contrário. Ela não aguentou os meus argumentos, me interrompeu e no fragor do debate falou que eu era estuprador. Daí, virei para ela e proferi essa frase, sim. Eu estava defendendo as mulheres do estupro. Ela, o contrário. Ela defende a ideia de que um estuprador seja punido à luz do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que a gente sabe que não é punição."

"MULHER DEVE GANHAR SALÁRIO MENOR PORQUE ENGRAVIDA" ***(em entrevista ao jornal* Zero Hora, *em dezembro de 2014)***
"Dei uma entrevista ao *Zero Hora*, que me pediu para falar por que a mulher ganhava menos que o homem. Pesquisei e a conclusão foi a seguinte: a mulher ganha menos do que o homem tendo em vista um direito trabalhista que ela tem a mais – no caso, a licença-gestante. Então, prefere-se empregar mais o homem ou pagar menos à mulher. Essa não é a minha opinião. É o que dizem as pesquisas e a classe dos empresários. Mas o jornal resolveu pôr isso na minha conta."

foi periciado e comprovou sua autoria. O caso foi entregue ao Superior Tribunal Militar, que, contra todas as provas, considerou os testes grafotécnicos inconclusivos e o absolveu. No ano seguinte, Bolsonaro se elegeu vereador pelo Rio. Dois anos depois, tornou-se deputado federal pela primeira vez.

Ao longo de seus 26 anos na Câmara, relatou basicamente matérias sobre porte de arma e direitos de militares. Passou esse período almoçando em restaurantes por quilo, faltando pouco ao trabalho — compareceu a 89 das 94 sessões em plenário em 2016, com duas ausências justificadas — e guardando distância dos colegas de partido. Um vídeo em que o ex-ministro do STF Joaquim Barbosa, relator do mensalão, menciona seu nome como o único deputado do PP a não votar com o governo num projeto que sabidamente envolveu compra de votos é brandido por bolsonaristas como "atestado de idoneidade" de seu líder. O parlamentar saiu do PP em 2015.

Jair Bolsonaro cresceu no vácuo deixado por políticos tradicionais tragados pela Lava-Jato ou simplesmente vitimados pela desmoralização crescente e aparentemente sem fim da categoria. É nesse deserto político que até um aventureiro como ele consegue se destacar. Na semana passada, seu nome apareceu em uma pesquisa de intenção de voto para presidente da República à frente do senador tucano Aécio Neves *(leia a reportagem na pág. 60)*. Curioso. Bolsonaro nunca saiu do lugar onde sempre esteve e segue dizendo as mesmíssimas coisas que dizia quando quase ninguém prestava atenção nele. Não mudou, portanto. Mudaram os brasileiros? Diz ele: "Sinto que as pessoas estão precisando acreditar em alguém". Sua ascensão mostra como as opções estão ficando precárias. ■

Com reportagem de Marcela Mattos

LULA 2018? A pesquisa é boa para ele. Mas algo pende sobre a sua cabeça

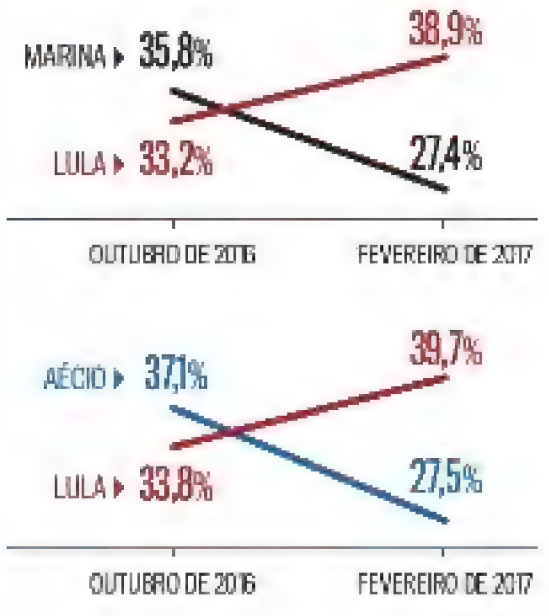
A JARARACA VIVE

Réu em três ações na Lava-Jato e uma das estrelas da delação da Odebrecht, Lula sobe nas pesquisas e agora venceria a disputa de 2018 também no segundo turno **PEDRO DIAS LEITE**

NO MESMO DIA em que foi conduzido a depor, em março de 2016, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou mão de um daqueles arroubos retóricos que só ele é capaz de produzir: "Se quiseram matar a jararaca, não fizeram direito, pois não bateram na cabeça, bateram no rabo. Porque a jararaca está viva". Quase um ano depois, a jararaca tomou mais algumas pauladas: tornou-se ré na Lava-Jato pela primeira vez em julho, depois em setembro e ainda uma terceira vez em dezembro, além de aparecer com destaque nas delações da Odebrecht. Mesmo assim, continua como há quase um ano atrás: vivíssima, como mostra uma pesquisa da CNT/MDA divulgada na semana passada. O líder petista, que já estava na frente nos cenários no primeiro turno, mas perdia no segundo, agora vence também na rodada decisiva *(veja o quadro)*.

IMBATÍVEL?

Agora, Lula vence também no 2º turno



Fonte: CNT/MDA

A resiliência de Lula contrasta com a fragilidade dos candidatos do PSDB, que perderam espaço nos últimos meses. Tanto Aécio Neves quanto Geraldo Alckmin agora aparecem atrás de Jair Bolsonaro (PSC-RJ) em alguns cenários *(leia a reportagem sobre o deputado a partir da pág. 54)*. De acordo com analistas, o desempenho pífio dos tucanos decorre do fato de o PSDB ter seu destino atrelado ao do governo Temer — que amarga uma altíssima rejeição, de 70% — e do desencanto do eleitor com próceres da sigla, em especial Aécio, cujo nome apareceu com força na Lava-Jato.

O principal desafio de Lula, no entanto, é conseguir chegar a 2018 em condições legais de ser candidato. Ele pode ser condenado em primeira instância ainda neste ano, mas só a confirmação da sentença por um órgão colegiado impediria a sua candidatura nos termos da Lei da Ficha Limpa. O maior temor da jararaca, agora, é a espada da Justiça cair sobre a sua cabeça. ■

© YASUYOSHI CHIBA/AFP

Esferográficas BP1-RT
disponíveis na ponta 1.0mm

Esferográficas BP1-INOX
disponíveis nas pontas 0.7 e 1.0mm

A volta dos alunos para a escola é só alegria.
Chegam felizes e contentes em encontrar os amigos
para contar as novidades de suas férias.
Começam a fazer rodinhas mostrando seus materiais de aula
para uma nova etapa: mochila, cadernos, livros, canetas, etc.
As novidades da Pilot são as canetas BP1-INOX com tinta especial
deslizante nas cores azul, preta e vermelha com exclusiva ponta
de aço inoxidável que não quebra e nem entorta.
E a Pilot BP1-RT que retrai a ponta de aço com um clique na tampa.
Volte às aulas com os mais novos lançamentos da Pilot,
você e seus amigos vão adorar. Afinal, é uma Pilot.

PILOT

www.pilotpen.com.br

O FIM DE FLYNN É SÓ O COMEÇO

A demissão do conselheiro de segurança nacional da Casa Branca joga uma nuvem de suspeita sobre o governo Trump cujas consequências podem ser dramáticas **NATHALIA WATKINS**

INGÊNUO? O general Flynn omitiu de seus superiores informações comprometedoras sobre contatos com a Rússia

© CARLOS BARRIA/REUTERS; WHITE HOUSE PHOTO/THE NEW YORK TIMES

AS RELAÇÕES entre o presidente Donald Trump e a Rússia voltaram ao centro das controvérsias da administração americana. Na segunda-feira 13, o general Michael Flynn, conselheiro de segurança nacional, foi obrigado a renunciar. Ele foi flagrado omitindo de seus superiores detalhes importantes de seus contatos com o governo russo. Antes de Trump tomar posse, em 20 de janeiro, Flynn teve diversas conversas com o embaixador russo Sergey Kislyak. Indagado pelo vice-presidente Mike Pence se teria falado sobre assuntos de política externa com Kislyak, Flynn disse que não. Essa versão foi mantida por semanas pela Casa Branca, até que a imprensa revelou que Flynn fora grampeado pelo FBI, a polícia federal americana, e as gravações mostravam que, na realidade, ele tinha, sim, tratado de temas sensíveis. O incidente fortaleceu a suspeita de que a equipe da campanha eleitoral de Trump participou de um conluio para prejudicar a candidata democrata, Hillary Clinton, no pleito de novembro. Afinal, o FBI já confirmou que os computadores do comitê democrata foram invadidos por hackers russos.

A lei americana proíbe que cidadãos negociem assuntos de política externa com outros governos sem a devida autorização. O teor da conversa entre Flynn e o diplomata russo ainda não foi revelado. Quando isso acontecer é que se saberá com certeza se ele cometeu ou não um crime. Os indícios coletados até o momento mostram que Flynn está muito enrolado. Em 29 de dezembro, quando foram registrados cinco telefonemas entre Flynn e Kislyak, o então presidente Barack Obama tinha imposto novas sanções a Moscou em represália ao ataque cibernético à campanha democrata. Havia, pois, um tema óbvio e imediato para uma conversa.

SEM SEGREDOS Richard Nixon e Kissinger a bordo do Air Force One, em 1970

Na quinta-feira 16, Trump tratou de amenizar a conduta do ex-conselheiro: "Eu diria a ele que fizesse isso se eu achasse que ele não estava fazendo". O presidente também tratou de atacar as agências de inteligência, acusando-as de perseguição. Mas as conversas de Flynn só foram gravadas porque se suspeitava do envolvimento dos russos na invasão dos computadores democratas. Era o embaixador russo quem estava sendo grampeado, não o general. "Flynn deveria saber que a conversa com um embaixador estrangeiro seria monitorada", diz Andrew Bacevich, professor emérito de história e relações internacionais da Universidade de Boston.

Encontros entre políticos ainda não empossados e estrangeiros já aconteceram antes, mas em circunstâncias diferentes. Em 1969, o conselheiro de segurança nacional Henry Kissinger reuniu-se com um espião russo na embaixada soviética em Washington dezoito dias antes da posse de Richard Nixon. Antes disso, porém, Kissinger avisou o diretor do FBI e recebeu autorização para ir adiante. A equipe de Trump, contudo, vive às turras com os serviços de inteligência, inclusive a CIA, que desde o ano passado investiga a interferência russa nas eleições. "Ainda não existem provas de que Trump tenha tentado encobrir um comportamento criminoso, como fez Richard Nixon em 1974, no caso Watergate. A questão é saber o que liga Trump aos russos e se houve troca de favores como resultado desses contatos", diz o cientista político Andrew Rudalevige, da Universidade Bowdoin. Dependendo da resposta, Trump pode estar seguindo o mesmo rumo de Nixon, que acabou renunciando em meio a um processo de impeachment. Tempos trepidantes. ■

A VÍTIMA Kim Jong-nam, que foi treinado para ser ditador, caiu em desgraça após viagem para a Disney no Japão

LAÇOS DE SANGUE E DE MORTE

Conhecido pela obsessão de eliminar rivais para manter-se no poder, o ditador da Coreia do Norte é suspeito de ter encomendado a morte do meio-irmão na Malásia **DUDA TEIXEIRA**

FILHO DO DITADOR Kim Jong-il, que comandou a Coreia do Norte entre 1994 e 2011, e de uma atriz que fora forçada pelo regime a se divorciar do antigo marido, Kim Jong-nam foi preparado para assumir o poder desde pequeno. Uma vez, seu pai o colocou sentado em sua cadeira e disse: "Este é o lugar de onde um dia você dará ordens". Nos anos 1990, Jong-nam chegou a ser ministro de Segurança Pública. Em 2001, porém, caiu em desgraça ao tentar entrar no Japão com um passaporte falso da República Dominicana e o nome de Pang Xiong, que em mandarim significa "urso gordo". Seu singelo objetivo era visitar a Disneylândia em Tóquio.

Com a saída do urso gordo, quem acabou herdando o poder há cinco anos, após a morte do pai, foi o inexperiente e paranoico Kim Jong-un, o filho mais novo de Jong-il com outra mulher, uma estrela de ópera. O meio-irmão Jong-nam era considerado por ele um traidor que, mesmo no exílio, o ameaçava. E eis que, de maneira violenta, esse espectro foi eliminado.

Na segunda-feira 13, duas mulheres aproximaram-se de Kim Jong-nam no aeroporto de Kuala Lumpur, na Malásia, na fila do check-in para um voo para Macau, um território chinês. Uma delas puxou seu rosto por trás enquanto um lenço com veneno foi colocado sobre seu nariz e boca. "Muita dor. Muita dor. Alguém jogou um líquido com spray em

© SHIN IN-SEOPUCONGANG ILBO VIA AP, KONA VIA KNS/AFP, JEON HEON-KYUN/EFE

mim", disse ele. Um jornal da Malásia, citando a polícia, afirmou que o veneno usado era mais potente que cianeto — capaz de matar alguém em um minuto. Jong-nam passou mal, foi socorrido, mas morreu ainda na ambulância. Horas depois, uma mulher com passaporte vietnamita foi presa no aeroporto. Ela afirmou que chegou ao país com outras cinco pessoas que tinham combinado pregar uma peça em Kim Jong-nam, mas que não pensavam em matá-lo. Outros dois suspeitos foram detidos na semana passada. O governo da Coreia do Norte tentou impedir a autópsia do corpo, sem sucesso, o que aumenta as suspeitas de que o mandante tenha sido Kim Jong-un. Não seria uma surpresa. Em 2013, ele ordenou o fuzilamento de um tio, que era um burocrata muito influente no governo.

Jong-nam não demonstrava ter interesse em governar seu país natal. Ocorre que a Coreia do Norte está submetida a uma ditadura hereditária. O poder só pode ser exercido por um membro da linhagem do Monte Paektu (não confundir com Monty Python, o grupo humorista britânico). Segundo a lenda oficial, Kim Jong-il nasceu nesse monte após o aparecimento de um arco-íris duplo no céu. O fundador da dinastia foi Kim il-Sung, que em 1948 instaurou o regime comunista no país com a ajuda da União Soviética e deu a si mesmo os títulos de Grande Líder, Sol e Eterno Presidente da República (sim, ele mantém esse cargo mesmo morto).

A China, a maior parceira comercial da Coreia do Norte, teme pelas diatribes de Kim Jong-un e tinha esperanças de que o filho mais velho, Jong-nam, pudesse um dia ser empossado. Por isso, ele vivia sob proteção do Partido Comunista em Macau, meca asiática de uma de suas paixões: os cassinos. "A China o mantinha como um seguro, um possível substituto para Jong-un. Ao mandar matar o irmão, o ditador deixou claro que outra sucessão hereditária não ocorrerá por muitos anos", diz Greg Scarlatoiu, diretor do Comitê para os Direitos Humanos na Coreia do Norte, em Washington. Em seus métodos, Kim Jong-un é um tirano à moda antiga. ■

VENENO Kim Jong-un *(abaixo)* e a imagem de câmera de segurança de uma das assassinas do seu irmão *(no destaque)*

CORRUPÇÃO COM TETO

Com essa ideia esdrúxula, o governo romeno balança

NO FIM de janeiro, os romenos foram às ruas para protestar contra um decreto governamental inusitado. O texto, assinado pelo primeiro-ministro Sorin Grindeanu, descriminalizava o abuso de poder público em casos em que o prejuízo ao Erário fosse menor que 47 000 dólares. Em outras palavras, políticos que tivessem roubado o dinheiro da população abaixo dessa cota estariam perdoados. Dias depois, 500 000 pessoas foram protestar na Praça Victoriei, na capital, Bucareste. No domingo 5, o governo voltou atrás. Em menor número, os manifestantes continuam nas ruas, agora para pedir a renúncia do governo.

Entre 2006 e 2016, a Romênia subiu da 84ª para a 57ª posição no ranking dos países menos corruptos do mundo (o Brasil caiu do 70º para o 79º lugar). Isso foi resultado das exigências da União Europeia. Em 2003, quatro anos antes de se juntar ao bloco, o país criou a Direção Nacional Anticorrupção (DNA), que hoje só perde para a Igreja, o Exército e a polícia em prestígio popular. O órgão de investigações chegou a acusar ou condenar por corrupção dezoito ministros e dois ex-premiês. A eficiência assustou os políticos, que passaram a fazer de tudo para se proteger. Isso faz lembrar os movimentos de políticos em algum outro ponto do planeta? ■

Nathalia Watkins

PROTEÇÃO Rosiete da Conceição, do Recife, inscreveu-se no Bolsa Família depois do nascimento da filha

A CRISE E OS NOVOS POBRES

A combinação de recessão com inflação elimina empregos e corrói o poder de compra, o que aumenta o número de pessoas que vivem na miséria **GIULIANO GUANDALINI**

LEO CALDAS

DA ECONOMIA, a crise se dissemina por toda parte. Para onde quer que se olhe — na segurança, na saúde, nas contas do governo —, o Brasil revive mazelas e apuros dos quais havia se imaginado livre. É o resultado da recessão que se estendeu por quase três anos seguidos e da ruína nas finanças públicas. A falta de investimentos fica evidente na deterioração generalizada dos serviços prestados pelo governo. O retrocesso ameaça agora um dos maiores avanços dos últimos anos: a redução da pobreza. De acordo com projeções feitas em um estudo do Banco Mundial, o número de pobres subirá de 17,3 milhões para 19,8 milhões entre 2015 e 2017.

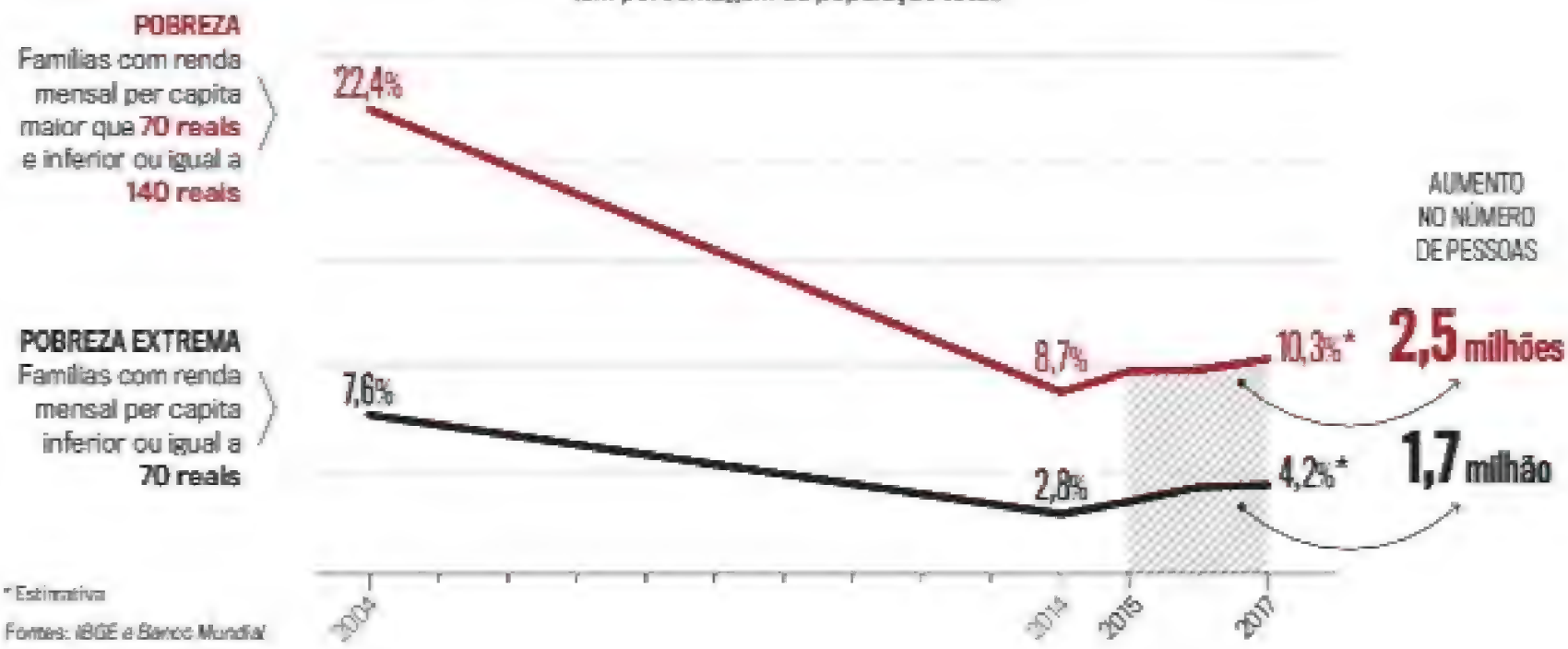
Há dois anos, enquanto Dilma Rousseff lutava por sua sobrevivência política, a economia entrou no redemoinho da recessão e da inflação. O desemprego disparou, sobretudo nas vagas com carteira assinada. Ao mesmo tempo, os índices de pobreza, que haviam caído continuamente durante mais de uma década, voltaram a subir. Serão, pela previsão do Banco Mundial, 2,5 milhões de "novos pobres", na definição dos autores da análise, porque essas pessoas estavam, anteriormente, acima da linha de pobreza *(veja o quadro abaixo)*. A parcela dos pobres no total da população ficará próximo de 10%. Enquanto isso, o número de extremamente pobres subirá de 6,8 milhões para 8,5 milhões (ou 4,2% da população). As projeções dizem respeito ao cenário que prevê a retomada da economia. Se houver mais um ano de recuo na atividade econômica — algo improvável, porém não impossível —, o aumento na pobreza será ainda maior. Na estimativa que leva em conta uma queda no produto interno bruto (PIB) de 1% em 2017, o cenário seria ainda pior: 3,6 milhões de novos pobres e 2,6 milhões de extremamente pobres.

A nova casta de despossuidos é essencialmente formada por jovens com alguma qualificação que vinham trabalhando no comércio e em outras atividades do setor de serviços, mas perderam o emprego ou viram sua renda diminuir nos últimos tempos de crise e arrocho. A recessão, contudo, explica só uma parte da história. Outro fator responsável pelo aumento dos índices de pobreza e também da desigualdade de renda foi a inflação, sobretudo em 2015, quando o índice médio de reajuste nos preços superou os 10%. O grosso do aumento da pobreza naquele ano pode ser atribuído à inflação e uma parcela ao desemprego, de acordo com o economista Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas. "Agora, com a inflação em queda e a estabilização na economia, poderá haver uma recomposição da renda dos mais pobres", afirma Neri, que foi presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). "Mas existem ainda muitas incertezas, tanto no Brasil como na economia mundial."

Nos anos de Dilma Rousseff, ganhou força a turma de economistas para os quais vale a pena tolerar um

O AUMENTO NOS ÍNDICES DE POBREZA

(em porcentagem da população total)



SEM EMPREGO A cozinheira Francisca da Silva, de Fortaleza, perdeu o trabalho há um ano e conta com o Bolsa Família

pouco mais de inflação em prol, supostamente, de maior crescimento no PIB. Tal benefício é ilusório. Funciona apenas a curtíssimo prazo. É um caso típico de política pública com "inconsistência temporal", no linguajar dos economistas. Com o tempo, o reajuste nos preços foge ao controle, corrói o poder de compra dos salários e afeta o potencial de crescimento futuro. O assunto foi tema de um famoso artigo acadêmico publicado em 1977 pelos economistas Finn Kydland e Edward Prescott. No trabalho, intitulado "Rules Rather Than Discretion" (Regras em vez de arbitrariedade), eles dão o exemplo da relação entre emprego e inflação. Com a perspectiva de evitar o aumento na taxa de desempregados, o governo pode ser tentado a não enfrentar uma eventual alta nos preços. O resultado, dizem os autores, será apenas mais inflação, sem garantia de aumento na oferta de vagas de trabalho. "É preferível uma política de estabilidade de preços", concluem os economistas, premiados com o Nobel de 2004. Como o título do trabalho sugere, o governo deve se guiar por medidas coerentes a longo prazo (as regras) e não interferir de maneira aleatória (a arbitrariedade). Anteriormente, Milton Friedman e Edmund Phelps, dois outros ganhadores do Nobel, já haviam demonstrado que é equivocada a ideia de que aceitar o aumento transitório da inflação ajuda a gerar empregos. Inflar artificialmente a economia acima de seu potencial sempre ocasionará aumento na inflação, cedo ou tarde, e quem pagará a conta serão principalmente os mais pobres, menos capazes de se proteger contra a alta nos preços.

Mercado de trabalho saudável é o que reduz de fato a pobreza

Agora, com o maior rigor no controle das despesas e com a queda da inflação, a economia poderá voltar a crescer de maneira sustentável, e a pobreza, espera-se, voltará a cair. Apesar da ligeira alta dos últimos anos, o número de pobres diminuiu de manei-

© BRAMLIO JOSÉ

ra expressiva na última década. Cerca de 30 milhões de ex-pobres subiram para a classe média baixa, de modo que os ganhos ainda não foram totalmente pulverizados. Muitos, entretanto, ainda estão vulneráveis e sujeitos a voltar a uma condição precária.

Planos sociais focados na população carente podem ajudar a aplacar o drama social. No estudo do Banco Mundial, a sugestão dos autores é reajustar os pagamentos do Bolsa Família para compensar as perdas com a inflação. O gasto adicional seria relativamente baixo, de 1,25 bilhão de reais. Diz o estudo: "O ajuste fiscal pode ser alcançado praticamente sem onerar ou onerando muito pouco a população pobre". O orçamento adicional poderia ser obtido até com a redução de despesas. No ano passado, o gasto com o programa foi de 28,5 bilhões de reais, e, hoje, mais de 13 milhões de famílias recebem o benefício mensalmente. O valor médio é de 180 reais.

"Se o Brasil voltar a crescer, o aumento da pobreza será temporário", disse a VEJA o coordenador do estudo, Emmanuel Skoufias, do Banco Mundial. "Um mercado de trabalho saudável, com oportunidades de vagas e salários, é o principal fator de redução da pobreza em qualquer lugar do mundo." Para Skoufias, a piora na pobreza não pode ser atribuída ao controle dos gastos públicos. "Sem equilíbrio fiscal, a pobreza aumentaria ainda mais, porque as consequências de finanças insustentáveis são inflação e juros altos — e esses dois efeitos tendem a atingir mais os pobres do que os ricos." Essa é uma lição que os governos populistas não fazem questão de aprender, e a conta, como sempre, sobra para o povo mais humilde. ■

Com reportagem de Giovanni Magliano

RUMO A 3 REAIS

O dólar atinge o menor patamar desde 2015, como reflexo da expectativa de melhora da economia; isso ajuda a controlar a inflação, mas pode prejudicar as exportações

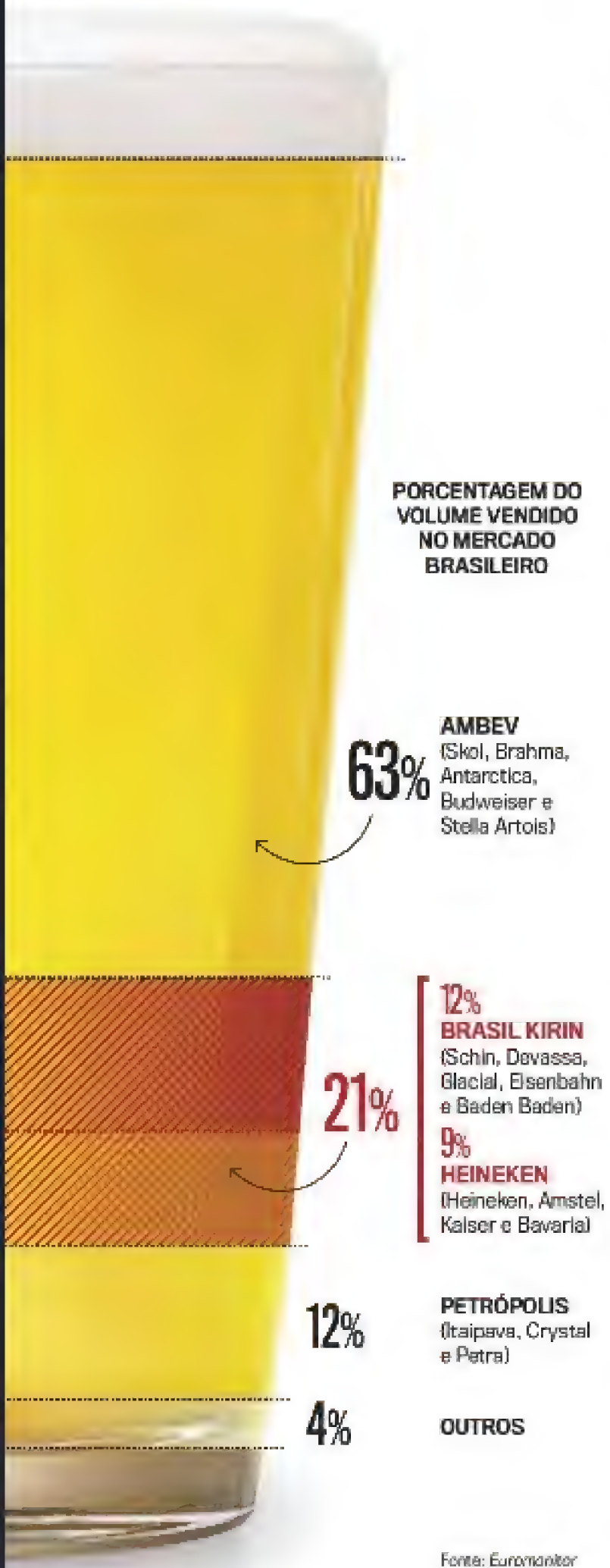
A RECUPERAÇÃO do valor do real em relação ao dólar é mais um reflexo da expectativa de retomada da economia brasileira. Na semana passada, a moeda americana chegou a ser negociada a 3,05 reais, a menor cotação desde junho de 2015. Um ano atrás, a taxa era de 4,02 reais. Entre as principais moedas do mundo, a brasileira foi a que mais ganhou força em comparação com a americana nos últimos doze meses. Alguns fatores ajudam a explicar o movimento cambial. Um deles é a percepção de investidores de que o governo tem conseguido aprovar no Congresso as medidas necessárias na área econômica — e isso vai se traduzir em melhora da atividade. Além disso, as taxas de juros ainda estão entre as mais altas do mundo, o que atrai o investidor estrangeiro. Por fim, houve uma valorização de produtos como o minério de ferro, o que favorece as exportações e, portanto, a entrada de dólares no país.

O real valorizado ajuda no controle da inflação. Isso significa que o Banco Central estará em boas condições para dar sequência ao processo de redução da taxa de juros. Para o setor privado e as estatais, o novo câmbio é um alívio no nível de endividamento, uma vez que muitas companhias possuem passivos em moeda estrangeira. Mas não há só benefícios. Os exportadores perdem competitividade, porque seus produtos ficam mais caros no exterior. Cabe ao governo acelerar as medidas para reduzir os custos de produção — e assim favorecer as empresas sem apelar para manipulações cambiais. ■

Marcelo Sakate

NINGUÉM PEGA A AMBEV

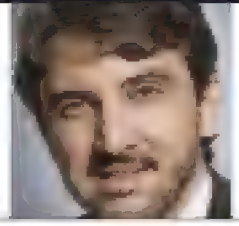
Com a Schin, a Heineken assume o segundo lugar em vendas no Brasil e tenta enfrentar a líder absoluta **BIANCA ALVARENGA**



EM 1999, as líderes das principais cervejarias do país, Brahma e Antarctica, uniram-se para criar a AmBev. O gigante que daí nasceu vendia sete de cada dez cervejas no Brasil, motivo pelo qual as marcas concorrentes da época, Schincariol e Kaiser, tentaram, a todo custo, barrar a fusão. Na impossibilidade de impedi-la, as concorrentes exigiam que a AmBev, pelo menos, se desfizesse de um de seus rótulos mais lucrativos: Skol, Antarctica ou Brahma. O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) analisou a questão e fez exigências mais brandas: determinou que a AmBev vendesse 10% de suas fábricas, compartilhasse os canais de distribuição com pequenas empresas e abrisse mão da marca Bavaria. Assim, a empresa que resultou da fusão detinha não mais 72% do mercado, e sim 67% dele. A briga foi tal que, na época, advogados da Kaiser alegaram que os aparelhos de fax instalados no prédio do Cade haviam sido desligados para impedir que liminares que poderiam suspender a análise do negócio chegassem durante a sessão.

Quase dezoito anos mais tarde, o embate entre as cervejarias menores continua acirrado. No topo do mercado, entretanto, pouca coisa mudou: a AmBev, que agora faz parte do maior grupo cervejeiro do mundo, a AB InBev, permanece como líder isolada, com 63% de participação no total de litros consumidos no país. As rivais foram sendo adquiridas por outros grupos e suas vendas foram espremidas pelo poder de fogo da líder. A partir de agora, a AmBev terá uma adversária mais competitiva. O grupo holandês Heineken, a quarta maior cervejeira no Brasil, anunciou, na semana passada, a compra da Brasil Kirin, a terceira no setor, por 2,2 bilhões de reais. A fusão resultará em um novo vice-líder, com 21% das vendas.

O grupo japonês Kirin veio para o Brasil em 2011, com a compra da Schincariol. Outras marcas foram absorvidas nos últimos anos, entre elas a Baden Baden e a Eisenbahn, cervejas consideradas premium, e a Devassa, marca mais popular. A estratégia dos japoneses foi crescer baixando o preço — a Schin chegava a custar até 30% menos que Skol e Brahma. Apesar disso, a Kirin não foi capaz de fazer frente à AmBev e perdeu 25% de seu mercado em apenas cinco anos. "A troca do controle e a aquisição de novas marcas fizeram com que a operação da Schin se tornasse muito custosa. Ficou difícil sustentar a política de preços", explica Paulo Furquim, do Centro de Estudos em Negócios do Insper e ex-conselheiro do Cade. Em 2015, a unidade de negó-



SÉRGIO LAZZARINI

É O QUE TEM PARA HOJE?

Não vale desvestir um santo para vestir outro

cios no Brasil foi a responsável pelo primeiro prejuízo registrado na história do grupo japonês. O anúncio oficial da venda para a Heineken diz: "Considerando vários riscos associados à economia brasileira e a situação competitiva no mercado de bebidas, chegamos à conclusão de que há limitações a transformar a Brasil Kirin em um negócio rentável". O valor da venda não chega a 65% do que os japoneses desembolsaram para levar a Schincariol.

Os analistas do mercado financeiro esperam que a Heineken ponha um fim à política de preços agressiva e tente recuperar a lucratividade. As autoridades precisarão estar vigilantes para que o negócio não se traduza em cerveja mais cara. Diz um relatório do Bradesco BBI: "A AmBev continua sendo maior que seus competidores e, por isso, seu poder de determinação de preços não será materialmente impactado". A Heineken vai acirrar a disputa no mercado das cervejas premium, que está em alta e deverá continuar crescendo com a retomada da economia. Não será fácil, porém, arranhar o domínio absoluto conquistado pela AmBev.

Na semana passada, o trio de brasileiros idealizadores do gigante da cerveja deram uma nova prova de sua ambição. A Kraft Heinz, empresa controlada pela 3G Capital, de Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, informou a sua intenção de assumir a britânica Unilever, dona de marcas como Dove, Kibon e Hellmann's, por 143 bilhões de dólares. A proposta foi rejeitada pelo conselho da Unilever, mas novos lances deverão ocorrer nas próximas semanas. ■

EM MEIO a uma enxurrada de denúncias na Lava-Jato, o governo corre para aprovar as reformas. Se não pelo Brasil, para salvar a própria pele. A tese é que o avanço das reformas aumentará a legitimidade do atual governo. Talvez a principal e mais necessária delas, a reforma da Previdência, permitirá estabilizar as contas públicas e levar os juros a patamares bem mais baixos. Com mais confiança na economia e menor custo do dinheiro, voltam os investimentos, a economia cresce e reverte a tendência de insatisfação popular. Quem sabe, pensam os políticos, uma economia em recuperação acabe atenuando a sensibilidade popular às denúncias da Lava-Jato, assim como aconteceu nos primórdios do escândalo do mensalão. Parece que vários analistas também passam a comprar esse argumento. Repetindo o bordão de que a base atual "é o que tem para hoje", insistem que, apesar dos pesares, este é um governo com chance única de fazer e aprovar reformas inéditas.

Mas essa tese depende de uma série de condicionantes. Um analista racional deveria saber que vão aparecer mais complicações nos processos da Lava-Jato. Vêm por aí as delações de grandes empresas intimamente associadas à base governista. Dependendo do que acontecer, os políticos poderão desviar mais sua atenção para atenuar as punições cabíveis, em vez de mobilizar a base para reformas. O julgamento da chapa Dilma-Temer, embora postergado, pode trazer evidências de caixa dois que não serão desprezadas. Melhor do que depositar as fichas nesse grupo no poder, é preciso defender a necessidade das reformas em si, independentemente da vontade conveniente — e potencialmente efêmera — de um grupo político particular.

A maior condescendência dos agentes econômicos também tem feito o governo pôr as asas de fora, com polêmicas indicações de ministros, articulações nos bastidores para impor controle nas investigações e até mesmo ação judicial contra veiculação de notícia na imprensa. Como argumentei nesta coluna em dezembro passado, fica difícil à população apoiar o sacrifício das reformas quando elas são articuladas por um grupo político que não apenas se embebeu de benesses como também tenta os mais diversos subterfúgios para se livrar das devidas punições. Além disso, não é possível apoiar incondicionalmente um governo em prol das reformas se ele não está comprometido com o reforço das instituições de controle que construímos a duras penas. Não vale desvestir um santo para vestir outro.

O governo tem a chance histórica de imprimir nova eficiência nos gastos públicos, criando um círculo virtuoso de crescimento responsável. Mas isso não pode ser feito à custa de movimentações espúrias para as quais fechamos os olhos e contra as quais não protestamos. Para o próprio bem das reformas, a pressão da sociedade pela moralização das relações público-privadas deve continuar ativa e forte. Efetivamente, o que temos para hoje não basta. ■

© WEDERSON SANTOS

PARA INGLÊS VER

A repatriação de recursos deveria sair de uma vez só, mas a Câmara acaba de aprovar nova janela. A lei, pelo menos, deve vetar a participação de políticos e parentes **MARCELO SAKATE**

EM DEZEMBRO de 2015, o Congresso aprovou a Lei da Repatriação, como ficou conhecida a autorização para regularizar recursos e bens não declarados mantidos por brasileiros no exterior. Era uma oportunidade única: quem tivesse recursos lá fora, que não fossem resultado de corrupção nem de outros crimes, poderia regularizá-los e, se quisesse, trazê-los para o país sem a punição convencional — mas era pegar ou largar. Na semana passada, o que antes era uma exceção mostrou que pode se transformar em uma farra. A Câmara aprovou nova edição da lei. Pelo menos, fez uma mudança saudável em relação ao que o Senado aprovara no fim do ano passado.

Por sugestão da turma da pesada — leia-se Renan Calheiros e Romero Jucá —, a nova versão da lei permitia que parentes e cônjuges de políticos também pudessem legalizar e repatriar recursos. Na primeira versão, havia esse veto. Era uma exclusão destinada a não dar nenhuma chance à possibilidade de lavagem de dinheiro de corrupção. A Câmara restabeleceu a proibição. Mas o projeto ainda volta ao Senado.

O governo, que prometera que a repatriação não teria uma segunda oportunidade, está docemente contrariado. Afinal, é dinheiro que entra. Sobre o que é repatriado recai uma alíquota de 15% de imposto de renda. A multa, que na primeira fase era de 15%, agora será de 20%. Na primeira ocasião, o governo arrecadou 47 bilhões de reais em impostos e multas. Agora, estima-se que embolsará até 15 bilhões de reais. A seguir assim, logo virá a terceira boiada.

AUTORIA Renan Calheiros tomou a frente na segunda rodada da repatriação

A LEI DA REPATRIAÇÃO

Os principais pontos do programa

QUEM PODE ADERIR
Pessoas que tiveram ou tinham recursos ou patrimônio não declarados no exterior até 30 de junho de 2016

PRAZO DE ADESÃO
120 dias, a contar a partir de trinta dias da entrada em vigor da nova lei

IMPOSTO DE RENDA
15%

MULTA
20%

PARTICIPAÇÃO DE POLÍTICOS E PARENTES
Proibida na versão aprovada pela Câmara, mas o texto ainda passará pelo Senado

Fontes: *Congresso Nacional e Receita Federal*

© AILTON DE FREITAS/AG. O GLOBO

O ENERGÉTICO ACABOU DE EVOLUIR. VÁ COM ELE!

- Mude para o primeiro e único energético 100% natural e orgânico
- Sem conservantes, sódio, corantes, taurina e outras substâncias químicas
- Ação energética prolongada e sem efeitos colaterais
- Sucesso no Japão, Estados Unidos, Chile e outros países
- Reconhecimento de qualidade orgânica

PRATIQUE ORGANIQUE

Porque seres vivos são orgânicos

Acesse assinegobox.com.br e receba seu energético, com desconto, em casa.

GO BOX

PRIMEIRA PESSOA

O LIMITE ESTÁ NA CABEÇA

Gleison Silva, 49 anos, mineiro, sofre de esclerose lateral amiotrófica

DURANTE AS FÉRIAS de janeiro de 2009 senti uma sensação de fraqueza na mão direita. Não dei importância, pensei que era uma bobagem. Quatro meses depois, algo diferente aconteceu: a pessoa com quem eu falava ao telefone me perguntou se havia algo na minha boca durante nossa conversa. Minha voz se arrastava, dando a impressão de que eu estava bêbado, disse ela. Eu não percebia. Fiquei surpreso e preocupado, mas nem sequer imaginei o que me aguardava. Foi um longo processo a partir de então. Tive de passar por três especialistas e por diversos exames para descobrir meu problema. Em fevereiro de 2010, mais precisamente no dia 4, recebi finalmente o diagnóstico definitivo de um neurologista — esclerose lateral amiotrófica (ELA). Eu sabia muito pouco sobre o problema. Mas as escassas informações que tinha já eram suficientes para me deixar atônito. Tratava-se de uma doença degenerativa progressiva, sem cura e com baixa expectativa de vida. O médico falava sobre o assunto comigo, e eu só pensava que aquilo não poderia ser verdade.

Não consegui dormir naquela noite. O que mais me atormentava era o pouco tempo que eu teria com meus filhos. No dia seguinte, tive uma reação comum a quem recebe um diagnóstico desse porte — pesquisar desesperadamente sobre a doença na internet. Minha grande sorte foi ter encontrado uma fonte segura de informações, a Associação Brasileira de ELA. A entidade estava por promover uma reunião com pacientes, familiares e cuidadores sobre medidas para ter qualidade de vida nessa condição. O evento, transmitido pela internet, mudou minha postura. Um de meus aprendizados foi tentar valorizar o que ainda poderia fazer. Sobretudo, não me permitir jamais fazer papel de vítima e aprender a viver com o que me era possível. Ou seja, lidar com a perspectiva de que todos os meus sentidos estariam presentes, mas em um corpo imóvel.

Parei de trabalhar como técnico em eletrônica em julho de 2011, quando os movimentos dos membros superiores já estavam muito comprometidos e meu peso não passava de 40 quilos. Hoje, sete anos depois do diagnóstico, só tenho mobilidade na face. Eu me alimento por sonda gástrica e passo a maior parte do tempo acamado. Para respirar, uso ventilação não invasiva (Bipap) e, nos últimos quatro anos, passei a depender integralmente de um respirador. Minha deglutição está comprometida. Minha fala, ainda que um pouco difícil de ser compreendida, é meu porto seguro. Preciso que mudem minha posição na cama, coloquem um filme para eu assistir e, por vezes, que cocem alguma parte do meu corpo. Meus olhos são uma forma importante de interação. A tecnologia me permite usar um sistema que reconhece o movimento da íris. Dessa maneira controlo o computador. É nele que escrevo este texto.

Sei que muitos me olham como se eu fosse um alienígena. Mas esse "alienígena" certa vez até conseguiu pôr em prática uma ideia "maluca", a de participar de uma corrida de rua em minha cadeira de rodas. Usei cinto de segurança para o peito e para os quadris e um colar cervical para firmar a cabeça. O respirador foi preso atrás da cadeira, e eu tinha sempre alguém ao lado para verificar se precisava de algo. Minha fonoaudióloga e quatro amigos revezavam-se para empurrar a cadeira.

A lição maior que tiro de minha condição é que o limite está na cabeça. Não aceito um não sem antes exaurir todas (ou quase todas) as possibilidades. Apesar de as perdas físicas terem me tirado vários prazeres — comer, dançar, fotografar, viajar, abraçar... —, ainda tenho meus amigos, minha família e meus dois filhos, pessoas que tanto amo, que me dão motivos reais para seguir em frente. Quanto ao amanhã, conversamos quando ele chegar... ■

Depoimento colhido por Natalia Cuminale

BRUNO MEIER
com Mabi Barros

O BEM-AMADO

Com cacife alto na Globo, **CAUÃ REYMOND** fez um pedido ao comando artístico da emissora: desejava ser dispensado da novela das 9 de Walcyr Carrasco, que estreia em outubro. As gravações colidiriam com as do filme *Pedro*, da cineasta Laís Bodanzky, em que Cauã viverá dom Pedro I. O galã tem dito a amigos próximos que o trabalho poderia lhe abrir portas para uma carreira internacional. A Globo aceitou – Rafael Cardoso foi escalado para a novela –, mas fez uma contraproposta: Cauã entraria no próximo folhetim de Aguinaldo Silva, na sequência ao de Walcyr. As complicadas trocas de artistas entre os dois noveleiros – que não são exatamente amigos do peito – já haviam começado antes: Bruna Marquezine foi cedida à produção de Walcyr em troca de Milhem Cortaz, escalado por Aguinaldo para o papel de um delegado com tara por lingerie. "Levei a melhor. Colocarei o Milhem de calcinha. A Bruna todo mundo já viu assim", diz Aguinaldo. A expectativa é que Cauã seja confirmado na novela de Aguinaldo nas próximas semanas.

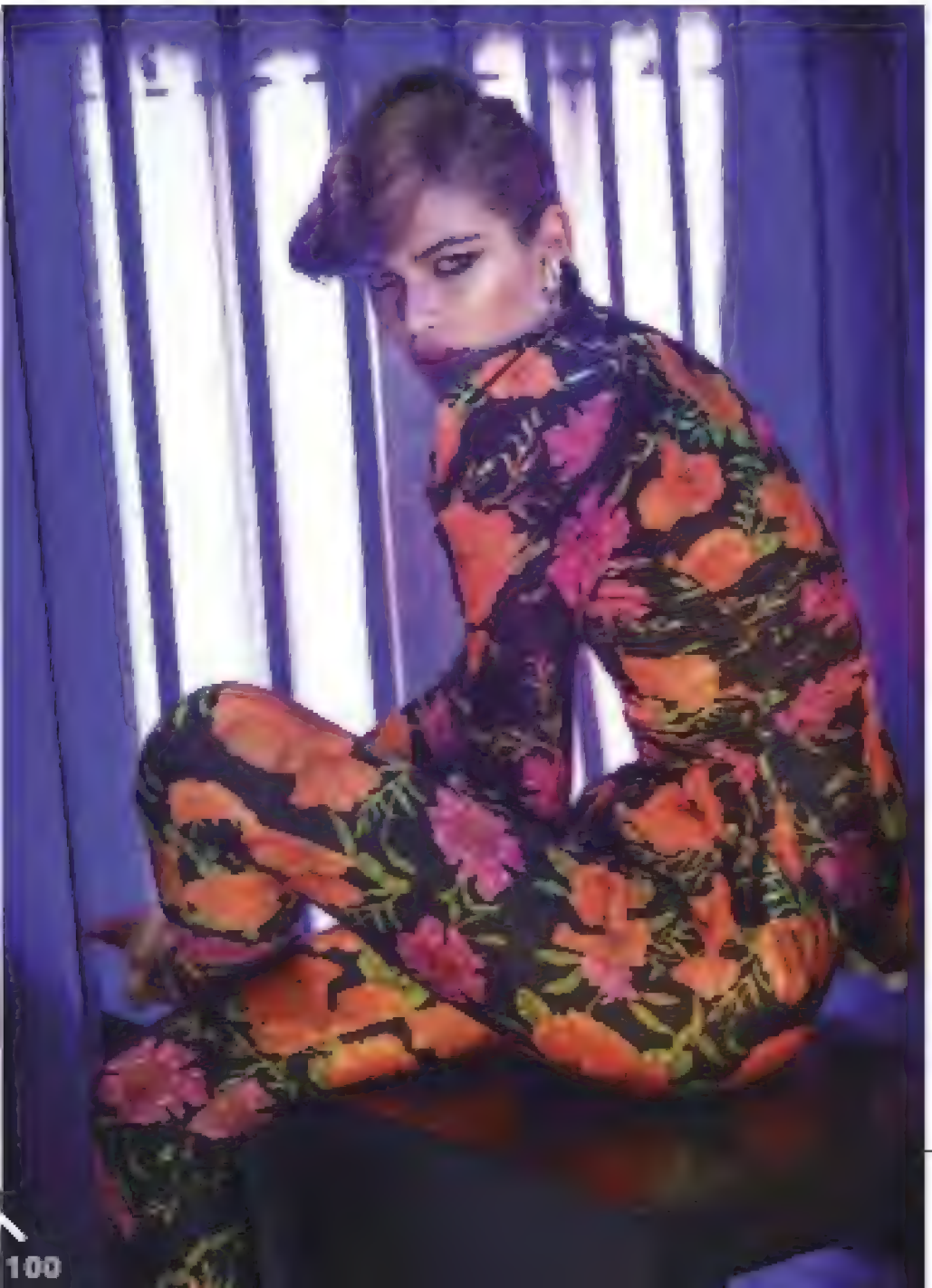
A SOGRA EM TODAS AS RODAS

Em tempos pré-presidenciais, **NORMA TEDESCHI**, 63 anos, contava detalhes do romance de sua filha, Marcela, com Michel Temer. "Ele pediu a mim e a meu marido autorização formal para se encontrar com a Marcela, e eles passaram a se ver todo fim de semana", disse, em uma entrevista de 2003. Hoje, ela anda calada – mas não deixa de expressar a personalidade exuberante, que parece quase oposta à da filha. "Marcela é tímida e cautelosa. Norma é comunicativa e circula com desenvoltura por todas as rodas", diz Ligia Kogos, dermatologista das duas. No domingo 12, Norma deixou o Palácio do Jaburu, onde vive com o genro e a filha, para badalar num show pré-Carnaval, em Brasília. A atração principal foi MC G15 – aquele do refrão: "Eu gosto de você, fazer o quê? / O pai te ama". Norma até cantou a famosa (ou infame) letra em que a palavra "pai" é trocada por outra menos publicável.

CORTESIA MADE IN BRAZIL; RAQUEL CUNHA/TV GLOBO; CORTESIA MOBILE PARKS

CASAL REPETECO

"Opa, já conheço essa aí", disse **NICOLAS PRATTES**, de 19 anos, quando soube que voltaria a fazer par com a mesma atriz com quem contracenou na temporada 2016 de *Malhação*. "Foi um ganho. Se fosse alguém com quem eu não tivesse intimidade, teria de começar do zero." Nicolas e **MARINA MOSCHEN**, 20, mostraram que têm fôlego para horários mais avançados. Em *Rock Story*, novela musical das 7 que ostenta respeitáveis 25 pontos de audiência, eles vivem uma versão fofa e pop de Romeu e Julieta: são filhos de famílias inimigas. O diretor Dennis Carvalho jura que, ao escalar os dois, nem sabia que estava repetindo o casal da novela da tarde. Com química, não se discute.



CAIU NAS REDES

OH, HAPPY DAY Na proliferação de fotos amorosas do Valentine's Day, o Dia dos Namorados nos Estados Unidos, quem lacrou foi **CLEO PIRES**. "Beije meu coração mal colocado", diz a legenda a respeito do adesivo sobre o selo direito.

Curtidas: 271 000

É CAPA!

No início da carreira, em 2015, a cearense **VALENTINA SAMPAIO** chegou a ser dispensada de uma campanha na última hora, quando a grife que a contratara descobriu que a modelo é transexual. Há algumas semanas, convidada para participar de um editorial da *Vogue* de Paris, uma das publicações de moda mais influentes do mundo, a modelo de 20 anos teve uma nova surpresa – desta vez, positiva. Sua imagem foi a escolhida para a capa de uma edição sobre a revolução dos gêneros. "Eu quase não acreditei", conta. A cearense entra para a história como a primeira modelo trans à frente da versão parisiense de *Vogue*. Ela celebra: "A transfobia deixará de existir quando não precisarmos mais discutir a respeito". ■

DESFILE DE DESLIZES Trump, com a gravata lá embaixo e revelando a fita adesiva: piadas e enxurrada de memes

UM NÓ NA MODA

Em mais uma demonstração de que tem um estilo, digamos, todo próprio, Donald Trump usa suas gravatas de maneira única: longuíssimas e presas com fita adesiva **FERNANDA ALLEGRETTI**

FORAM TANTOS os ruídos protagonizados por Donald Trump desde que lançou sua candidatura, em junho de 2015, que só agora uma inofensiva peculiaridade passou a ser notada: a forma como o presidente americano usa a gravata. O magnata não só ostenta o acessório demasiada e ridiculamente longo como também fixa a parte traseira com o auxílio de fita adesiva — um pecado mortal no mundo da moda. Nos últimos dias, o *The New York Times*, a rede de televisão CNN e a revista *Esquire* registraram o deslize fashion. Em um artigo escrito por um advogado que pesquisa regras de etiqueta no trabalho, o *Times* provocou: "Uma gravata mal-arrumada (e brilhante demais) pode refletir questões mais importantes de disciplina, competência e integridade?".

O humor, naturalmente, também foi empregado para cutucar o estilo de Trump. Em sua recente participação no programa de entrevistas de Stephen Colbert, na CBS, o comediante Jon Stewart surgiu usando uma gravata longuíssima na cabeça. Os memes inundaram a internet. Num deles, lê-se, em um boné vermelho: *"Scotch tape is great again!"* (Fita adesiva é legal de novo), uma alusão ao slogan de Trump *"Make America great again"* (Faça os EUA grandes de novo).

Como Trump está longe de ser uma unanimidade, há quem não consiga ver inocência nem mesmo no modo como o político usa a gravata: ela seria mais uma demonstração de seu comportamento machista. A ponta do acessório, sugerem alguns articulistas, guiaria o olhar do interlocutor pa-

BRENDAN MCDERMID/REUTERS. MIKE SEGAR/REUTERS. EVANDRO BERTOL

ra aquela região abaixo da linha do Equador. O curioso é que Trump tem sua própria marca de gravatas e, portanto, bem poderia ser um modelo de como usá-las. "Como regra geral, a peça não deve ultrapassar a fivela do cinto, e a parte de trás do acessório deve ser afixada na alça, para não ficar aparecendo nas laterais", orienta o estilista Ricardo Almeida.

A origem da gravata moderna remonta ao século XVII e à corte de Luís XIII, na França. Durante a Guerra dos Trinta Anos, mercenários croatas contratados pelo rei usavam um pedaço de tecido ao redor do pescoço para amarrar seu uniforme. Apesar de funcional, a peça tinha um efeito decorativo que agradou a Luís XIII. O monarca gostou tanto do acessório que o tornou obrigatório em eventos da realeza. Para reverenciar os soldados croatas, batizou a peça de *cravate* — corruptela de *croat* —, que gerou o termo "gravata" em português.

Como surgiu e se disseminou em um ambiente solene, a peça acabou perdendo terreno nos últimos anos. Com as startups e as grandes companhias de tecnologia, passou a vigorar um *dress code* corporativo bem mais despojado — quem não se lembra de Steve Jobs e suas indefectíveis calça jeans e camiseta preta? "A moda está cada vez mais se aproximando do esportivo", opina Gloria Kalil, consultora na área. "Mesmo empresas muito rigorosas estão afrouxando suas regras para acompanhar os novos talentos, que não fazem cerimônia para se vestir."

Em junho de 2016, o banco americano J.P. Morgan, considerado um dos últimos bastiões da formalidade, cedeu. Em um memorando, liberou funcionários da obrigatoriedade de usar o acessório e passou a permitir camisas "casuais" e polos. "Ainda assim, a gravata continua importante para o homem que quer exibir poder. O empresário e agora prefeito João Doria, por exemplo, passou a usar menos a peça para não se distanciar da população", diz Ricardo Almeida.

Tudo indica que Trump não permitirá informalidade na sua equipe. No início do mês, o site americano Axios, citando fonte que trabalhou na campanha do presidente, afirmou que o magnata gosta que suas funcionárias "se vistam como mulheres" (leia-se "com vestido"). Foi o suficiente para que a hashtag #DressLikeAWoman (Vista-seComoUmaMulher) fosse parar nos *trending topics* do Twitter acompanhada de fotos de mulheres em trajes que, aos olhos de Trump, seriam "menos femininos". Outro indicador de que os funcionários da Casa Branca não poderão afrouxar o colarinho é que Trump tem se posicionado como a antítese de Barack Obama. Em seu primeiro dia de trabalho, Obama acabou com uma antiquada regra da administração de George W. Bush: a de usar terno e gravata no Salão Oval em qualquer ocasião. É improvável que Trump mude seu estilo. Ele não segue tendências. Ele inventa moda. ■

FAÇA VOCÊ MESMO

Para compor um visual elegante, não basta que o acessório seja bonito. É preciso saber dar um nó benfeito. "Eu, particularmente, gosto mais do windsor", diz o estilista Ricardo Almeida. Eis os mais utilizados:

AQUI | APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E DIVIRTA-SE COM MEMES SOBRE A GRAVATA DE TRUMP

A VOLTA DA DEVASTAÇÃO

Na década passada, a preservação da Floresta Amazônica foi referência de sustentabilidade. Em 2016, porém, o desmatamento disparou, o que compromete acordos do país com a ONU

HÁ OITO ANOS, O BRASIL SURPREENDEU o mundo ao se dispor voluntariamente a reduzir a tendência de aumento de suas emissões de gases de efeito estufa. Uma política que sinalizou um claro comprometimento do país com o combate ao aquecimento global. O principal elemento dessa política de sustentabilidade seria uma acentuada redução dos desmatamentos da Floresta Amazônica, projetados para cair abaixo de 3900 quilômetros quadrados ao ano, até 2020. Uma meta, portanto, que estaria próxima da data na qual deveria ser cumprida. Noutras palavras, um objetivo que se revela cada vez mais urgente, diante das recentes notícias de que o aumento da temperatura do planeta se acelerou, com 2015 e 2016 registrando as mais altas temperaturas globais dos últimos dois séculos. Na contramão de suas promessas e de seus ditos objetivos, no entanto, o Brasil tem retrocedido.

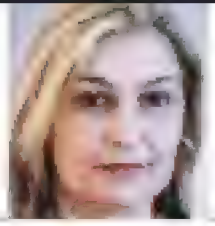
Por quase uma década, a mais positiva notícia da área ambiental vinha da diminuição, ano a ano, de desmatamentos na Amazônia — a taxa anual caiu de hoje impensáveis 28 000 quilômetros quadrados em 2004 para 4 600 em 2012, uma redução de 83%. Nos últimos tempos, contudo, a tendência se inverteu. Descobrimos, agora, que em 2016 foi registrado quase o dobro de desmatamento de cinco anos atrás: um total de 8 000 quilômetros quadrados. Se continuar assim, as metas sustentáveis assinadas pelo país, em compromisso firmado com a ONU, não serão mais viáveis.

Para compreendermos o problema, é preciso, em primeiro lugar, identificar as causas principais da redução dos desmatamentos após 2004. Um grande número de estudos científicos descartou o que se pensava, até dez anos atrás, ser a força principal da dinâmica dos desmatamentos: a variação dos preços das commodities agrícolas carne e soja e o aumento da demanda global por esses produtos. Em um assombro, a produção agropecuária da Amazônia cresceu ininterruptamente, enquanto os desmatamentos despencavam. Essas pesquisas também identificaram a implementação efetiva de políticas públicas de controle e redução de desflorestamento como o elemento indutor da queda. Considerando que a quase totalidade dos desmatamentos é ilegal, essa ação foi enérgica em atacar frontalmente a ilegalidade com intervenções do Ibama, da Polícia Federal e do Ministério Público. Foram efetivos a fiscalização e o desbaratamento do crime organizado, sobretudo de quadrilhas de extração ilegal de madeira e grilagem de terras públicas. A essa ação continuada de comando e controle, acrescentaram-se ainda iniciativas de restrição de créditos, subsídios a práticas sustentáveis, a criação de áreas de proteção e a regularização e a demarcação de terras indígenas. Por fim, ajudou a atuação de conscientização para o consumo responsável, o que alavancou acordos que levaram a iniciativa privada, a exemplo das grandes cadeias de frigoríficos e de supermercados, a promover projetos sustentáveis.

Dois fatores podem estar na raiz do recente aumento dos desmatamentos. Em primeiro lugar, comprovou-se uma relação direta de causa e efeito entre ações de fiscalização e desmatamento. As crescentes restrições orçamentárias dos governos federal e estaduais, devido à queda de arrecadação, interromperam ou atrasaram justamente essas ações de combate a ilegalidades. Num segundo ponto, outro fator pode ter contribuído para o aumento da destruição: as consequências de mudanças na legislação ambiental. O novo Código Florestal, aprovado em 2012, trouxe alguns aspectos positivos, como o Cadastro Ambiental Rural, que visa a monitorar a produção de fazendeiros. Mas, por outro lado, carregou nas tintas da desregulamentação e perdoou em grande parte os desmatamentos ilegais cometidos até 2008. O problema: isso sinaliza que, em algum momento do futuro, novos desmatamentos ilegais serão perdoados. Logo, os crimi-

O sentimento de impunidade, motivado pelo perdão a quem desmatou antes, incentiva novos cortes na Amazônia

CARLOS A. NOBRE*



ANA PAULA DUTRA DE AGUIAR**

nosos responsáveis por tal ato não têm medo de continuar com a devastação.

Da mesma forma, embora hoje 55% da Floresta Amazônica esteja sob algum tipo de proteção, recentes alterações nos limites de áreas protegidas na região também sinalizam o balanço desigual de forças entre interesses privados (agronegócio, mineração e obras de infraestrutura) e públicos. Além disso, muitas das unidades de conservação continuam não consolidadas e, por essa razão, são tidas como fragilmente implementadas.

Como dizia a geógrafa brasileira Bertha Becker (1930-2013), coexistem diferentes momentos de tempo-espaço na Amazônia. Enquanto em alguns lugares há iniciativas de intensificação da conservação, em outros sobrevive a mentalidade da grilagem e da violência rural. Diante de tal realidade, é possível explicar, por exemplo, a resistência de grandes proprietários de terra à divulgação de documentos básicos, como a certificação de origem de seus produtos. O temor deles é que, se for provado que, na realidade, não possuem certificação sustentável, os consumidores, conscientes, poderão evitar a compra de seus frutos agropecuários.

As áreas desmatadas na Amazônia brasileira já chegam a quase 800 000 quilômetros quadrados. Estudos recentes mostram ser factível atender à demanda por produtos agrícolas sem desmatamentos adicionais — não apenas na Amazônia, como em todos os biomas brasileiros —, por meio de aumento de produtividade, em especial nas áreas de pastagem. Os desmatamentos ilegais devem ser duramente combatidos, sem tréguas, e a rede de áreas protegidas precisa de fortalecimento. Ainda que o quadro recessivo presente possa impor dificuldades de ações que dependem de orçamentos públicos, vivemos num momento único de nossa história em que a população aspira a que o Brasil adentre finalmente o rol de um Estado democrático de direito. Uma das consequências necessárias para tanto será a manutenção de nosso patrimônio natural, como a Floresta Amazônica, sem diminuir nosso potencial como grande produtor de alimentos.

Somente um conjunto de ações integradas, visando a áreas públicas e privadas, poderá controlar e, idealmente, zerar o desmatamento e a degradação na Amazônia. Um dos caminhos é investir em tecnologia. Ferramentas modernas de observação das alterações da vegetação, com o uso de sensores a bordo de satélites — desenvolvidos pioneiramente no Brasil, pelo Inpe — detectam quase em tempo real os desmatamentos ilegais. Isso tem sido fundamental para coibir e punir a prática ilegal. É notável o

avanço na nossa capacidade de observar a Terra remotamente. Artigo publicado na revista *Science* em janeiro, assinado pelo pesquisador americano Greg Asner, reporta o uso de uma nova tecnologia: com base em imagens a laser obtidas por aeronaves, discriminaram-se áreas de máxima biodiversidade na Amazônia peruana e nos Andes. Ambas as regiões são prioritárias para conservação. As informações, portanto, existem e são coletadas. Para reverter o cenário, agora desanimador, da Amazônia, basta o país não olhar para o outro lado. ■

*** Carlos A. Nobre é professor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), pesquisador do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais, membro da Academia Brasileira de Ciências e da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza**

**** Ana Paula Dutra de Aguiar é pesquisadora do Inpe**

16 000

PESQUISAS

são fraudadas por ano, segundo estimativa de um estudo da Universidade de Exeter, na Inglaterra

AS MENTIRAS QUE A CIÊNCIA CONTA

O software statcheck já se mostrou capaz de detectar erros em artigos científicos. Agora, uma evolução dele pretende flagrar fraudes – mesmo as bem elaboradas **JENNIFER ANN THOMAS**

SEIS EM CADA DEZ pessoas não conseguem manter uma conversa de dez minutos sem mentir ao menos uma vez — mesmo que seja, digamos, mentirinha social. Pode acreditar: isso não é uma lorota. É o resultado de um estudo feito por psicólogos da Universidade de Massachusetts, nos Estados Unidos, há quinze anos. Desde então, o que mudou não foi quanto tentamos enganar o próximo, mas sim onde e como isso é feito. As redes sociais tornaram a disseminação da mentira algo tão veloz e poderoso como nunca se havia visto. O fenômeno deu origem, por exemplo, ao que se chama, no termo em inglês, de *fake news* (notícias falsas). São histórias fictícias que, nas redes, ganham ares de verdade. As *fake news* têm efeitos destruidores: uma delas, que viralizou no ano passado e acusava de pedofilia o dono de uma pizzaria americana, acabou por criar uma perseguição ao empresário que culminou com um homem armado ameaçando-o (felizmente, ele foi preso antes de provocar uma tragédia). Esse mundo das mentiras virtuais tomou tamanha dimensão

que chega a afetar a imagem até mesmo de uma categoria usualmente crível: a dos cientistas.

Nos últimos anos, tornaram-se frequentes as denúncias de estudos que falsificam dados — quando não copiam por completo outras pesquisas — e são desmascarados on-line. No entanto, se a tecnologia, aqui representada pela web, parece ter apontado uma lupa para esse problema, também há indícios de que virá dela a solução. Uma das primeiras indicações de resposta começou a se desenhar em 2015. Foi quando a psicóloga holandesa Michèle Nuijten escreveu, com três colegas da Universidade Tilburg, um artigo na revista científica *Nature* no qual apresentava os resultados de um software desenhado para verificar informações publicadas por universidades.

Com base em um algoritmo capaz de refazer contas e checar a veracidade de dados diversos, a ferramenta, batizada de statcheck, analisou, em um primeiro estágio, pesquisas divulgadas entre 1985 e 2013. Em apenas duas horas de operação, foram identificados erros em 13% de 16 700 desses textos. A partir daí, o programa foi aplicado, com eficiência quase completa, a cerca de 50 000 artigos. "Nesse primeiro momento, fabricamos um tipo de corretor para estatísticas que revisa erros, mas não aponta fraudes. Há, agora, um programa que está sendo desenvolvido para flagrar também os dados fabricados, as cópias e outras práticas condenáveis de alguns colegas", contou Michèle a VEJA.

O novo projeto é liderado pelo psicólogo holandês Chris Hartgerink, coautor do estudo de 2015, ao lado de Michèle. Depois de lançar o statcheck, ele mergulhou no desafio de fazer o software evoluir para detectar também fraudes. Para isso, pediu o auxílio de colegas, que lhe enviaram estudos reais misturados com falsos, fruto de dados manipulados. O programa, ainda sem data para ficar pronto, deverá ser dotado de um algoritmo que conseguirá, automaticamente, examinar esse material e detectar o que é forjado. Nesse quesito, o esforço de Hartgerink em muito se assemelha ao de gigantes do Vale do Silício, a meca da tecnologia na Califórnia, como Google e Facebook. Ambas as empresas têm se empenhado para criar soluções tecnológicas capazes de também separar o joio do trigo em redes sociais, sites de busca e outros produtos da era conectada.

Em pesquisa feita em 2009, 2% dos acadêmicos admitiram já ter falsificado informações – um número obviamente baixo, pois só inclui os arrependidos

Obviamente, não é de hoje que se mente (ou se erra, intencionalmente ou não). Inclusive no ramo científico. Em 1989, por exemplo, os eletroquímicos Stanley Pons e Martin Fleischmann juraram ter feito experiências de fusão nuclear em baixas temperaturas, o que foi recebido como uma notícia incrível — e seria mesmo, se fosse verdade. O desmentido demorou a ser divulgado. E só ocorreu por meio de cientistas que tentaram repetir o feito, sem êxito (uma das bases do método científico é que um experimento só é validado quando pode ser replicado com os mesmos resultados). Em 2009, um estudo conduzido pela Universidade de Exeter, na Inglaterra, concluiu, com base em entrevistas, que 2% dos acadêmicos admitiram ter falsificado informações (uma estimativa baixa, obviamente, visto que foram computados apenas aqueles que assumiram a prática). O que a internet fez foi jogar um holofote sobre os fraudulentos. Hoje, assim que um estudo é divulgado, ele passa a ser julgado no ambiente virtual. Com isso, cópias e falhas são mais facilmente detectadas — por um especialista que lê sobre o assunto em um site, pela vítima da fraude ou talvez por outro cientista que tenha recebido a pesquisa na timeline de seu perfil no Facebook.

A exposição ao ambiente on-line fez com que, desde 2014, a presença de dados forjados ou fraudados fosse a principal razão da remoção de artigos científicos do universo da ciência. Mesmo assim, em 2015 contabilizaram-se apenas 684 estudos vetados por esse motivo, um número muito aquém do que deve ser a realidade. Se fossem levados em conta apenas aqueles 2% que admitiram já ter reproduzido informações falhas, deveriam ser vetados nada menos que 16 000 artigos, de uma média anual de 800 000 publicados no planeta. Essa disparidade se deve a uma questão simples: até hoje, para identificar o problema, dependia-se de informantes dispostos a desgastar-se com acusações direcionadas a colegas. Nesse quesito, substituir cada vez mais a análise humana pela varredura de um algoritmo poderá ser a chave para detectar e coibir a prática antiética da minoria de mentirosos. Isso, claro, se o algoritmo for infalível. ■

© NEBREROS

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E OUÇA O TEXTO DESTA REPORTAGEM

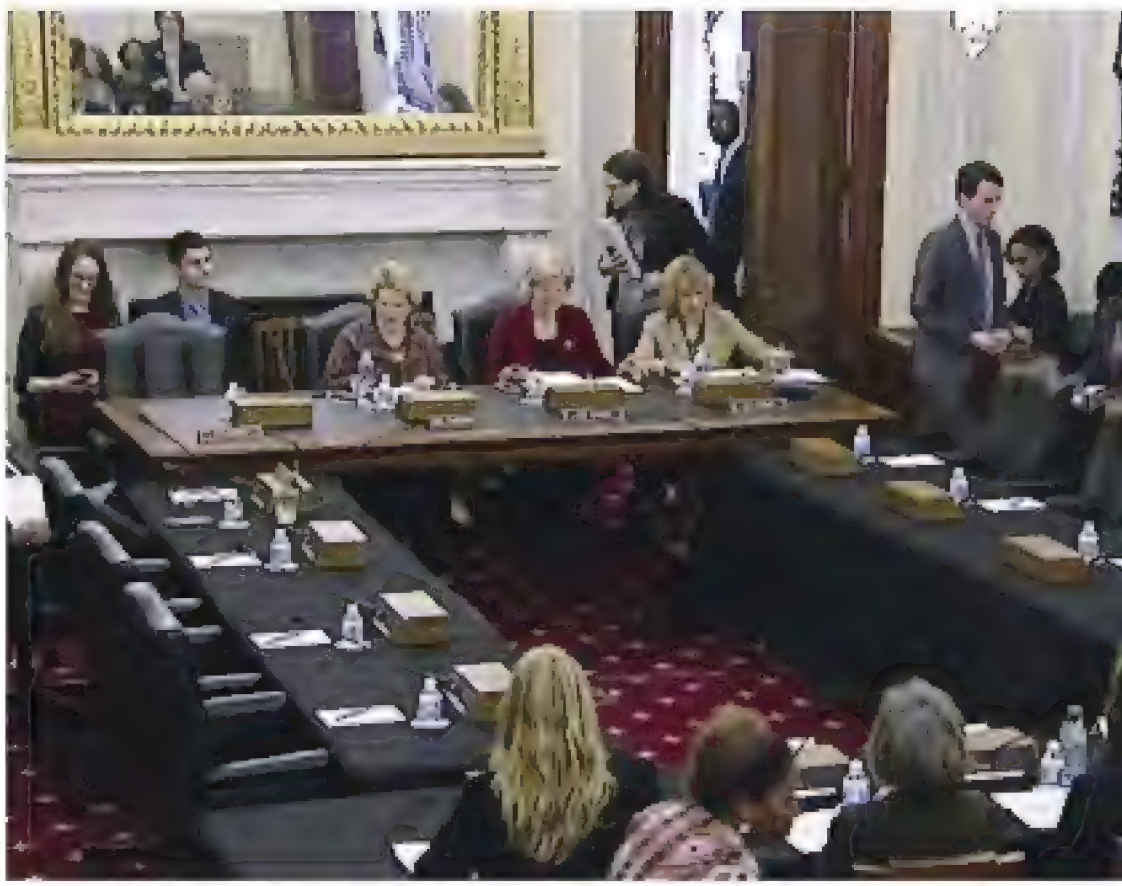
A VIDA NUA E CRUA

O sucesso dos vídeos exibidos ao vivo pelas redes sociais leva ao ar o que há de mais agradável e útil na sociedade – mas também as facetas obscuras de todos nós **FILIPE VILICIC**

ÀS 13H30 da quarta-feira 15, o ator e ativista americano Ashton Kutcher falava, ao vivo, em uma audiência com senadores em Washington em nome de uma organização de defesa das crianças que ele próprio fundou. Naquele exato momento, no Brasil, 1 000 pessoas assistiam a uma aula de costura. Outras 5 000 viam uma palestra de um pastor. Cerca de 1 000 acompanhavam uma transmissão pirata de uma série de TV dos anos 90. Uma cantora gospel com 500 000 seguidores na internet atraía 3000 espectadores. Na Inglaterra, chamava atenção um vídeo com um tutorial de maquiagem. Na Índia, uma aula de religião muçulmana capturava boa audiência.

Tudo o que foi relatado acima podia ser visto, simultaneamente, no Facebook Live Map, um mapa on-line oferecido desde 2016 pela rede social, por meio do qual é possível checar o que está sendo transmitido pela plataforma — com destaque para aquilo que reúne maior audiência. "Caminhamos para um mundo no qual a grande maioria do conteúdo que as pessoas consomem será em vídeo", apostou Mark Zuckerberg, fundador e CEO da empresa, no ano passado. E completou, agora sobre o streaming em tempo real: "Ao vivo ainda não há como ser editado. É um ótimo meio para compartilhar conteúdo cru e visceral". Ou seja, pela primeira vez na história da comunicação temos como observar o que ocorre agora mesmo, não importa onde, por meio do olhar de qualquer um dos mais de 7 bilhões de habitantes do planeta que aponte sua câmera de celular para o que estiver acontecendo.

Claro que a tecnologia de transmissão ao vivo não é inédita. Existe desde que os televisores começaram a se popularizar, na década de 50. Também na internet não é uma novidade: no fim dos anos 90, já havia protocolos de programação para esse fim. O que mudou é que agora a transmissão ao vivo é portátil e barata. "Atualmente temos, no bolso, em nosso smartphone com acesso às mídias sociais, toda a tecnologia necessária para a transmissão instantânea", disse a VEJA o engenheiro de software turco Orkut Buyukkokten, que, em 2004, inventou justamente uma dessas mágicas do imediatismo, o Orkut (o primeiro site do tipo a vingar no Brasil). Antes, era difícil, e sobretudo caríssimo, filmar ao vivo. Hoje, toda aquela megaestrutura de antigamente pode ser substituída por um smartphone comprado em um shopping qualquer. De modo que tudo o que era acessível apenas aos canais de televisão agora está ao alcance da mão.



NOTÍCIAS INSTANTÂNEAS... O nadador americano Michael Phelps, o maior medalhista da história, escolheu usar a internet para anunciar sua aposentadoria, no ano passado; nos Estados Unidos, são mostradas as sessões do Senado

As companhias de tecnologia americanas começaram, ainda de forma comedida, a perceber essa tendência em 2011, quando o YouTube, o maior meio de exibição de vídeos — um terço de toda a população global on-line acessa a página —, lançou sua ferramenta de *live* (termo em inglês que designa as filmagens em tempo real na web). Entretanto, naquela época, o recurso era restrito aos desktops, os computadores de mesa. Quatro anos depois, em 2015, duas startups do Vale do Silício, a Meerkat e a Periscope (depois comprada pelo Twitter), lançaram aplicativos pelos quais os usuários podiam realizar *lives* com smartphones e tablets. Foi o pulo do gato. O aumento da velocidade da internet móvel, combinado à melhoria de processamento dos dispositivos, provou-se capaz de sustentar as gravações ao vivo, sem travar e com boa definição de imagem. Um progresso que fez disparar a porcentagem de donos de celulares que usam os aparelhos para assistir a vídeos. Em 2009, eram 12%. Em 2015, já eram 46%. A previsão é que cheguem a 70% nos próximos dois anos. Meerkat e Periscope, claro, se tornaram um sucesso.

Só no Facebook, 100 milhões de horas de vídeo são transmitidas diariamente. Nos últimos dez meses, multiplicou-se por quatro o número de imagens ao vivo

Logo os gigantes da área notaram a força da nova onda. Em meados de 2015, o Facebook apresentou seu software de *live*. No ano passado, o YouTube (de propriedade do Google) desenvolveu uma versão adequada à tela pequena dos celulares. Há duas semanas o site permitiu o acesso desse novo recurso ao youtuber — nome dado a quem publica gravações por meio da plataforma — que tenha mais de 10000 seguidores. A entrada em cena dos líderes do Vale do Silício deu força ao negócio e acabou por abafar o papel das pioneiras Meerkat e Periscope. Segundo estudo da consultoria eMarketer, realizado em novembro do ano passado, 17% dos espectadores preferem assistir aos *lives* no Facebook, enquanto 16% recorrem ao YouTube, 14% ao Snapchat e, empatados, Periscope e Meerkat ficaram com 10% cada um.

...E ÀS VEZES CHOCANTES A imagem acima, captada por uma americana, flagra um policial matando seu namorado, em gravação exibida em tempo real

Só no Facebook, 100 milhões de horas de vídeos são registradas diariamente. Nos últimos dez meses, o número de *lives* no site multiplicou-se por quatro. A grande maioria é de filmagens caseiras, destinadas a amigos — a exemplo de alguém que grava as artimanhas do próprio gato ou de um usuário que quer se comunicar com familiares distantes. "Mas, além dessas possibilidades rotineiras, o *live* concede uma nova ferramenta para a produção profissional de conteúdo", avalia Luis Renato Olivalves, diretor de parcerias de mídia do Facebook na América Latina.

Olivalves destaca como exemplo os 139 milhões de visualizações de vídeos ao vivo relacionados à Olimpíada do Rio. Outro caso que virou referência de sucesso dos *lives*: em 10 de agosto de 2016, oitenta organizações de mídia, como a americana Fox News, recorreram ao Facebook para mostrar, na hora em que a coisa ocorria, um homem escalando em Nova York a Trump Tower, edifício de propriedade do agora presidente americano Donald Trump. Apenas essas filmagens foram acompanhadas por 14 milhões de espectadores. Os debates presidenciais das eleições americanas no ano passado, marcados pelas discussões entre os então candidatos Trump e Hillary Clinton, também foram exibidos, em tempo real, no YouTube.

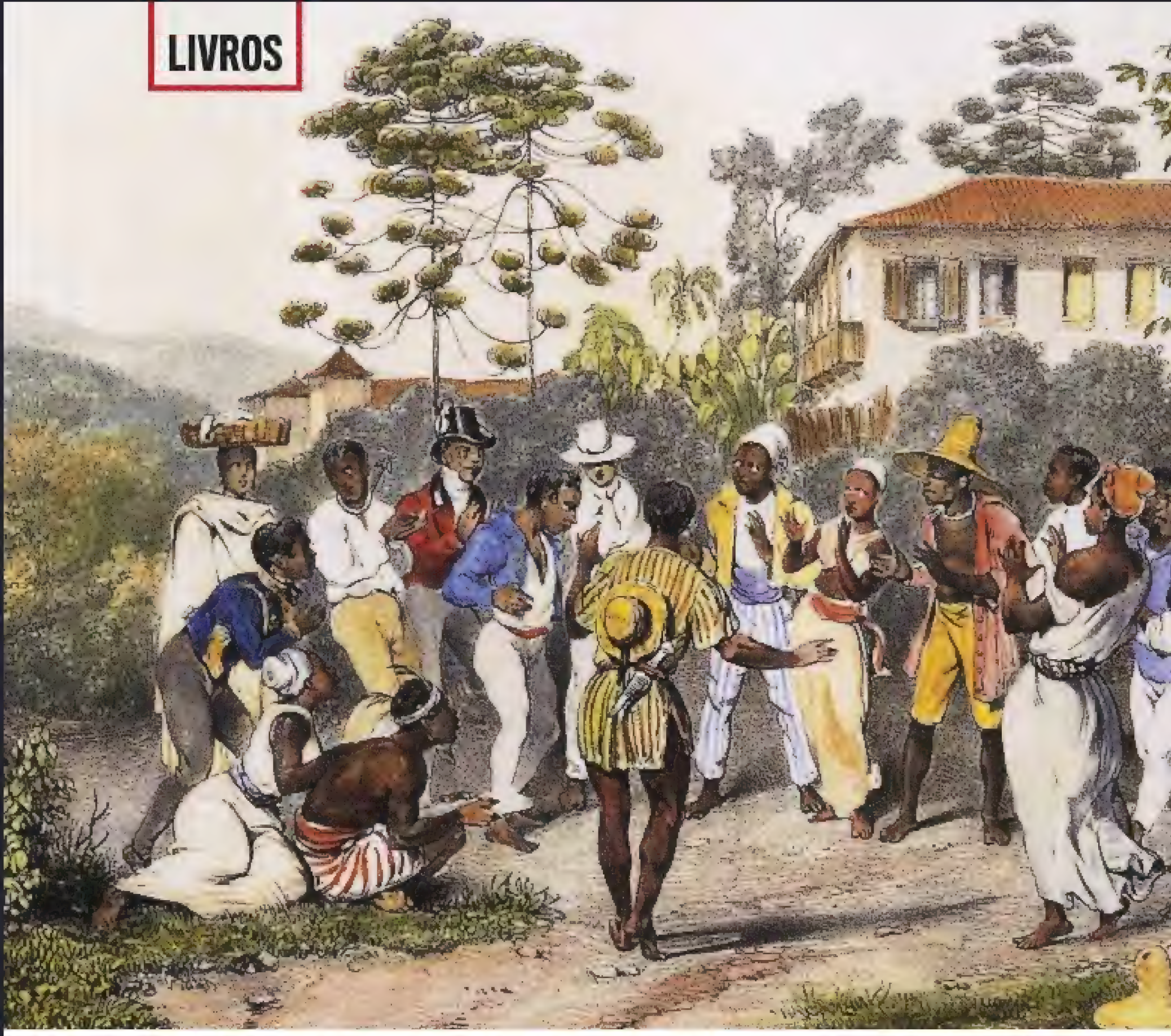
As transmissões não deixam dúvida: os *lives* estão desafiando o tradicional poderio dos canais de TV, uma vez que, hoje, eles disputam com a internet quem leva primeiro ao público as imagens de um acontecimento. Ressalte-se, no entanto, que, por ora ao menos, são os vídeos amadores que dominam a rede. Por exemplo, o streaming em tempo real de maior sucesso no Facebook, com 160 milhões de visualizações desde sua publicação, foi o de uma mulher americana que comemorava a compra de uma máscara do Chewbacca (personagem da franquia *Star Wars*).

Zuckerberg estava certíssimo ao afirmar que aquilo que se vê nos *lives* é o mundo "cru e visceral". Isso inclui as notícias de última hora, as gracinhas de um animal de estimação, o depoimento de uma celebridade e tudo o mais que possa ser gravado. Tudo mesmo: inclusive o que pode haver de pior no ser humano. Em janeiro, três homens transmitiram, pelo Facebook, um estupro coletivo na Suécia. Também já ganharam holofotes assassinatos exibidos pelos próprios homicidas. Além da maldade, entram no bolo facetas mais complexas da espécie. No mês passado, um PM carioca expôs no Facebook seu suicídio. "Confiamos em nossa tecnologia e em nossa comunidade de usuários para fiscalizar o mau uso da inovação", assegurou a VEJA o americano Kurt Wilms, gerente do YouTube responsável pela área de *lives*. Falta combinar com a humanidade.

Tanto o Facebook como o Google desenvolvem no momento softwares capazes de detectar quando as transmissões transgridem leis ou normas de conduta. Além disso, os espectadores podem denunciar vídeos abusivos. No caso do estupro na Suécia, o aviso de um usuário levou a polícia local a prender os bandidos. Sabe-se, porém, que é impossível conter os obscuros instintos do homem. Por essa razão, prepare-se para ver, cada vez mais, todas essas facetas no mundo conectado. Agora, em tempo real. E sem filtro. ■

Com reportagem de Carla Monteiro e Talissa Monteiro

ASSISTA A EXEMPLOS DE *LIVES* QUE VIRALIZARAM NA INTERNET



NO PAGODE *Dança do Batuque*, do alemão Rugendas (1802-1858): um retrato dos primórdios do samba, no século XIX

O RITMO DAS PEQUENAS ÁFRICAS

No primeiro volume de uma trilogia sobre a história do samba, Lira Neto mostra como vários núcleos musicais espalhados pelo Rio criaram o gênero mais popular do país **SÉRGIO MARTINS**

JOSÉ BARBOSA DA SILVA, o Sinhô, estava certo de que acabara de escrever o melhor samba de sua vida. "Teremos muito dinheiro", disse ele à mulher, Nair, depois de passar a noite inteira trabalhando na composição. Naquele ano de 1930, Sinhô já era considerado um nome maior do samba. Foi ele o primeiro a adotar o batuque urbano como profissão: vendia as partituras dos sambas que compunha e reprimia as cópias piratas de suas criações. Ganhou a capa da revista humorística *O Malho* e a admiração do poeta Manuel Bandeira — para o autor de *Carnaval*, Sinhô era "o traço mais expressivo ligando os poetas, os artistas, a sociedade fina e culta às camadas profundas da ralé urbana". Mas ele precisava de um novo estouro: embora houvesse arrebentado a boca do balão com *Jura*, maxixe que ganhou uma gravação bem azeitada de Mario Reis, Sinhô, boêmio e perdulário, vivia endividado. Tanta pressa ele tinha em registrar o samba, ao qual deu o título de *O Homem da Injeção*, que saiu correndo para pegar a balsa que o transportaria da Ilha do Governador, onde morava, para o centro do Rio. Tuberculoso, Sinhô sofreu uma violenta hemoptise e morreu ali mesmo, na balsa. Acredita-se que *O Homem da Injeção* acabou enterrado no bolso do paletó do compositor.

A morte tragicômica do autor de *Quem São Eles* e *Gosto que Me Enrosco* pode ser tida como um marco: era o fim de um período ainda embrionário do samba, gênero que então ainda abrangia maxixes, marchas e lundus, mas estava em transição para um ritmo mais sincopado, próximo ao que escutamos hoje. No Carnaval daquele 1930, o grupo Bando de Tangarás, formado por brancos de classe média — entre eles Braguinha, Almirante e Noel Rosa —, fez sucesso com a canção *Na Pavuna*, a primeira a incluir instrumentos de batucada num estúdio de gravação. Pouco antes, em data

BOÊMIO Sinhô: enterrado com um samba no bolso do paletó

incerta, o Grupo dos Arengueiros, bando de arruaceiros do Morro da Mangueira que tinha entre seus integrantes Cartola e Carlos Cachaça, decidiu dar um tempo nos sururus movidos a navalhadas e cascudos para conclamar os chefes dos blocos locais a desfilar sob um mesmo pavilhão, com as cores verde e rosa. A transição gradual dos maxixes, dos choros e do samba de terreiro para os passos iniciais de sua profissionalização e aclamação como o primeiro ritmo popular brasileiro é contada de forma riquíssima, sem afetações acadêmicas, pelo escritor cearense Lira Neto — autor de excelentes biografias de Maysa, Castelo Branco e Getúlio Vargas — em ***As Origens***, o volume que abre a planejada trilogia ***Uma História do Samba***. Os três livros irão do século XIX até a construção do Sambódromo no Rio de Janeiro, em 1984.

"O samba é filho da dor", canta Caetano Veloso em *Desde que o Samba É Samba*. Lira Neto escolheu esse verso para abrir *As Origens*, que vai

UMA HISTÓRIA DO SAMBA – AS ORIGENS, de Lira Neto (Companhia das Letras; 368 páginas; 64,90 reais)

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS. LEIA TRECHO DA OBRA E OUÇA O TEXTO DA REPORTAGEM

© BIBLIOTECA NACIONAL, ACERVO FM SERU

de 1890 até 1930. Os primórdios do samba remontam, afinal, à escravidão. Os portugueses chamavam de "batuque" o som de tambores tocados em festas na senzala — como aquela retratada, em 1835, pelo alemão Johann Moritz Rugendas *(veja a gravura na página anterior)*. A batucada se transmutou, conforme a região do país, em jongo, embolada, coco de praia e chula. Nas zonas urbanas, misturou-se a gêneros europeus. Daí nasceu o lundu.

Lira Neto concentra sua história na cidade que mais radicalmente juntou e sacudiu todos esses elementos — o Rio de Janeiro. O samba, demonstra o autor, também nasce das desapropriações de terrenos do centro forçadas pelas administrações cariocas no início do século XX, das ondas migratórias vindas da zona cafeeira e da ocupação desordenada dos morros. Como resultado dessas turbulências sociais, surgiram no Rio várias "pequenas Áfricas", cada qual com sua sonoridade e batida. A quase lendária casa da tia Ciata, no centro, não foi o único núcleo de batuque na cidade. Os bairros de Estácio, Oswaldo Cruz (onde imperava Paulo da Portela, criador da escola que levava no nome e sambista que preconizava a elegância até na vestimenta) e Mangueira também eram sede de encontros de bambas. No terreiro da tia Ciata, porém, reunia-se a Santíssima Trindade (expressão de Lira Neto) da música popular do início do século: Donga — que em 1916 registrou em seu nome *Pelo Telefone*, tido como marco inaugural do samba —, Pixinguinha e João da Baiana. Outra frequentadora assídua era Clementina de Jesus, que acaba de ganhar uma biografia *(leia a resenha na pág. 92)*.

Uma História do Samba desmonta mitos criados pelos próprios protagonistas. Alcebíades Barcelos, o Bide, reivindicava a invenção do surdo (relatos de viajantes europeus falavam, no século XVIII, de um instrumento similar no Congo e no Senegal) e Ismael Silva dizia-se criador do termo "escola de samba" (já era usado antes dele). Ismael, aliás, protagoniza um dos muitos casos que dão sabor à narrativa: Lira Neto conta o episódio em que o compositor de *Se Você Jurar* foi preso por fazer o "jogo de chapinha",

LORDE DO MORRO Paulo da Portela *(no destaque)* em um baile: criador de escola de samba que primava pela elegância

GLOBALIZADOS Oito Batutas, de Pixinguinha *(flauta, à esq.)* e Donga *(sentado, à dir.)*: samba, jazz e faquirismo

em que o incauto apostador tem de acertar sob qual chapinha está escondido um miolo de pão.

O livro apresenta figuras pouco conhecidas como o pioneiro Hilário Jovino Ferreira, baiano que migrou para a então capital federal no fim do século XIX. Ferreira criou vários ranchos carnavalescos, ancestrais do Carnaval moderno. Ao engendrar acordos com políticos e pleitear cargos, sagrou-se o arquétipo do sambista que busca ascensão social e aceitação das elites. E as elites, ou parte delas, já apreciavam o samba no início do século XX. O senador gaúcho Pinheiro Machado, figura política poderosa da Velha República, era um entusiasta da batucada. Presenteou João da Baiana com um pandeiro que valia por um salvo-conduto: no corpo do instrumento, estava inscrito que se tratava de um presente do senador (o pandeiro que João da Baiana tinha antes fora confiscado pela polícia). Já a fama de Sinhô corria além do Rio: um ano antes de morrer, ele recebeu uma homenagem no Teatro Municipal de São Paulo, com a presença de dois figurões do modernismo, o escritor Oswald de Andrade e a pintora Tarsila do Amaral.

Mais longe foram os Oito Batutas. O grupo, que incluía mestres como o flautista Pixinguinha e o violonista Donga, excursionou por Paris e por cidades da Argentina. A repercussão que a turma alcançou na França, em 1922, foi tímida, mas os Batutas aprenderam com a noite parisiense: assimilaram a sonoridade do jazz e a adaptaram para o universo do samba (Pixinguinha, aliás, passaria a tocar também saxofone). A excursão argentina, no ano seguinte, teve momentos de penúria — e de comédia, ainda que com toques de sadismo: na cidade de Río Cuarto, o violonista Josué Borges de Barros, alarmado com as dívidas do grupo, resolveu apelar para um inusitado número de faquir. Foi enterrado vivo, prometendo permanecer quinze dias no ataúde — que era equipado com dutos de ar, luz elétrica e até um telefone, para emergências. Como o público logo se desinteressou (e não pagou), o faquir improvisado acabou saindo da tumba no segundo dia, muito debilitado.

Esses anos pioneiros em que o samba tomava o rádio e a incipiente indústria do disco também viram a ascensão de cantores de classe média, que subiam o morro em busca de inspiração — ou, em termos menos idealizados, compravam canções dos sambistas. Foi o caso de Francisco Alves, que arregimentou Ismael Silva, Noel Rosa e Cartola como "parceiros de seus sucessos". Lira Neto, porém, matiza a ideia de que os compositores eram enganados ou explorados por esses intérpretes. Havia uma cumplicidade entre vendedor e comprador, e a venda de canções profissionalizou alguns compositores. Personagens como Cartola e Noel Rosa, que já figuram neste *Origens*, reaparecerão no próximo volume, em 2018, que contará como o samba foi encampado pelo governo de Getúlio Vargas. ■

© FOTOS ACERVO PIXINGUINHA

CANTO BANTO Clementina de Jesus, a Quelé: talento descoberto por acaso, quando trabalhava como doméstica

A RAINHA GINGA NÃO TEM SUCESSORA

Não há cantora que se aproxime da voz negra e rouca de Clementina de Jesus. Mas ela abriu caminhos na música brasileira, como demonstra uma nova biografia **JULIO CESAR DE BARROS**

NESTE ANO em que o samba, representado pelo maxixe *Pelo Telefone*, completa um século de seu lançamento (o disco saiu em janeiro de 1917), outra data engorda a lista de efemérides relacionadas ao gênero: os trinta anos da morte de Clementina de Jesus. A cereja do bolo que marca a data é o livro ***Quelé, a Voz da Cor: Biografia de Clementina de Jesus***, de Felipe Castro, Janaina Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz. Tudo começou como um trabalho de conclusão de curso na faculdade, mas depois de seis anos de pesquisa virou uma obra que preenche um vazio na história da música brasileira de influência africana: a trajetória de uma negra pobre, que deu duro na vida e venceu num campo em que não escolheu jogar — foi nele colocada pelo acaso, e não fez feio.

Nascida na cidade fluminense de Valença, em 7 de fevereiro de 1901, neta de escravos, filha de um operário da construção civil com uma parteira vindos de Minas Gerais, Clementina cresceu no Rio de Janeiro, para onde se mudou com a família ainda criança. Desde pequena, Quelé, apelido que ganhou ainda na cidade natal, teve contato com as mais diversas formas de manifestação musical folclórica, religiosa e popular, das profanas rodas de samba ao ecumênico canto religioso, que ia do ponto de candomblé à ladainha católica, passando por manifestações intermediárias, como o jongo, que têm um pé na terra e o outro no mistério. Morou em Jacarepaguá, na Zona Oeste, mudando-se depois para Osvaldo Cruz, terra de sam-

© ALDYR TAVARES

bistas na Zona Norte do Rio. Dançou o pastoril — auto de Natal que lembra a visita dos reis magos ao menino Jesus — e organizou procissões. Conviveu com Heitor dos Prazeres, Donga, João da Baiana e Pixinguinha. Testemunhou a criação da Portela e frequentou rodas de samba nos quintais do subúrbio, Cidade Nova, Saúde, Gamboa e Praça Onze, a chamada Pequena África, ponto de encontro de sambistas e capoeiras. Conheceu a famosa baiana Tia Ciata, cuja casa era frequentada por pioneiros do batuque urbano carioca. Mãe solteira aos 20 anos, morou também no Morro da Mangueira, levada pelo segundo marido, Albino Pé Grande, com quem se casou em 1950. Integrou-se à verde e rosa, na qual desfilou na ala das baianas e na velha-guarda.

Em 1964, Clementina trabalhava como empregada doméstica no Grajaú e cantava nas horas vagas, quando, aos 63 anos, foi "achada" pelo poeta Hermínio Bello de Carvalho. Pelas mãos de Hermínio, exibiu-se como atração no famoso Zicartola. Num desafio maior, Hermínio a apresentou, acompanhada pelas cordas de César Faria, pai de Paulinho da Viola, no recital *O Menestrel*, no Teatro Jovem, na Praia de Botafogo. Clementina bebeu uma garrafa de vermute para tomar coragem, entrou no palco e o sucesso foi imediato. Saiu aplaudidíssima. No ano seguinte, integrou o elenco do musical *Rosa de Ouro*, ao lado de cobras criadas como Elton Medeiros, Aracy Cortes, Paulinho da Viola e Nelson Sargento, espetáculo que resultou em dois álbuns. Aquele vozeirão indomável contrastava com a refinada delicadeza de Aracy, num contraponto que muito bem representa a riqueza da nossa música. Em pouco tempo foi escalada para representar o Brasil no Festival Mundial de Arte Negra, no Senegal, e num show em Cannes, na França. Em 1968, gravou com os mestres Pixinguinha e João da Baiana o disco *Gente da Antiga*, com composições dos dois parceiros e velhos temas folclóricos que aprendera ainda na roça. Nas décadas seguintes, lançou cinco álbuns-solo e participou de mais produções coletivas, sempre recuperando com sua voz de terreiro o canto ancestral de sua gente, ao qual mesclava novas composições de autores modernos. É antológica sua versão para *Incompatibilidade de Gênios*, de João Bosco e Aldir Blanc.

No palco, parecia uma entidade flutuando até o microfone

Voz cavernosa, grave e potente, quando entrava no palco, toda de branco, pele muito negra, Quelé parecia uma entidade flutuando em direção ao microfone, como ilustra a capa do LP *Marinheiro Só* (1973). Chamaram-na de Rainha Ginga, a valente angolana que enfrentou os portugueses no século XVI, agora renascida nos campos de café do Brasil. "Clementina era uma negra banto. Aliás, o canto dela era o canto de uma negra banto", diz em depoimento no livro o compositor Elton Medeiros. Em 2000, antecipando-se ao centenário de seu nascimento, a EMI editou, com patrocínio da Petrobras, uma caixa com nove de seus álbuns.

A importância de Clementina foi reconhecida em 1983 pelo então vice-governador e secretário da Cultura fluminense, o antropólogo Darcy Ribeiro, que reuniu um time de primeira da música popular para homenageá-la no Teatro Municipal, numa noite de gala para a qual alguns torceram o nariz. Para Darcy, Clementina era "a voz dos milhões de negros desfeitos no fazimento do Brasil".

Quando Quelé surgiu nos palcos, o Brasil vinha da era dos vozeirões. Carlos Galhardo, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Angela Maria e Dalva de Oliveira ainda ocupavam as ondas do rádio, ofuscados pela bossa nova. Clementina era um bicho estranho aos dois universos. A partir dela, gravadoras, artistas e público passaram a receber com maior tolerância as vozes fora da curva, permitindo que compositores se arriscassem como intérpretes de suas canções. Clementina abriu caminho para que gente como os compositores Synval Silva, Cartola e Nelson Cavaquinho pudesse botar voz nos próprios sambas. A cantora morreu em 19 de julho de 1987, de derrame, aos 86 anos. Ela foi pioneira, graças à visão de Hermínio Bello de Carvalho, um grande descobridor e incentivador de talentos de todos os matizes. Seu legado é significativo no contexto da contribuição dos negros para a música popular brasileira. A Rainha Ginga não deixou sucessora, mas sua saga, sociologia à parte, está bem contada neste livro que chega agora às livrarias. ■

QUELÉ, A VOZ DA COR: BIOGRAFIA DE CLEMENTINA DE JESUS, de Felipe Castro, Janaina Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz (Civilização Brasileira; 384 páginas; 49,90 reais)

MV APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E LEIA TRECHO DA OBRA

ALTA OCTANAGEM

John Wick – Um Novo Dia para Matar reafirma, com elegância (e violência), o que já se sabia desde *Velocidade Máxima* e *Matrix*: Keanu Reeves é o Baryshnikov da ação **ISABELA BOSCOV**

EM *JOHN WICK — Um Novo Dia para Matar* (*John Wick: Chapter 2*, Estados Unidos, 2017), já em cartaz no país, Keanu Reeves faz de esterçar o volante de um Mustang 1969 uma forma de arte. O mesmo vale para a maneira como Keanu empunha uma arma: a flexão do punho na hora de trocar o pente de balas é de uma precisão e leveza sublimes. Quando ele chuta e esbofeteia uma dúzia de adversários ao mesmo tempo, e então gira sobre um dos joelhos para disparar contra outra dúzia que se aproxima, é quase como ver Mikhail Baryshnikov dançando *O Corsário:* uma combinação única de potência, graciosidade e masculinidade. Até ao provar um terno, conversando com o alfaiate com aquela sua canastrice cativante, o astro ilustra as razões pelas quais há três décadas, apesar dos sumiços ocasionais, é um fenômeno: Keanu transforma suas limitações dramáticas em trunfo, compensando-as com senso de humor, carisma prodigioso e uma maneira de se movimentar em cena que é uma rica expressão de personalidade.

O assassino profissional John Wick, sempre doido para se aposentar e sempre trazido de volta à refrega, é um personagem concebido especificamente para Keanu por alguém que conhece a fundo a fisicalidade do ator — Chad Stahelski, que foi seu dublê e treinador na série *Matrix*.

Stahelski estreou na direção com a primeira aventura de Wick, *De Volta ao Jogo*, de 2014, e estabeleceu um culto ao seu estilo de *gun fu* (ou enfrentamentos com armas que seguem a imaginação coreográfica das artes

CÃO BRAVO Keanu, como o assassino John Wick: balé de violência

marciais). Seu sucesso se deve em partes iguais à habilidade cenográfica e ao humor absurdo: Wick, uma lenda entre seus pares (certa feita, matou três homens com um lápis), entrava em modo de aniquilação por lhe terem matado o cachorrinho e roubado o Mustang. Combinando a cartilha de Quentin Tarantino com a de games como *Grand Theft Auto*, o diretor orquestrava uma orgia de violência que poderia ser pavorosa, mas resultava antes de tudo teatral e brincalhona.

Nesta continuação, Stahelski eleva exponencialmente a octanagem da ação e também o coeficiente cômico. Wick retorna ao Hotel Continental, dedicado a atender às exigências peculiares dos assassinos profissionais, e pela primeira vez o concierge imperturbável interpretado por Lance Reddick vacila. Quando Wick pede que deem um jeito num terno encharcado de sangue, ele objeta: "Nem a nossa lavanderia é tão boa assim". Wick requisita os serviços do sommelier — e segue-se uma cena hilariante, em que o assassino e o impagável Peter Serafinowicz discutem as armas disponíveis com o vocabulário da enofilia. Perseguido por todos os assassinos profissionais de Nova York, Wick só tem uma pessoa a quem pedir ajuda: o falso mendigo vivido por Laurence Fishburne (Neo e Morpheus, de *Matrix*, se reencontram). São inúmeros os prazeres de *Um Novo Dia para Matar*. Mas o maior e melhor deles é, sem dúvida, Keanu Reeves, um ator como nenhum outro quando se levanta do chão, dolorido, depois de ser socado, atropelado, esfaqueado ou alvejado, e se reapruma com sua elegância impossível para ir fazer estrago com armas, facas, carros — ou lápis e canetas. ■

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA AO TRAILER

JOSÉ F. BOTELHO

ANO TÃO FEIO E TÃO BELO NUNCA VI

Bowie morreu em 2016, mas Shakespeare vive

APÓS MÊS E MEIO de ponderação, tive de me render às evidências: o ano de 2016 merece a malfazeja reputação que nele se grudou antes mesmo de terminar. Foi tamanha a caipora despejada sobre a perplexa humanidade, no Brasil e alhures, que talvez nem seja prudente evocar agrura por agrura. (Eu sei que gente boa morre todos os anos; mas Bowie, Prince, George Michael e, ao cair do pano, Carrie Fisher? Há quase uma quebra de verossimilhança aí.) Coerentemente horrível até seus últimos suspiros, o tétrico 2016 andou parafraseando o Rei Lear ao pé de nosso ouvido: "As coisas que farei, as coisas que farei... Elas serão os terrores deste mundo". Por outro lado, e pegando carona na citação, eu me alegro em notar que nem tudo foram pedradas do Fado. Houve, sim, razões para celebrar, e as houve em uma área talvez insuspeitada: o destino da obra de Shakespeare no Brasil. Nesse ano cheio de som e fúria, em que tanta coisa parecia nada significar, o bardo mostrou estar vertiginosamente vivo entre nós.

Para começar, 2016 consagrou a mais soberba e criativa tradução brasileira daquela que é considerada por muitos a obra-prima shakespeariana. Há aí uma história preciosa, que merece ser contada com certa minúcia. O gaúcho Lawrence Flores Pereira traduzira *Hamlet* em 2003, mas o texto ficou inédito por mais de uma década, aparecendo em livro apenas em 2015. A demora acabou se mostrando providencial: o *Hamlet* de Lawrence saiu do prelo na hora exata para ganhar o Prêmio Jabuti de 2016 — desfecho que coincidiu, num acaso surpreendente, com a celebração dos quatro séculos da morte do dramaturgo. *Touché*. Anunciado pouco depois, o *Otelo* de Lawrence sai em março, também pela Companhia das Letras, em associação com a Penguin Books — a mesma editora, por coincidência, que passou a publicar em 2016 minhas próprias traduções das obras de Shakespeare.

A todas essas, enquanto nosso *annus horribilis* avançava, com o dólar roçando nos 4 reais, escolas de pernas para o ar e todo mundo batendo boca na internet, um renovado sopro de bardolatria se espalhou entre o público leitor — especialmente o público jovem. Sobre esse capricho do destino, posso acrescentar um causo pessoal de nuanças salvíficas. Estava eu andando pelo Bom Fim, em Porto Alegre, atordoado por um dos períodos mais turbulentos na história recente da cidade, quando topei com um grupo de meninos e meninas vendendo rifa numa esquina. Quase por acaso, perguntei para que usariam o dinheiro. "Montar uma peça", disseram. A escola — pública — estava sem verbas, e os estudantes, por conta própria, resolveram recorrer à gentileza de estranhos. "Que peça vocês querem montar?", perguntei. "*Romeu e Julieta*", disseram. E ali, na pulsação do caos nacional, enquanto uma viatura passava zunindo pela rua, puxei da mochila um livro: e não era outro senão a minha própria tradução de *Romeu e Julieta*, cujos primeiros exemplares a editora me enviara naquele mesmo dia.

Intrigante, 2016. Muito intrigante. ■

© DIVULGAÇÃO; WEDERSON SANTIAGO

VEJA RECOMENDA

CINEMA Rolf Lassgard em *Um Homem Chamado Ove*, candidato sueco ao Oscar: um suicídio sempre adiado

CINEMA

UM HOMEM CHAMADO OVE

***(En Man Som Heter Ove*, Suécia, 2015. Já em cartaz no país)**

Ove (Rolf Lassgard) é um sujeito irascível. Não há pequeno descuido ou desleixo alheios que ele seja capaz de perdoar, e que não o faça esbravejar. Aos 59 anos, viúvo e desempregado, ele decide que já se fartou de tanta incompetência; o melhor é se matar e ir se juntar à mulher. As pequenas necessidades dos seus vizinhos, porém, a toda hora interrompem seus rituais suicidas: Ove não resiste a resolver um problema. E, embora resista muito à gratidão, encontra pela frente uma persistência até maior do que a sua — a de Parvaneh (Bahar Pars), que está muito grávida do terceiro filho e acabou de se mudar para a casa em frente. O tema é clássico, mas a direção imaginativa de Hannes Holm e a interpretação excelente dos dois protagonistas revigoram o candidato sueco ao Oscar.

CINEMA *Minha Vida de Abobrinha:* uma animação pequena, mas grandiosa

MINHA VIDA DE ABOBRINHA

***(Ma Vie de Courgette*, França/Suíça, 2016. Já em cartaz no país)**

Embora seja azarão no Oscar (*Zootopia* domina o páreo), esta animação franco-suíça em stop motion é primorosa — e comovente, na discrição com que a direção de Claude Barras e o roteiro de Céline Sciamma (de *Tomboy* e *Garotas*) seguem o garoto Abobrinha, que, aos 9 anos, ao perder a mãe alcoólatra, vai para um orfanato. Entre outras crianças com passado tão brutal quanto o seu, Abobrinha forma uma espécie de família — a qual inclui o policial terno que o levou para lá e outra recém-chegada, Camille, que aglutina os órfãos com sua autoconfiança. Pequeno, mas grandioso.

DISCO

ONLY GHOSTS,

de Red Fang (For Music)

O quarteto surgido em Portland, nos Estados Unidos, vem sendo saudado como um provável sucessor do Metallica no coração dos *headbangers*. O veredicto é exagerado, mas o Red Fang

DIVULGAÇÃO

— que vem ao Brasil em maio — tem qualidades próprias, que o distinguem muito do Metallica. O grupo faz uma espécie de metal pop, que pode ser apreciado por quem não é tão adepto do peso e da distorção. *Cut It Short* e *Not for You* são ótimas para tocar nas rádios de rock, e *The Smell of the Sound* traz ecos do Black Sabbath.

TELEVISÃO

BIG LITTLE LIES **(Estados Unidos, 2017. Estreia no domingo 19, às 23h, na HBO)**

Em uma cidadezinha, dois incidentes — um homicídio e a agressão a uma menina — escancaram a rinha entre mulheres. A faladeira Madeline (Reese Witherspoon) adora fuçar a vida alheia, mas ressente-se com a felicidade do ex; a bem-sucedida Renata (Laura Dern) sofre com a inveja das outras; e Celeste (Nicole Kidman) exala melancolia, embora tenha um maridão cobiçado. Quando uma forasteira e seu filho chegam, o precário tecido social se rompe. Criada por David E. Kelley *(Ally McBeal)*, a minissérie renova premissa clássica — a do lugarejo que esconde traumas sob o véu das aparências. Ao entremear fofocas e quebra-cabeça criminal, Kelley arma um suspense engenhoso. ■

TELEVISÃO Reese, a faladeira

APONTE A CÂMERA PARA ESTAS PÁGINAS E ASSISTA A TRAILERS E OUÇA O DISCO NO SPOTIFY

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA** Augusto Cury (1↑16) SEXTANTE
2. **QUATRO VIDAS DE UM CACHORRO** W. Bruce Cameron (2↓12) HARPERCOLLINS BRASIL
3. **COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ** Jojo Moyes (5↓53★) INTRÍNSECA
4. **DEPOIS DE VOCÊ** Jojo Moyes (6↓52) INTRÍNSECA
5. **CINQUENTA TONS MAIS ESCUROS** E.L. James (0↓61★) INTRÍNSECA
6. **GREY** E.L. James (0↓55★) INTRÍNSECA
7. **SIMPLESMENTE O PARAÍSO** Julia Quinn (0↓1) ARQUEIRO
8. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell (3↓2) COMPANHIA DAS LETRAS
9. **A GAROTA NO TREM** Paula Hawkins (7↓52★) RECORD
10. **A SOMA DE TODOS OS BEIJOS** Julia Quinn (0↓1) ARQUEIRO

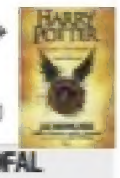
NÃO FICÇÃO

1. **RITA LEE: UMA AUTOBIOGRAFIA** Rita Lee (1↓13) GLOBO
2. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari (6↓154) L&PM
3. **NOVOS CAMINHOS, NOVAS ESCOLHAS** Abilio Diniz (3↓14) OBJETIVA
4. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank (2↓134★) RECORD
5. **HUMANO DEMAIS** Rodrigo Alvarez (4↓11) GLOBO
6. **MENTES DEPRESSIVAS** Ana Beatriz Barbosa Silva (5↓7★) PRINCIPIUM
7. **HOMO DEUS** Yuval Noah Harari (7↓11) COMPANHIA DAS LETRAS
8. **LAVA JATO** Vladimir Netto (9↓32) PRIMEIRA PESSOA
9. **O QUE TEM NA GELADEIRA?** Rita Lobo (8↓21) SENAC SÃO PAULO
10. **SONHO GRANDE** Cristiane Correa (0↓124★) PRIMEIRA PESSOA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?** Mario Sergio Cortella (1↓26) PLANETA
2. **PROPÓSITO** Sri Prem Baba (2↓9★) SEXTANTE
3. **ANSIEDADE** Augusto Cury (4↓158) SARAIVA
4. **TODO MUNDO TEM UM ANJO DA GUARDA** Pedro Siqueira (3↓16) SEXTANTE
5. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg (8↓63★) OBJETIVA
6. **O PODER DA AÇÃO** Paulo Vieira (7↓61★) GENTE
7. **NÃO SE ENROLA, NÃO** Isabela Freitas (9↓13) INTRÍNSECA
8. **ANSIEDADE 2** Augusto Cury (8↓30★) BENVIRÁ
9. **O PODER DO AGORA** Eckhart Tolle (5↓12★) SEXTANTE
10. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker (0↓193★) SEXTANTE

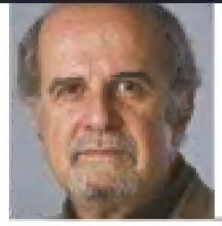
INFANTOJUVENIL



1. **HARRY POTTER E A CRIANÇA AMALDIÇOADA** J.K. Rowling (1↓14) ROCCO
2. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling (5↓135★) ROCCO
3. **O DIÁRIO DE LARISSA MANOELA** Larissa Manoela (7↓32) HARPERCOLLINS BRASIL
4. **AUTHENTIC GAMES – A BATALHA DA TORRE** Authentic Games (4↓21★) ASTRAL CULTURAL
5. **O ORFANATO DA SRTA. PEREGRINE PARA CRIANÇAS PECULIARES** Ransom Riggs (8↓44) LEYA BRASIL
6. **AUTHENTIC GAMES – VIVENDO UMA VIDA AUTÊNTICA** Authentic Games (6↓42★) ASTRAL CULTURAL
7. **EXTRAORDINÁRIO** R.J. Palacio (9↓10★) INTRÍNSECA
8. **ISOLADOS – O ENIGMA** Bibi Tocto (0↓1) NOVO CONCEITO
9. **HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA** J.K. Rowling (0↓118★) ROCCO
10. **A COROA** Kiera Cass (0↓24★) SEGUINTE

Fontes: **Balneário Camboriú** Livrarias Catarinenses; **Belém** Leselivros, Leitura; **Belo Horizonte** Fnac, Leselivros, Leitura; **Belém** Leitura e Companhia; Livrarias Catarinenses; **Brasília** Cultura, Fnac, Leselivros, Leitura, Nobel, Saraiva; **Campinas** Cultura, Leselivros, Leitura; **Campo Grande** Leitura; **Campos dos Goytacazes** Leitura; **Caxias do Sul** Saraiva; **Contagem** Leitura; **Curitiba** Fnac, Leselivros, Livrarias Curitiba, Saraiva; **Florianópolis** Leselivros, Livrarias Catarinenses; Saraiva; **Fortaleza** Cultura, Leselivros, Leitura, Saraiva; **Foz do Iguaçu** Leselivros; **Goiânia** Fnac, Leitura, Saraiva; **Governador Valadares** Leitura; **Guarulhos** Fnac; **Ipatinga** Leitura; **João Pessoa** Leitura, Saraiva; **Joinville** Livrarias Curitiba; **Juiz de Fora** Leitura; **Londrina** Leitura; **Londrina** Livrarias Curitiba; **Macaé** Leselivros, Leitura; **Manaus** Leitura; **Maringá** Livrarias Curitiba; Saraiva; **Natal** Leitura; **Nova Iguaçu** Leselivros; **Palmas** Leitura; **Petrópolis** Nobel; **Pinheiros** Nobel; **Porto Alegre** Cultura, Fnac, Saraiva; **Porto Velho** Leitura; **Recife** Cultura, Leselivros, Saraiva; **Ribeirão Preto** Paralelo, Saraiva; **Rio de Janeiro** Argumento, Fnac, Leselivros, Saraiva, Travessa; **Salvador** Leitura, Saraiva; **Santa Bárbara d'Oeste** Nobel; **Santo André** Saraiva; **Santos** Saraiva; **São José do Rio Preto** Leitura; **São Luís** Leitura; **São Paulo** Cultura, Fnac, Leselivros, Livraria da Vila, Livrarias Curitiba, Martins Fontes, Nobel, Saraiva; **Setor Leste** Leitura; **Sorocaba** Saraiva; **Taubaté** Leitura; **Teresina** Leitura; **Uberlândia** Leitura; **Vila Velha** Saraiva; **Vitória** Leselivros, Leitura; **Internet** Cultura, Leselivros, Leitura, Nobel, Saraiva, Submarino

[↑↓=] posição do livro na semana anterior [★] há quantas semanas o livro aparece na lista [+] semanas não consecutivas



ROBERTO POMPEU DE TOLEDO

DUAS IDEIAS

NA VOLUMOSA categoria das ideias que se sabe fadadas a não pegar, temos: 1) o Supremo Tribunal Federal deveria ser transferido de volta para o Rio de Janeiro; 2) os cargos de vice, do presidente, dos governadores ou dos prefeitos, deveriam ser extintos. Se estão fadadas a não pegar, vale a pena discutilas? Vale, mesmo porque as ideias fadadas a não pegar são, muitas vezes, as melhores. As duas enunciadas acima, além de tidas por impossíveis, não são novas. Ainda assim, os últimos acontecimentos justificam retomá-las.

Para chegar à primeira delas, comecemos por um ensinamento do ex-ministro do Supremo Cezar Peluso. Um juiz deve ter gravidade, dizia ele. Em latim, gravidade fica ainda melhor: *gravitas*. Numa entrevista de 2009 ao site Consultor Jurídico, Peluso queixou-se de que as "virtudes tradicionais do magistrado" estavam sendo deixadas de lado. Que virtudes? "Certa reserva no comportamento, a circunspecção, a gravidade, a prudência." De 2009 para cá, tais virtudes só fizeram rolar escada abaixo. O ministro Gilmar Mendes entra e sai do Palácio do Jaburu para conversas secretas com o presidente Michel Temer. Semelhante promiscuidade já seria ruim mesmo que o ministro não estivesse encarregado de processos em que Temer é parte. Ele está.

O futuro ministro Alexandre de Moraes, de seu lado, não se pejou de entreter-se com um grupo de senadores na chalupa mantida no Lago Paranoá por um deles, o goiano Wilder Morais. Ao tempo de ministro da Justiça, Alexandre de Moraes primou pela fome de microfones e pela vocação a papagaio de pirata. Mais ainda empurrou a *gravitas* para o abismo com a volúpia com que se entregou ao beija-mão dos senadores que vão carimbar sua indicação. A ideia de transferir o Supremo para o Rio é do jurista Dalmo Dallari. Na Alemanha, costuma argumentar, a Corte Constitucional fica em Karlsruhe, a 700 quilômetros de Berlim. No Rio, o Supremo ficaria distante da politicalha brasiliense.

A tese de extinção dos vices tampouco é nova. Não é para se gabar, mas o próprio colunista que vos fala já a abraçou, neste espaço. Na semana passada, o deputado Vicente Cândido (PT-SP) levou-a à Comissão de Reforma Política da Câmara, da qual é relator. O vice, argumentou, é uma figura movida apenas pela "expectativa de um cargo", e, no entanto, gera uma cara estrutura, em funcionários (ele os calcula em 30 000, país afora) e mordomias. Poderia ter acrescentado que a figura do vice projeta sobre os governos uma sombra desestabilizadora. De Floriano Peixoto, o primeiro vice, que ajudou a derrubar o primeiro titular, Deodoro da Fonseca, a Michel Temer, passando por Café Filho, João Goulart e Itamar Franco, os vices, quando não conspiraram abertamente, encarnaram um contraponto regenerador, ou saneador, ao titular.

Extinto o cargo de vice, a sucessão se beneficiaria da legitimidade das urnas

Mais ainda se acentua esse traço à luz das esdrúxulas duplas titular-vice montadas por força do presidencialismo dito de coalizão, com desdobramentos nos planos estadual e municipal. Dilma Rousseff e Michel Temer formaram uma chapa de antípodas. Resultado: o eleitor que votou em Dilma movido por certo elenco de ideias, crenças e percepções viu vitorioso, com a ascensão de Temer, o elenco inverso. Pode-se entrever certo ressentimento petista na proposta de Vicente Cândido. Daí a invalidá-la, só se tivesse efeito retroativo, e viesse a derrubar Temer por ter ocupado um cargo extinto. Como isso não ocorrerá, fique-se com a vantagem de, na vacância de uma chefia de Poder Executivo, assumir não o vice, mas o vencedor em novas eleições. Legitimada pelas urnas, a sucessão tenderia a ser menos controversa e mais justa. Vale a pena discutir ideias que se sabe fadadas a não pegar não só porque são boas. Vale também porque não há sentença eterna a pairar sobre elas, e o que hoje parece impossível amanhã poderá não parecer mais.

•••

Ao confirmar o status do ministro Moreira Franco, com direito portanto a foro privilegiado, o ministro Celso de Mello atacou o pensamento de que isso significaria impunidade. "A prerrogativa de foro (...) não importa em obstrução e muito menos em paralisação dos atos de investigação criminal ou de persecução penal", disse. Seu portador "não dispõe de quaisquer benefícios adicionais", sendo-lhe dispensado tratamento igual "a qualquer outro cidadão". Certíssimo, ministro, sob condição de... O senhor sabe; em todo caso, vai o lembrete: sob condição de que o Supremo processe e julgue. ■

OPORTUNIDADE ÚNICA

Valisere outlet

Soutiens*

por R$ 39,90

Calcinhas*

por R$ 19,90

Vários modelos diferentes.
Somente até 25.02!

* Sujeito a disponibilidade de estoque na loja. Desconto não cumulativo.

ABF EXCELÊNCIA EM FRANCHISING 2016

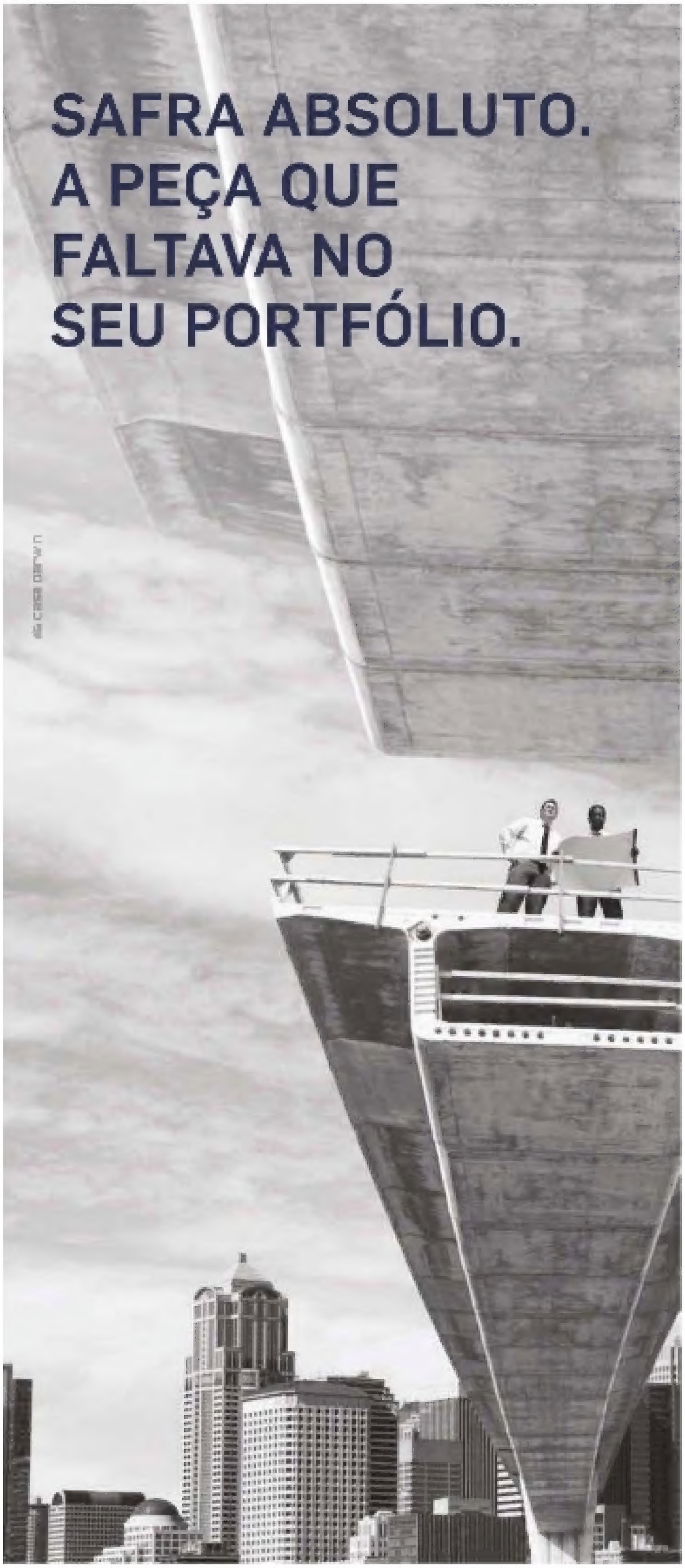
Gracious · Calvin Klein underwear · liz · DARLING · Valisere outlet · un.i

Aqui você pode mais!

outlet lingerie

Seja um franqueado e consulte nossos endereços:
www.outletlingerie.com.br

/OutletL @outletlingerie



SAFRA ABSOLUTO. A PEÇA QUE FALTAVA NO SEU PORTFÓLIO.

SAFRA ABSOLUTO 30 FIC MULTIMERCADO

CDI
158,95%
ACUMULADO EM 110 MESES

SAFRA ABSOLUTO
30 FIC MULTIMERCADO
240,08%
DESDE O INÍCIO
(ACUMULADO EM 110 MESES*)

VARIEDADE, RENTABILIDADE
E SEGURANÇA EM INVESTIMENTOS
É A NOSSA TRADIÇÃO.

Para mais informações, consulte nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Safra
Tradição Secular de Segurança
175 ANOS
GRUPO J. SAFRA

NOME	Classificação ANBIMA	Aplic. Inicial (R$)	Taxa de Adm	Taxa de Performance	Conversão/ Pagamento (dias úteis)	PL Médio (R$ Milhões) dos últimos 12 meses	Início do Fundo	Janeiro a Ano 2017		12 meses		24 meses		Desde o início	
								Fundo %	CDI %	Fundo %	CDI %	Fundo %	CDI %	Fundo %	CDI %
SAFRA ABSOLUTO 30 FIC MULTIMERCADO	Multimercados Livre	R$ 100.000,00	2,00%	20% do que exceder o CDI	D+31/ D+33	R$ 1.939,51	23/11/07	1,01%	109%	15,36%	14,04%	33,95%	29,29%	240,08%	158,95%

ANBIMA
A presente instituição aderiu ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para os Fundos de Investimento.

*Data de início do Fundo: 23/11/2007. Rentabilidade nominal do Fundo no mês de Janeiro de 2017 e acumulada no ano de 2017 [illegible] LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU DO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO – FGC. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. [illegible] Categoria ANBIMA: Multimercados Estratégia Livre. [illegible]